U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

De pedras a lavadouros

Evolução no contexto português

Ana Beatriz Coelho Ruivo

M

2022

de pedras a lavadouros

evolução no contexto português

Ana Beatriz Coelho Ruivo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sob a orientação da Professora Doutora Ana Sousa Brandão Alves Costa

2022

nota prévia:

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram traduzidas pela autora.

As imagens utilizadas foram dimensionadas, cortadas e tratadas, quando se justificou.

O formato digital do documento possui um sumário interativo, permitindo aceder diretamente aos capítulos e subcapítulos. Ao clicar no cabeçalho do lado esquerdo retorna ao sumário. Ao clicar no cabeçalho do lado direito retorna ao início do capítulo/subcapítulo. Os *links* incluídos no documento contêm *hyperlinks*.

é um símbolo que surge ao longo do documento para marcar uma mudança no discurso. Maioritariamente, encontra-se no início de cada capítulo, diferenciando o parágrafo introdutório do seu desenvolvimento. Associamos este símbolo à água, o elemento essencial da lavagem, mas também ao suor, nomeadamente, das lavadeiras que lavavam a roupa manualmente, remetendo para esse esforço.

é um símbolo que se encontra nas legendas de algumas figuras e informa que estas são interativas. Ao clicar na figura terá acesso ao seu conteúdo multimédia.

agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Alves Costa, um sincero agradecimento pela sua disponibilidade, apoio, interesse, rigor e todas as conversas.

Agradeço aos arquitetos José Gigante, Paulo Providência, Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez toda a simpatia, as entrevistas concedidas e a cedência de materiais.

Agradeço às pessoas que aceitaram partilhar comigo as suas experiências nos lavadouros. Em especial, à minha avó por contar parte da sua história.

Agradeço aos meus amigos, em particular:
Ao Bernardo e o João pela ajuda neste trabalho que tomou várias formas.
À Nicoleta por me acompanhar no mundo da arquitetura desde a primeira aula.
À Joana, que em Lisboa me fez sentir em casa, o carinho e a preocupação.
À Carolina por estar presente neste percurso, partilhando alegrias e desânimos.
À Margarida, Lúcia e Mariana pela motivação constante ao longo da realização deste trabalho e pela amizade. Em particular, à Margarida pela ajuda na revisão das entrevistas transcritas.

Agradeço ao Francisco por estar a meu lado, na arquitetura e em tudo o resto.

Agradeço aos meus pais pelo amor incondicional e por tudo, serei sempre grata. E, à Rita por ser a minha companheira de vida.

resumo

Os lavadouros públicos são estruturas históricas que na atualidade associamos a uma certa ruralidade. Todavia, persistem tanto em contextos rurais como urbanos, pontuando os territórios em Portugal. Outrora foram importantes espaços no quotidiano popular por possibilitarem a lavagem da roupa de um modo mais higiénico e por constituírem um local de reunião entre mulheres. Sendo uma temática pouco abordada em arquitetura e de interesse pessoal, através desta dissertação pretendemos contribuir para um conhecimento mais aprofundado destas estruturas, especialmente, no que diz respeito à sua evolução arquitetónica. Desta forma, analisaremos o espaço de lavadouro desde a sua condição de pedra solta até à atualidade, propondo uma reflexão sobre o seu futuro. O trabalho encontra-se estruturado em duas partes. A primeira possui uma abrangência territorial mais vasta e, por sua vez, a segunda incide num contexto mais localizado.

palavras chave:
lavadouro público, evolução, artefacto, arquitetura popular, equipamento público

abstract

Public washhouses are historic structures that currently we associate with rurality. However, they persist in both rural and urban contexts, punctuating the territories in Portugal. Once, they were spaces of major importance in the common daily life for enabling wear wash in a more hygienic way and being a gathering place for women. Being a theme little addressed in architecture and of personal interest, with this dissertation we aim to deepen the knowledge about these structures, especially, concerning their architectonic evolution. Therefore, we are going to analyze the washhouse space from its condition of a loose stone to the present, proposing a reflection about its future. The present work is arranged in two main parts. The first displays a wider territorial approach, while the second one focus in a more local context.

keywords:
public washhouse, evolution, artifact, popular architecture, public equipment

sumário

agradecimentos | VII
resumo | IX
abstract | XI

introdução | 1

parte I - lavadeira e lavadouro | 7

1. povo que lavas no rio | 9
    1.1. representação na arte | 17
2. de pedras a lavadouros | 23
    2.1. mergulho sensorial | 39
    2.2. avó Rosa [testemunho] | 43
3. entre [r]evoluções: desde a Industrial à dos Cravos | 47

parte II - Gaia [Douro] Porto | 65

1. evolução. identificação. mapeamento | 67
    três visões contemporâneas | 79
    1.1. lavadouro da Sé, Porto | 81
    1.2. lavadouro de S. Nicolau, Porto | 89
    1.3. lavadouro da Afurada, Vila Nova de Gaia | 99

considerações finais | 109

fontes de informação | 117
lista de imagens | 127
apêndice | 139
anexo | 215

introdução

A presente dissertação tem como tema os lavadouros públicos, tendo surgido numa primeira conversa entre orientanda e orientadora. Entre os vários motivos que nos levaram a escolher este tema, salientamos, uma motivação pessoal, que se relaciona com as mulheres da minha família, e, em particular, com as minhas avós. Recordo-me desde criança de as minhas avós narrarem histórias associadas aos lavadouros das suas aldeias e à necessidade de se deslocarem até estes para lavarem a roupa. Ao longo dos anos, visitei várias vezes os lavadouros destas aldeias e de outros locais, motivada, geralmente, por uma curiosidade relativa a estes espaços.

A perceção atual que existe sobre os lavadouros é de que estes são espaços pouco utilizados, principalmente, devido ao declínio da sua função original como consequência da mecanização da lavagem e da democratização do acesso à máquina de lavar. Neste trabalho não pretendemos desvalorizar a mecanização, à qual está associada uma melhoria das condições de vida.

O objetivo deste trabalho é entender se a perceção existente corresponde à realidade, propondo uma análise da evolução do espaço de lavadouro, o objeto de estudo. Procurámos construir um olhar diversificado sobre o tema, ainda que sempre em conformidade com a nossa visão. Pretendemos que este trabalho possa servir de base para uma melhor compreensão destes espaços e incentivar intervenções informadas neste tipo de construções. Interessa-nos também através da presente dissertação originar uma reflexão em torno destes espaços. A pertinência deste trabalho reside na sua tentativa de disponibilizar informação útil e tratada sobre uma temática que é pouco abordada, especialmente, no campo da arquitetura.

O método de investigação utilizado desenvolveu-se em duas fases. A primeira

fase consistiu na pesquisa de informação. Procurámos obter informações que ultrapassassem um cariz exclusivamente arquitetónico, relacionando-se com outras áreas com as quais este tema se cruza, nomeadamente, a história, o *design* e a sociologia. Considerámos importante adquirir informação de diferentes épocas e em formatos variados, como por exemplo, textos e imagens. Ao nível textual foi possível recolher textos em prosa, de notícias, poéticos, peças teatrais, letras de músicas, entre outros. Quanto à imagem destacamos três registos, a fotografia, o vídeo e o desenho.

Realizámos esta pesquisa de modo presencial e on-line em várias instituições, entre as quais, arquivos e bibliotecas. Também visitámos plataformas digitais em que se incluem sites de jornais e redes sociais. Outra forma de aprofundar o nosso conhecimento sobre tema foi através de conversas orais. Falámos com utilizadores destes espaços, designadamente, a minha avó Rosa, originando uma entrevista. Entrevistámos também arquitetos responsáveis por projetos de lavadouros, os quais forneceram material relevante para a elaboração da dissertação.

Na segunda fase procedemos ao tratamento da informação. Foi necessário analisar, selecionar e organizar a pesquisa, tendo como base a rede de informação criada anteriormente. Esta filtragem foi realizada ao longo da formulação do trabalho. Ao longo do seu desenvolvimento tentámos transpor para o documento a diversidade de formatos encontrados na fase anterior. A par do texto e da imagem, recorremos ao desenho como uma ferramenta para compreender melhor os objetos de estudo. Não incorporámos apenas desenhos técnicos ilustrativos, como também incluímos desenhos esquemáticos, feitos por nós, necessários à explicação. Para a concretização da presente dissertação, foi essencial ao longo de ambas as fases realizar visitas a lavadouros, com o intuito de proporcionarem um entendimento mais completo destas estruturas.

Em relação à estrutura, o trabalho apresenta três categorias, a parte, o capítulo e o subcapítulo. É constituído por duas partes, a parte I e a parte II, sendo a primeira uma análise geral do tema e, por sua vez, a segunda, uma análise que incide num território específico.

A primeira parte divide-se em três capítulos. O primeiro foca-se nas pessoas que realizavam a lavagem manual, frequentemente mulheres, e inicia o estudo do espaço de lavadouro. Este capítulo possui um subcapítulo em que pretendemos reconhecer a forma como as lavadeiras foram sendo representadas nas diversas disciplinas artísticas. O segundo capítulo dedica-se à evolução formal do objeto de estudo. Este capítulo é composto por dois subcapítulos, um que aborda as experiências sensoriais

nestes espaços e outro sobre o testemunho de uma utilizadora, a minha avó Rosa, que lavava ‘para fora’. No último capítulo desta parte faz-se uma análise dos lavadouros delimitada por um período temporal.

A segunda parte centra-se numa região que engloba Vila Nova de Gaia e Porto, em que tentámos debruçarmo-nos sobre o tema a partir de outras escalas, cada vez mais próximas. No seu único capítulo efetuou-se uma análise dos lavadouros neste território fundamentada pela sua evolução, identificação e mapeamento. Os três subcapítulos seguintes fazem uma aproximação a três lavadouros existentes nestas cidades, que selecionámos como casos de estudo: o lavadouro da Sé, de S. Nicolau e da Afurada.

Nas considerações finais apresentamos uma síntese do trabalho desenvolvido, destacando a pertinência de cada parte, capítulo ou subcapítulo. Na sequência desta abordagem evolutiva, direcionamos a nossa atenção para o estado atual dos lavadouros públicos e o papel que o arquiteto pode ter na sua valorização. Para finalizar, propomos uma reflexão sobre o tema através da criação de duas imagens.

“A lavadeira no tanque
Bate roupa em pedra bem.
Canta porque canta e é triste
Porque canta porque existe;
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez
Pudesse fazer nos versos
O que a essa roupa ela fez,
Eu perderia talvez
Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade
Em, sem pensar nem razão,
E até cantando a metade,
Bater roupa em realidade...
Quem me lava o coração?”[1]

[1] PESSOA, Fernando - Novas Poesias Inéditas. Lisboa: Ática, 1973, p. 83

parte I

lavadeira e lavadouro

1. povo que lavas no rio

Este capítulo, que pretende centrar-se na figura feminina das lavadeiras, tem o nome de "povo que lavas no rio" como referência ao fado com o mesmo título[1]. Esta música foi originalmente interpretada por Amália Rodrigues e consta do seu EP de 1963, gravado em pleno Estado Novo. Quer pela letra, quer pela interpretação, este fado transmite a condição do povo português. Ao longo da música, existe a referência a elementos e a vivências do seu quotidiano. O seu título e conteúdo carregam o 'peso' do trabalho precário das lavadeiras que por analogia se estende à restante classe social.

Sendo o povo a classe social mais desfavorecida, podemos afirmar que as mulheres que pertenciam a esta classe eram alvo, pelo seu género, de uma maior desigualdade. Entre finais da Idade Média e o século XVII com uma mudança no entendimento sobre a família, em que os atos de intimidade pertenciam cada vez mais a uma esfera privada, surgiu a repartição de papéis no núcleo familiar. Tal como a lavagem da roupa, as restantes tarefas domésticas eram, normalmente, desenvolvidas pelos membros femininos da família. Em contrapartida, o homem tornou-se responsável pelos assuntos de domínio profissional e de gestão financeira. O elemento masculino detinha a 'autoridade' no núcleo familiar, como descreve Teresa Ferreira Rodrigues:

> "Nela imperava a disciplina ditada pelo chefe do fogo. Profundamente hierárquica, a família assentava na desigualdade, sustentava-a e reprodu-

[1] O fado *Povo Que Lavas No Rio* tem letra de Pedro Homem de Mello, é acompanhado com a música de Joaquim de Campos e originalmente, interpretado por Amália Rodrigues. Posteriormente, foi adaptado para outras versões e intérpretes. Sendo possível visualizar a interpretação de Amália em: https://www.youtube.com/watch?v=p4l87Cnbr2w

01| Amália Rodrigues a interpretar o tema *Povo Que Lavas No Rio* acompanhada por dois músicos (s.d.)

zia-a. Ao casar, a mulher deixava de ser filha de e passava a ser identificada como mulher de, mais tarde viúva de."[2]

Embora esta subordinação da mulher e também dos filhos perante o homem da família fosse ditada pela lei e como consequência a ação da mulher tendencialmente se circunscrevesse à sua habitação, a forte presença feminina de vários estratos sociais na vida quotidiana mostrava que essa lei era transgredida. A mulher, para além das tarefas domésticas, era responsável pelos seguintes assuntos:

> "Ela geria os bens existentes na casa, educava os filhos de tenra idade e as filhas até casarem, cuidava das roupas e providenciava a alimentação. A mulher popular desempenhava ainda atividades profissionais, que incluíam atender os clientes na loja ou fiar para o marido tecelão, mas só nos centros urbanos adquiria autonomia efetiva, como vendedeira de peixe, castanhas, doces e outros produtos, como lavadeiras, leiteiras, donas de hospedarias e estalagens, assalariadas."[3]

As mulheres com a profissão de lavadeira lavavam a roupa para outras pessoas a troco de uma remuneração. Estas pertenciam a uma classe social baixa, como foi referido anteriormente. Paralelamente, poderiam exercer ainda outras profissões que conciliavam com as tarefas domésticas do seu agregado familiar. O dia destas mulheres

[2] RODRIGUES, Teresa Ferreira *et al* - História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade. 1202. ed. Porto: CEPESE e Edições Afrontamento Lda., 2008, p. 215
[3] *Ibidem*, p. 216

02| lavadeiras a lavar e roupa estendida sob a vegetação (1960-1965)

03| lavadeiras a lavar e a estender roupa nas margens do Rio Tâmega perto da Ponte de São Gonçalo, Amarante (s.d.)

começava muitas vezes antes do sol nascer e esta tarefa era realizada de madrugada para que a secagem das peças aproveitasse o máximo de horas de exposição solar.

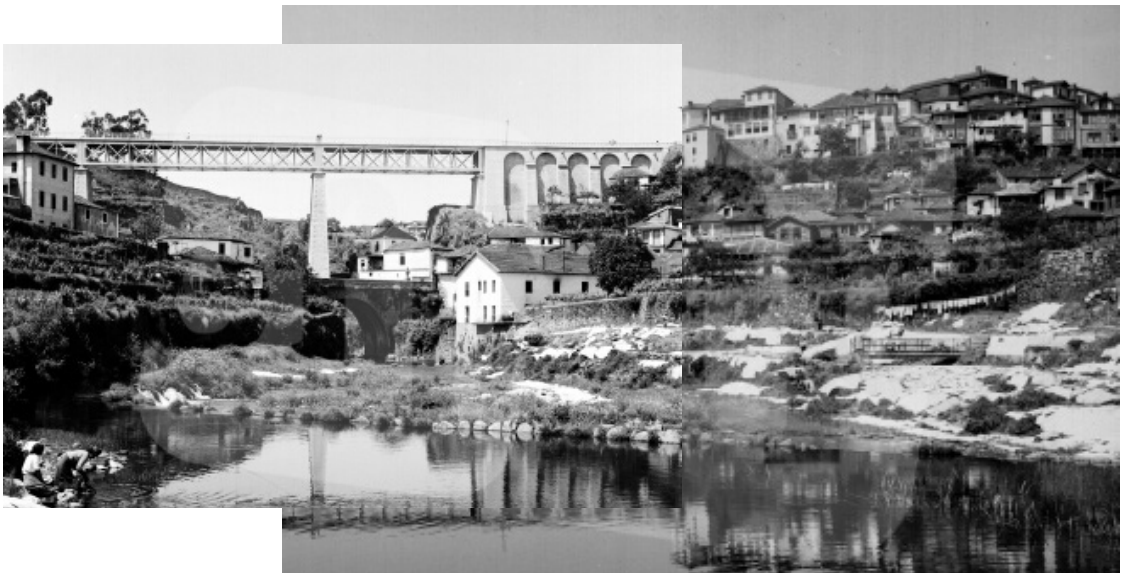
A lavagem era feita em cursos de água corrente com os membros inferiores em contato direto com a água[4]. Sobre as peças de vestuário eram aplicados um conjunto de ações manuais de forma alternada e repetida que possibilitavam a saída da sujidade dos tecidos. Nestes procedimentos incluía-se: molhar a roupa na água, torcê-la, esfregá-la através da fricção das mãos contra ela própria e contra uma pedra e, também, batê-la na pedra. Estas ações requeriam uma grande força física e psicológica, cuja capacidade de execução podia ser exacerbada por vários fatores, nomeadamente a região geográfica e a época do ano em que se encontravam. Apenas mais recentemente surgiram de forma alargada utensílios e produtos de limpeza que auxiliam neste procedimento, tais como escovas e sabão.

Depois de lavada, a roupa era torcida e estendida a secar. Se fosse branca e ainda apresentasse nódoas era também colocada ao sol para corar durante vários dias. Enquanto secava ou corava, a roupa encontrava-se distribuída pelo espaço disponível junto às margens, isto é, diretamente no solo, em rochedos, por cima da vegetação e sobre construções que se encontravam na proximidade. Por vezes, a roupa também poderia secar pendurada. A disposição das peças de roupa de diversas dimensões nestes planos tendencialmente horizontais quando vistas de longe remetem para composições abstratas geométricas, assumindo uma expressão no território muito particular[5]. Em certa medida, recordam obras contemporâneas de *landart*, como por exemplo

[4] Outro registo fotográfico no anexo, p. 217
[5] Registo fotográfico no anexo, p. 2198

04| lavadeiras na ribeira de Alcântara, Campolide, Lisboa (1912)

05| lavadeiras na lagoa das Sete-Cidades, Açores (s.d.)



06| peças de roupa estendidas ao longo das margens do Rio Corgo e lavadeiras (canto inferior esquerdo), Vila Real (1945)

Wrapped Coast[6] dos artistas Christo e Jeanne-Claude.

As peças de roupa depois de secas eram transportadas pelas mulheres em cestas ou bacias sobre a cabeça, o que requeria bastante equilíbrio e força[7].

Apesar do ato concreto da lavagem de determinadas peças de roupa ser desempenhado de modo individual, isto é, por cada mulher, esta atividade enquadrava-se, geralmente, num contexto coletivo. Era comum deslocarem-se em grupos para os locais de lavagem, onde lavavam a roupa em simultâneo[8]. Enquanto o faziam, poderiam falar e cantar. A presença de crianças nestes contextos, a cargo das mães e avós, fazia parte deste cotidiano[9]. Consoante o local, poderiam existir, também, outras mulheres e homens que realizavam outras atividades e ainda animais como por exemplo, bovinos que bebiam água desses cursos[10]. Ainda que esta tarefa esteja normalmente associada a uma atividade de grupo, por vezes, poderia tratar-se igualmente de uma atividade solitária.

Em relação ao espaço, na cultura ocidental durante centenas de anos a roupa era lavada diretamente em cursos de água doce. Estes podiam ser por exemplo, rios, ribeiras e riachos onde a água corre permanentemente, mas também massas de água com menos movimento como lagos e lagoas. Não foram encontradas evidências que apontem para que esta prática fosse realizada no mar, provavelmente devido à existên-

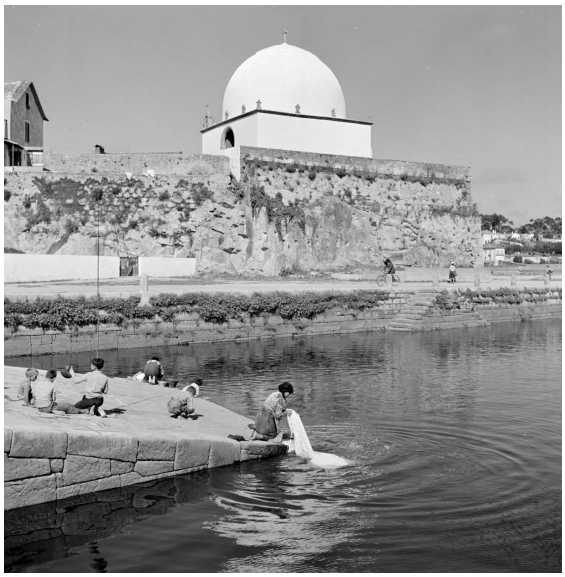
6 Nesta obra foram cobertos cerca de 2,4 km da costa australiana na zona de Little Bay com 1000000 m^2 de tecido de controlo de erosão. A costa permaneceu assim 10 semanas a partir do final de outubro de 1969, no anexo p. 219

7 Registos no anexo, pp. 220-221

8 Outros registos fotográficos no anexo, pp. 222-223

9 Registos fotográficos no anexo, pp. 224-225

10 Registos fotográficos no anexo, pp. 226-227



07l lavadeira a lavar numa rampa de acesso às embarcações em Vila do Conde (1950-1960)

08l lavadeira a estender peças de roupa em escadas de acesso pedonal a um curso de água na região do Minho (1950-1960)

cia de sal na composição da sua água que danificaria os tecidos, nomeadamente no momento da secagem pela cristalização dos sais no vestuário.

Lavar a roupa diretamente no meio 'natural' significava habitar um espaço em constante mudança, num ambiente diverso em fauna e flora com uma variação de cores e um infinito espetro de tonalidades, cheiros, sabores e texturas, de acordo com a altura do ano e com a hora do dia. As estações do ano permitiam uma multiplicidade de cenários para a prática desta atividade. Estas alterações na natureza ao longo do ano influenciavam também a prática da lavagem da roupa. Em situações climáticas mais adversas como no inverno, reuniam-se vários fatores que tornavam esta atividade que só por si era bastante exigente a nível físico, numa tarefa ainda mais árdua. Nesta estação em que prevalecem as temperaturas mais baixas, o necessário contato físico contínuo da água gélida dificultavam a realização desta tarefa. Por sua vez, também a secagem da roupa ao ar livre, como era habitual, tornava-se mais difícil nesta estação, sendo o número de horas de sol reduzido, assim como a baixa intensidade dos raios solares e a abundancia de humidade nas superfícies. Em contrapartida, na estação mais quente, a água facilitava este trabalho dadas as suas características refrescantes.

No entanto, através de registos fotográficos do século XX que retratam esta atividade verifica-se que esta muitas vezes não era realizada em absoluta comunhão com a natureza. Frequentemente, era desempenhada em locais transformados pela ação humana em diferentes graus. Uma vez que não existiam espaços adequados para a lavagem da roupa, havia uma apropriação de elementos artificiais concebidos para outras funções para a realização desta tarefa, por exemplo em escadas de acesso pedonal aos cursos de água e nas rampas de acesso às embarcações. As fotografias demons-

09| lavadeiras e barqueiros no cais da Ribeira do Porto (1960)

10| lavadeira a lavar e roupa estendida na proximidade de um moinho (1955-1970)

tram também a procura de locais na proximidade de pontes que possibilitavam a circulação entre margens.

Por sua vez, nestes registos observa-se que, de um modo geral, não é comum a existência de edificado nas proximidades dos locais onde se realizava esta atividade, possivelmente devido ao facto de se tratarem de terrenos inviáveis à construção pela proximidade ao curso de água tratando-se de zonas de cheia ou aluvião. Os aglomerados de edificações situavam-se tendencialmente a cotas superiores e, em contrapartida, a lavagem das peças de vestuário era realizada a uma cota inferior junto à linha de água, variando de acordo com as características topográficas da região. De modo excecional identificam-se alguns edifícios bastante próximos do local onde se realiza esta atividade por se tratarem de estruturas que também tiram partido da água e das suas propriedades, designadamente os moinhos de água[11]. Em algumas situações, ainda que afastados do leito dos cursos de água, destacam-se outros tipos de construções, nomeadamente, edifícios de carácter religioso[12].

Quanto ao tipo de atividades que decorriam nos espaços de lavagem do vestuário, os registos fotográficos informam que esta prática coexistia com outras atividades. As margens dos rios e ribeiros eram exploradas também, por exemplo, como locais de pesca, de pastorícia e de lazer. Em contextos mais urbanos, simultaneamente, presenciava-se nestes locais a agitação citadina proveniente de atividades comerciais[13].

[11] Outro registo fotográfico no anexo, p. 228
[12] Outro registo fotográfico no anexo, p. 229
[13] Como se pode observar no filme documentário de Manoel de Oliveira *Douro, Faina Fluvial* realizado em 1931, *link*: https://www.youtube.com/watch?v=5AydVnMFosE

1.1. representação na arte

A presença da lavadeira em diferentes manifestações artísticas indicia a importância desta figura no panorama da sociedade do século passado. A par das fotografias do século XX que podem fornecer importantes pistas sobre esta atividade, também os documentários[1] realizados nesta época fornecem informações acrescidas, principalmente pela existência de movimento e por vezes de som.

Por sua vez, a representação da figura das lavadeiras em áreas como a pintura, a estatuária, o cinema e o teatro vai para além da representação de uma 'profissão', sendo também o retrato de um género, de uma classe social e, da própria época. Por exemplo, nas artes cénicas portuguesas, para além de existirem personagens de lavadeiras em diversas peças teatrais, esta figura feminina assumiu também destaque em operetas[2] e em teatros de revista[3], caracterizado-se como figura representativa do gosto popular com uma forte componente de sátira social e política a ela associada.

Observa-se também que ao longo deste século foram produzidos diversos tipos de objetos figurativos de pequenas dimensões que retratam estas mulheres, podendo assumir um caráter mais popular, sem autoria identificável, assim como serem obras de artistas mais reconhecidos[4]. Esta figura aparece também representada em

---

1 Destacam-se os documentários: *Saudades de Portugal nº 8* realizado por Adriano Ramos Pinto (possivelmente de 1929), *Norte de Portugal* realizado por J.R. dos Santos Júnior (1930) e *O Meu Algarve* realizado por F. Evaristo (1956)

2 Como é o caso da opereta *As Lavadeiras* pela Companhia Maria das Neves no Teatro Maria Vitória em Lisboa (1933)

3 Nomeadamente, a cena As Lavadeiras de Caneças da revista *A Ramboia* apresentada pela Companhia Hortense Luz no Teatro Maria Vitória em Lisboa (1928), com música no anexo, p. 230, e a cena As Lavadeiras da revista *Ai, Bate, Bate* exibida no Teatro Variedades em Lisboa (1948)

4 Como por exemplo, a escultura de uma lavadeira de Rafael Bordalo Pinheiro, *A moura de Trabalho* de Américo Gomes e a boneca *Lavadeira* de Tom (Thomaz de Mello)

11l documentário *Saudades de Portugal nº 8* realizado por Adriano Ramos Pinto (s.d.)

12l documentário *Norte de Portugal* realizado por J.R. dos Santos Júnior (1930)

13l documentário *O Meu Algarve*, realizado por F. Evaristo (1956)

14| lavadeira, autor desconhecido (s.d.)

15| lavadeira, Rafael Bordalo Pinheiro (1904)

16| *A moura de Trabalho*, Américo Gomes (1934)

17| *Lavadeira*, Tom (s.d.)

muitos outros suportes, como por exemplo em ilustrações[5], gravuras, azulejos, peças de loiça e peças de mobiliário. A lavadeira foi também tema de inspiração na pintura, particularmente em pinturas de paisagens[6] e, em particular, durante o movimento naturalista[7].

O enfoque dado a esta figura ao longo do século verifica-se, particularmente, durante o período do Estado Novo (1933-1974). No cinema, o filme *Aldeia da Roupa Branca* de 1938, realizado por Chianca de Garcia, considerado um dos êxitos da 'Época de Ouro' do cinema português, constitui um exemplo da forma como o Estado procurava fazer propaganda política através deste tipo de suporte. Recorrendo à figura das lavadeiras e ao seu quotidiano, com o qual o povo se identificava, tentava transmitir ideias ilusórias de limpeza, higiene, saúde e prosperidade associadas à classe social mais baixa. Isto é, a criação da perceção de um povo que vivia bem e era 'feliz'. A primeira cena deste filme, em que se pode observar as várias fases da lavagem da roupa, denuncia desde logo o modo 'romantizado' como esta temática é abordada, reforçada pela canção *Aldeia da Roupa Branca* cantada pela atriz Beatriz Costa.

Esta temática continuou a ser retratada até aos dias de hoje em diversas áreas, estando agora quase exclusivamente associado à vida no meio rural ou ao passado. A

[5] Entre outros, em livros infantis como por exemplo no livro *A caixa mágica e outros contos para crianças*, no anexo, p. 231, ilustrado por Laura Costa, pintora e ilustradora. Algumas informações biográficas: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20laura%20costa

[6] Por exemplo, já no século XVII foi pintado um quadro que pertenceu às coleções reais intitulado *Paisagem com lavadeiras*

[7] Este movimento surgiu na Europa na segunda metade do século XIX e centrava-se na representação da realidade associada a um ambiente natural. Entre outros pintores, António de Silva Porto, um dos responsáveis dela introdução desta estética em Portugal, retratou estas mulheres nas suas obras *Lavadeira* (1870-1893) e *Lavadeira, Tapada da Ajuda* (1879-1880), no anexo, pp. 232-233, respetivamente

figura da lavadeira para além do que representa permanece associada a um ambiente próprio: à natureza, à água a correr e a uma certa ruralidade mesmo que em meio urbano. Salientamos neste âmbito, como exemplo, uma das primeiras cenas do filme *Dor e Glória* de 2019 realizado por Pedro Almodóvar, onde a recriação de uma memória de infância do personagem principal na década de 60 nos remete para aquele tipo de ambiente.

18| lavadeiras a lavar no filme *Aldeia da Roupa Branca* realizado por Chianca de Garcia (1938)

19| lavadeiras a lavar no filme *Dor e Glória* de realizado por Pedro Almodóvar (2019)

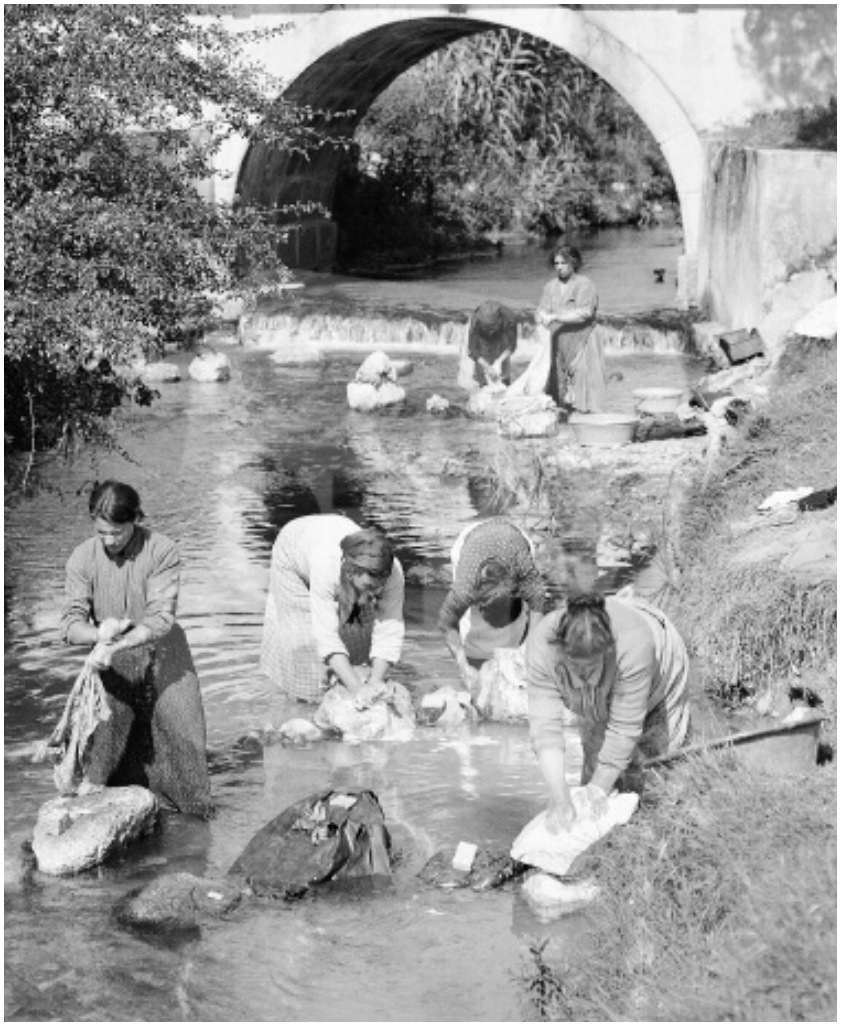
2. de pedras a lavadouros

No presente capítulo pretendemos dar continuidade à reflexão iniciada anteriormente relativa aos locais de lavagem manual da roupa. Procuramos agora direcionar o olhar para a arquitetura conhecendo de antemão as suas utilizadoras e a atividade que estes espaços acomodam. Assim, analisaremos o espaço evolutivo dos lavadouros adotando como ponto de partida as margens ribeirinhas onde era realizada esta tarefa e as pedras utilizadas pelas lavadeiras. Por esta razão, o capítulo se designa: de pedras a lavadouros.

Quando se pensa num lavadouro, possivelmente, imagina-se uma estrutura construída para a lavagem manual da roupa. Embora o seja, neste trabalho, o termo lavadouro é entendido de um modo mais abrangente. Consideramos que antes da criação destas estruturas, já existiam lavadouros. Pois, lavadouro é também "pedra sobre a qual as lavadeiras ensaboam a roupa"[1]. Assim, trata-se de um conceito que tanto engloba uma pedra única colocada estrategicamente para o efeito de lavar, como um conjunto de pedras, mais ou menos, agregadas e modificadas que no limite são transformadas em estruturas complexas.

Os primeiros espaços a que dedicámos a nossa atenção foram as margens ribeirinhas por se tratarem dos locais primários de lavagem da roupa ocupados eminentemente por uma população feminina. São as margens que estão na origem dos

[1] "Lavadouro", *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em: https://dicionario.priberam.org/lavadouro



20| lavadeira a lavar com pedras 'lavadouro', Matosinhos (1901-1930)

21| grupo de lavadeiras a lavar em pedras 'lavadouro' dispostas de modo aleatório, Ponte de Vagos (1938)

primeiros lavadouros. Por isso, estabelecemo-las como o início de um percurso evolutivo que não tem correspondência numa linha cronológica, mas numa sequência de soluções espaciais que se sobrepõem temporalmente.

Os ambientes vividos nas margens foram descritos no capítulo anterior, pelo que, agora, nos concentramos nas suas pedras onde eram batidas e esfregadas as peças de vestuário. À semelhança das estruturas que mais tarde se vieram a construir para albergar esta função, estes elementos denominavam-se de 'lavadouros'. A sua aparência variava, não só de acordo com a sua natureza irregular, mas também, devido às alterações e adaptações que as lavadeiras lhes conferiam. Isto é, eram objetos sobre os quais existia um pensamento e uma ação humana que os modificava com o propósito de melhor os adaptar à lavagem. Neste sentido, entendemo-los como artefactos, conforme o pensamento de Beatriz Colomina e Mark Wigley:

> "Os artefactos, portanto, nunca são simplesmente representativos das intenções e habilidades humanas. Eles também são aberturas, possibilidades de algo novo no humano, até mesmo um novo humano. Há sempre uma lacuna entre as intenções e o que é produzido. O artefacto oferece algo inesperado, alguma qualidade ou resistência adicional. Este excesso abre novas formas de pensar, novos modelos de *design*. (…) Ele pode fazer quase tudo para o qual foi planeado e ainda interagir com outros artefactos de maneiras inesperadas para produzir novos potenciais. Artefactos são estranhos. Eles nunca são exatamente o que esperávamos, mas também, nunca estão simplesmente fora de nós – mesmo quando são apropriações do mundo exterior, como uma pedra ou mesmo uma determinada paisagem, ou o pensamento de algo que encontramos é o artefacto de outro ser. Os artefactos fazem parte do corpo e do cérebro. Eles são pensamentos. Mas eles são, igualmente, os potenciadores de novas maneiras de pensar."[2]

Neste sentido, consideramos pertinente explicar e enquadrar o âmbito da 'definição' de artefacto para estes autores em *are we human?* onde questionam a fronteira entre o ser humano e o *design*. O *design* é compreendido nos dias de hoje como tudo o que nos rodeia e, inclusivamente, o que está dentro de nós:

> "Um dia normal envolve a experiência de milhares de camadas de *de-*

[2] COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark - are we human? notes on an archaeology of design.: Lars Müller Publishers, p. 24 (tradução livre)

> *sign* que alcançam profundamente o solo e o espaço sideral, mas também profundamente nos nossos corpos e cérebros. Vivemos literalmente dentro do *design* (…). O *design* tornou-se o mundo."[3]

Neste livro, é nos apresentada uma perspetiva em que o *design* não se traduz num serviço para o ser humano, mas principalmente num modo de nos redesenharmos. Por isso, torna-se impossível dissociar o *design* do ser humano. Neste contexto, os artefactos, em que incluímos as pedras 'lavadouros', funcionam como:

> "Interfaces, que permitem diferentes formas de envolvimento humano com o mundo, mas igualmente permitindo que o mundo se envolva com o ser humano de maneira diferente."[4]

No caso das pedras, estas funcionam como artefactos na medida em que criaram abertura para o surgimento daquilo que mais tarde vieram a ser os lavadouros. São de salientar duas adaptações nestes objetos resultantes da interação entre o ser humano e as pedras que prevaleceram ao longo da evolução dos lavadouros:

> a) A textura: escolhiam-se pedras com a face superior, tendencialmente, plana, mas com rugosidade. Esta característica ajudava no tratamento das peças de roupa.
>
> b) A inclinação: procuravam-se pedras com um plano inclinado. Quando não existia de modo natural, era obtida pela ação humana, por exemplo através da colocação de outras pedras por baixo da de maiores dimensões[5]. Assim, criava-se um plano de trabalho inclinado que permitia que a água escorresse na direção oposta à da lavadeira.

Como artefactos, as pedras 'lavadouros' continuaram a ser alvo de adaptações e melhoramentos, pelo que neste processo, aos poucos, foram-se transformando nos primeiros lavadouros. Definimos o momento em que estes surgiram quando as pedras deixaram de ser pensadas como objetos individuais nas margens dos cursos de água para formarem um conjunto[6]. Com esta mudança de pensamento, passou a existir uma organização destes elementos no espaço, uma primeira aproximação à arquitetura.

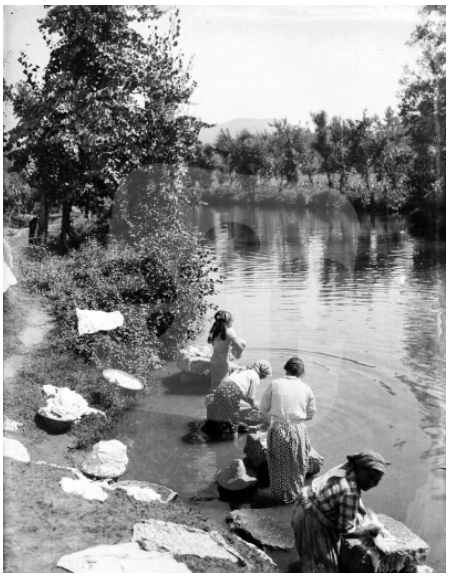
---

[3] COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark - are we human? notes on an archaeology of design: Lars Müller Publishers, p. 9 (tradução livre)

[4] *Ibidem*, p. 25

[5] Possível de assistir no documentário *O Meu Algarve*, realizado por F. Evaristo em 1956 (mencionado no capítulo anterior)

[6] Registos fotográficos no anexo, pp. 234-237



22| lavadouro 'em linha' na margem do Rio Vizela, Vizela (1934)

23| lavadouro 'em duas linhas' na Nazaré (1954-1957)

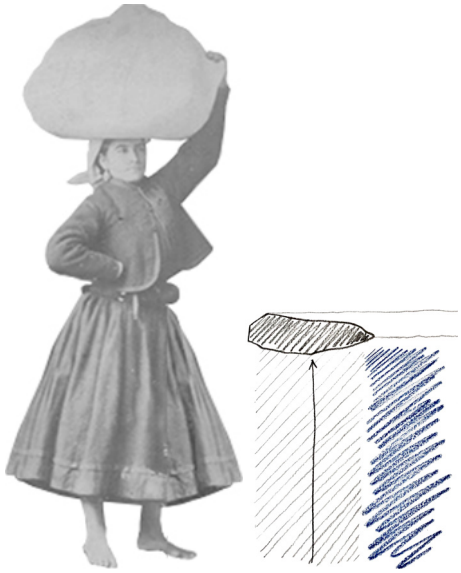
Constatamos que esta disposição ordenada das pedras ocorria frequentemente em locais em que existiam limites físicos que condicionavam a área destinada à concretização desta tarefa. Como tal, proceder a uma organização destes elementos aparenta ser a resposta encontrada perante a necessidade de tornar o espaço usufruível para um maior número de lavadeiras. As disposições diferiam de sítio para sítio. No entanto, verificamos que estas assumiam, maioritariamente, duas configurações:

a) Em linha, paralela à margem. É possível que a rigidez deste alinhamento variasse em função do caudal e da profundidade do curso de água junto à margem. Como exemplo, destacamos um lavadouro na zona de Braga, nas margens do Rio Vizela. Neste, observamos também, que as pedras que o constituíam apresentavam uma inclinação pela colocação de outras pedras por baixo.

b) Em duas linhas paralelas, uma em cada margem. Isto para cursos de água reduzidos, possibilitando o trabalho frente a frente. É o caso de um lavadouro na Nazaré, perto de um moinho, em que as mós eram utilizadas como pedras 'lavadouros' e em que estas também se encontravam inclinadas.

Devido ao impulso humano para fazer de "forma diferente"[7] de acordo com a de-

[7] "Alguns paleoantropólogos argumentam que o principal motor da realização humana é simplesmente uma capacidade exclusivamente humana de variabilidade, um impulso para gerar uma multiplicidade de maneiras de fazer as coisas em reação a diferentes circunstâncias. (...) *Design* pode ser simplesmente um nome para esse impulso por fazer as coisas de forma diferente." COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark - are we human? notes on an archaeology of design.: Lars Müller Publishers, p. 54 (tradução livre)



24| esquema da elevação das pedras 'lavadouro'

finição de *design* na ótica de Colomina e Wigley, os primeiros lavadouros continuaram a sofrer sucessivas transformações até se tratarem de estruturas arquitetonicamente mais adaptadas à sua função. Assim, consideramos que a evolução fundamental em relação aos primeiros lavadouros se traduziu na elevação (em termos de cota) do conjunto de pedras 'lavadouros' que os constituíam. Consequentemente, esta elevação permitiu que fosse criado um artifício em que as pedras funcionavam como muros, segurando a água e elevando, também, o seu nível. Esta é uma adaptação significativa que proporcionou a alteração da postura das lavadeiras enquanto lavavam: deixaram de se vergar para as pedras que se encontravam aos seus pés e começaram a realizar a lavagem ao nível da cintura. É possível que a criação destes lavadouros tenha contribuído para alterações nos cursos naturais de água, sendo estas, operações com cada vez mais impacto na definição paisagística e arquitetónica. Os dois lavadouros consecutivos que existiam na mesma margem em São João da Ponte, Braga, ilustram um estado muito primário desta situação onde continuamos perante estruturas muito rudimentares. Embora, fossem lavadouros em linha, paralelos à margem, com pedras e o plano de água elevados, as pedras que os formavam tinham diferentes dimensões e ainda era necessário colocar os pés dentro de água para proceder à lavagem.

Com recurso a soluções construtivas mais avançadas estes lavadouros evoluíram para tanques de lavagem, construídos com 'muretes' à mesma altura que continham a água. Com esta transformação, o espaço de lavadouro deixou de depender das margens ribeirinhas, ganhando autonomia para ocupar outras localizações onde existia água. Num processo de múltiplas variações, nalguns casos, estes lavadouros surgiram em espaços construídos para outras funções e que foram adaptados para

25| lavadouros em São João da Ponte, Braga (1967)

26| lavadouros em São João da Ponte, Braga (1940)

acolherem esta atividade. Ressaltamos duas formas de intervir nestes casos:

a) Por adição: o lavadouro era constituído por um tanque que era adicionado a outra construção, nomeadamente a um fontanário. Os fontanários, que faziam o abastecimento de água potável à população, quando não existia a incorporação de um tanque, por vezes, eram utilizados inadequadamente para a lavagem de vestuário[8].

b) Por transformação: os espaços de água eram transformados para acomodar a nova função de lavadouro, perdendo a função original. Como são exemplo os espaços 'termais' em Alfama, Lisboa, que no século XVI mudaram de função passando a chamar-se Tanque das lavadeiras[9].

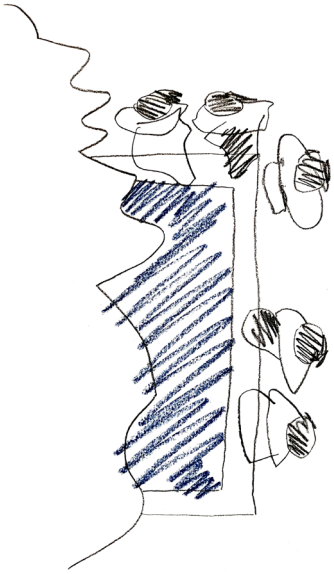
Quando não havia qualquer preexistência, a situação mais comum era estes tanques localizarem-se perto de nascentes ou represas. Inicialmente, eram construídos de um modo expedito, tendo a sua configuração evoluído gradualmente[10]. Identificamos duas configurações que estes tanques parecem adquirir de uma maneira geral e que se traduzem em configurações tipológicas com alguma regularidade, nomeadamente:

a) Longitudinal: onde as mulheres se posicionam lado a lado, de frente para a água.

[8] Registos fotográficos no anexo, pp. 238-239

[9] RAMALHO, Elsa Cristina; LOURENÇO, Maria Carla - As águas de Alfama: memórias do passado da cidade de Lisboa. Revista APRH. 26:2006

[10] Registos fotográficos no anexo de lavadouros mais evoluídos, mas em que a lavagem ainda era realizada ao nível do pavimento, pp. 240-241



27| desenho ilustrativo da configuração longitudinal

28| lavadouro 'longitudinal' em Espiche, Lagos (1956)

b) Centralizada: em que a água se encontrava circunscrita ao interior do tanque e as lavadeiras dispunham-se em todo o seu redor, sendo possível lavar e falar frente a frente.

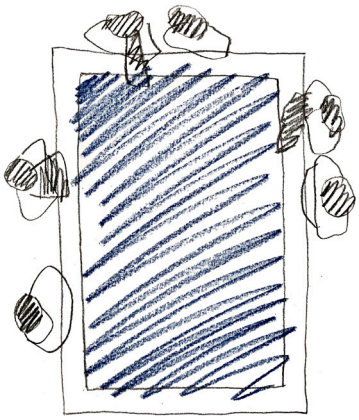
Podemos afirmar que estas configurações têm origem nas disposições que as pedras 'lavadouros' apresentavam nos primeiros lavadouros. A configuração longitudinal assemelha-se aos lavadouros em linha, paralelos à margem. Enquanto que a centralizada remete para os lavadouros em duas linhas paralelas, uma em cada margem, por possibilitar a lavagem frente a frente, ainda que aqui sejam constituídas por quadro lados. Existem múltiplos casos destes dois tipos de tanques, pelo que destacamos um lavadouro em Espiche, Lagos, como exemplo da primeira configuração e um lavadouro em Salvada, Beja, relativo à segunda.

Paul Oliver em *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World* de 1997, identificou os lavadouros, *washhouses,* e descreveu as suas configurações do seguinte modo:

> "Embora haja uma variedade considerável na sua forma e disposições internas, os lavadouros têm aproximadamente 8 m x 5 m (26 pés x 16 pés), com bacias alinhadas no centro, proporcionando às lavadeiras liberdade de acesso ao exterior."[11]

Nesta enciclopédia, o autor categorizou os lavadouros como serviços, mais es-

[11] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1. [S.l.]: Cambridge University Press, 1997, p. 492 (tradução livre)



29| lavadouro 'centralizado' em Salvada, Beja (1955)

30| desenho ilustrativo da configuração centralizada

pecificamente de abastecimento de água. Paul Oliver explica também o percurso de circulação da água nestes espaços:

> "Habitualmente, o lavadouro é construído junto a uma nascente e numa ligeira inclinação. A água doce pode ser direcionada de uma fonte, entrando no lavadouro por meio de um cano ou de uma abertura na parede, de onde cai numa pia, ou num canal que direciona o fluxo para uma grande base de pedra ou cimento."[12]

Por sua vez, Paul Oliver diferencia os lavadouros que dispunham de água fria, dos que tinham acesso a água quente. Naqueles em que apenas existia água fria, era necessário que, à semelhança das pedras 'lavadouros', as superfícies fossem rugosas para facilitar a lavagem da roupa. Nos restantes lavadouros, a água era aquecida por caldeirões colocados sobre um fogão e chegava às mulheres através de tubos. Não obstante, a construção de bacias para a água suja e limpa podia existir em ambos os casos[13]. Em contexto português, não temos conhecimento da existência de lavadouros em que a água era aquecida através destes mecanismos e no panorama internacional Oliver também não refere a localização dos mesmos.

Uma adaptação muito significativa realizadanestes tanques foi o acrescento de uma cobertura. Segundo Oliver:

> "Nem sempre um abrigo é necessário, embora possa proteger as mu-

[12] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1. [S.l.]: Cambridge University Press, 1997, p. 492 (tradução livre)

[13] *Ibidem*

> lheres do sol nas costas, ou de fortes ventos e chuva. Das Ardenas às ilhas gregas, muitos lavadouros são cobertos, embora sejam abertos em pelo menos dois lados, para permitir que uma brisa passe pela estrutura e para reduzir o calor e a humidade."[14]

Assim, ao longo do tempo, os lavadouros foram deixando de ser apenas marcações feitas com pedras no território, para assumirem cada vez mais uma presença significativa na paisagem.

Quanto ao método construtivo utilizado para a sua construção, identificamos um aperfeiçoamento em relação aos anteriores, constituídos apenas por pedras irregulares elevadas. Enquanto que nos espaços analisados anteriormente as pedras do rio sofriam poucas transformações, nos tanques surgem soluções construtivas mais evoluídas e as estruturas ganham alguma regularidade proporcionada pelas técnicas construtivas. Embora, existisse uma variação no tipo de pedras e no modo de construir, de acordo com a região, verificamos um progressivo esbatimento das diferenças construtivas regionais. A oportunidade de uniformizar estes espaços pode ser justificada pelas exigências funcionais, aliadas à difusão da construção em betão armado por todo o país. Este novo material passou a integrar a estrutura dos tanques, sendo comum, por cima desta, a incorporação de pedras de xisto ou granito. Possivelmente, esta adaptação foi levada a cabo pela necessidade de ter uma pedra texturada para a lavagem da roupa. Assim, em locais onde não predominavam este tipo de pedras, estas eram trazidas de outras regiões.

No entanto, ainda que se procedesse a constantes melhoramentos, assistia-se também a uma incorporação dos hábitos ligados ao modo de lavar nas margens ribeirinhas nestas novas estruturas, num espectro misto de funcionalismo e tradição. Em particular, algumas mulheres continuavam a usar as pedras 'lavadouros' nos tanques, atribuindo um carácter híbrido a estes espaços, como se observa no lavadouro de Telheiro em Reguengos de Monsaraz.

Conforme referido, podemos salientar quatro fases na evolução dos lavadouros: ordenação das pedras 'lavadouros' junto às margens do rio, elevação das mesmas ainda junto ao rio, a criação de tanques em locais onde havia abastecimento de água e a introdução da cobertura nos tanques.

Os responsáveis pela construção destes espaços não são conhecidos. Possi-

[14] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1. [S.l.]: Cambridge University Press, 1997, p. 492 (tradução livre)

31| vista Norte do lavadouro em Telheiro, Reguengos de Monsaraz (1940-1950)

32| vista Sul do lavadouro em Telheiro, Reguengos de Monsaraz (1955)

velmente, eram as populações que os edificavam, não tendo, portanto, um autor identificável. Neste processo, talvez pela pouca importância que lhes era conferida pelas autarquias, não havia a intervenção de profissionais, nomeadamente de arquitetos. As sucessivas adaptações e melhoramentos dos lavadouros eram realizadas pelas populações e refletiam a ausência da ação do arquiteto.

Este tipo de arquitetura, sem arquitetos, despertou interesse em alguns arquitetos do século XX, entre estes, Bernard Rudofsky, que em 1964 fez uma publicação intitulada *Architecture without architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*[15]. Apresentando diferentes abordagens ilustradas com exemplos de todo o mundo, incluindo de Portugal, Rudofsky procede à sua categorização dando a conhecer uma arquitetura não valorizada pela História da arquitetura, percecionando-a desta forma:

> "Além da história da arquitetura como a conhecemos, esta é igualmente tendenciosa no plano social. É pouco mais do que um quem é quem dos arquitetos que comemoraram o poder e a riqueza; uma antologia de edifícios de, por e para privilegiados – as casas dos deuses verdadeiros e falsos, de príncipes mercadores e príncipes de sangue – sem nunca uma palavra sobre as casas de pessoas inferiores."[16]

[15] Esta publicação foi escrita a propósito da exposição Architecture without Architects que esteve em exibição no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) entre 11 de novembro de 1964 e 7 de fevereiro de 1965

[16] RUDOFSKY, Bernard - Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture. New York: Museum of Modern Art, 1964 (tradução livre)

Ainda que Rudofsky não tenha identificado os lavadouros no seu estudo, parece-nos que faz sentido incluir estas estruturas na arquitetura por ele apelidada de *non-pedigreed*. No que diz respeito à História da arquitetura mundial, a primeira referência significativa encontrada destes equipamentos é a *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*[17] de 1997 que tem sido várias vezes referida ao longo deste capítulo, também, pelo seu importante contributo. Em relação à arquitetura sem arquitetos salientamos que Rudofsky considerava que esta não tinha menos qualidade do que a arquitetura de autor. A seu ver, os construtores anónimos eram capazes de realizar edifícios igualmente belos:

> "Ao enfatizar invariavelmente os papéis desempenhados pelos arquitetos e os seus patronos, ele [o historiador] obscureceu os talentos e realizações dos construtores anónimos, homens cujos conceitos às vezes chegam ao utópico, cuja estética se aproxima do sublime. A beleza dessa arquitetura há muito que foi descartada como acidental, mas hoje devemos ser capazes de reconhecê-la como resultado de raro bom senso no tratamento de problemas práticos."[18]

Ou, conforme refere Rudofsky citando a definição formulada por Pietro Belluschi:

> "Uma arte comunitária, não produzida por alguns intelectuais ou especialistas, mas pela atividade espontânea e contínua de todo um povo com uma herança comum, agindo sob experiência comunitária."[19]

Esta interpretação remete-nos para o processo evolutivo dos lavadouros, onde, a experiência comunitária não se encontra presente apenas na construção, mas também na sua utilização pelas mulheres. O ambiente de coletividade que se vivia junto às margens continua nestas estruturas, muitas vezes chamadas de lavadouros comuns. Esta é a designação utilizada pelos arquitetos que, nos anos 50, desenvolvem o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*[20] quando fazem referência a estas estruturas. Este estudo constituiu um registo ímpar do património popular nas diferentes regiões

[17] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1. [S.l.]: Cambridge University Press, 1997

[18] RUDOFSKY, Bernard - Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture. New York: Museum of Modern Art, 1964 (tradução livre)

[19] *Ibidem*

[20] AMARAL, Francisco Keil do *et al.* - Arquitectura Popular em Portugal, volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004

33| lavadouro na Ericeira (1955)

do país. Em Portugal, desafiou e questionou, de forma sustentada, a conceção de um 'estilo nacional' que o Estado Novo propunha. No panorama internacional, especialmente tendo em conta a influência do *international style*, a arquitetura que expôs revelou-se significativa no debate sobre a arquitetura do movimento moderno português.

Os exemplos agregados no livro *Arquitectura Popular em Portugal*, considerados os mais pertinentes, elucidam-nos acerca de uma realidade, entretanto muito alterada. As paisagens transformaram-se e muitas das situações retratadas têm vindo a desaparecer, como é o caso dos lavadouros. Acerca destes, é salientada a importância que tinham para o povo como únicos espaços de higiene a que tinha acesso e, também, pelo papel social que acarretavam, especialmente para as mulheres:

> "O lavadouro comum, além de representar o mais efetivo equipamento de carácter higiénico que a maioria dos povos possui, porque nenhum tem balneário e ainda são poucos aqueles onde há esgotos, representa o papel vincado na vida do aglomerado – as mulheres, enquanto lavam, tagarelam, cantam e de quando em quando bulham. O sítio adquiriu um carácter de assembleia."[21]

O *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* apresenta uma análise por regiões do país. A cada uma correspondia uma equipa de arquitetos para que o mapeamento do território nacional pudesse ser concretizado de um modo mais eficaz.

[21] AMARAL, Francisco Keil do *et al.* - Arquitectura Popular em Portugal, volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 34

34| lavadouro em Vannes, Bretanha Francesa (s.d.)

A menção relativa aos lavadouros integra-se na zona 4[22] analisada pelos arquitetos: Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias. Apesar desta ser a única zona que aborda esta temática, verificamos que estas estruturas existiam noutros pontos do país como temos vindo a referir.

Por sua vez, no que diz respeito à existência de lavadouros no mundo, de acordo com Paul Oliver, estes espaços eram característicos das regiões do sul da Europa, do Mediterrâneo e de alguns países da América Latina, embora pudessem ser encontrados noutros locais[23]. Consideramos que estas localizações poderiam estar relacionadas com questões identitárias e culturais das populações. Contudo, este autor também identificou outros tipos de lavadouros noutros locais, nomeadamente, em comunidades agrícolas, provavelmente do norte europeu, associados às quintas mais prósperas. Estes, para além de terem os dispositivos comuns de lavagem, estavam equipados com uma caldeira e mesas de ferro para passar. A utilização destes lavadouros resumia-se a duas vezes por ano, nos dias da 'grande lavagem' porque lavar a roupa quotidianamente não era habitual. Excecionalmente, em Vannes, Bretanha francesa, existe um lavadouro comunitário de uso mais frequente que se manteve em funcionamento até meados do século XX[24].

A enciclopédia referida anteriormente dedica-se inteiramente a todos os espaços de arquitetura vernacular, conceito que segundo Oliver:

[22] Zona 4: área compreendida entre a costa do país e as cidades de Setúbal, Abrantes, Coimbra e a Praia de Mira. Como tal, integra a Estremadura, o Ribatejo e parcialmente a Beira Litoral
[23] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1.: Cambridge University Press, 1997, p. 492
[24] *Ibidem*

> "Compreende as habitações e todos os outros edifícios do povo. Relacionados aos seus contextos ambientais e recursos disponíveis, eles costumam ser construídos pelo proprietário ou pela comunidade, utilizando tecnologias tradicionais. Todas as formas de arquitetura vernacular são construídas para atender as necessidades específicas, acomodando os valores, economias e modos de vida das culturas que os produzem."[25]

Através desta citação percebemos que a par de não serem intervencionados por arquitetos e de serem considerados comunitários, os lavadouros podem ser também considerados manifestações de uma arquitetura vernacular. Esta ideia pode ser complementada por Orlando Ribeiro que em *Geografia e Civilização* se dedica a analisar o "contraste entre o Norte e o Sul do País, através das técnicas de utilização da pedra e do barro."[26]. Apesar da sua diferenciação entre a "civilização do granito" e a "civilização do barro", explica:

> "Examinam-se apenas formas materiais, quando a civilização se pode considerar, acima de tudo, produto do espírito. Mas, talhar a pedra, modelar o barro, cobrir as casas de um remate prestigioso, que é senão transformar, pelo poder criador da vontade, as coisas amorfas em obras humanas, que refletem os usos e as ideias dos que as fazem e delas se servem?!"[27]

Orlando Ribeiro para além de fazer a distinção sobre tipo de materiais utilizados, indica as diferenças entre a arquitetura erudita, monumental, e a vernacular, 'vulgar'. No entanto, esclarece que apesar do seu contraste, a fronteira entre estes tipos de arquitetura é ténue, pois influenciam-se mutuamente:

> "São muito diferentes os ritmos próprios da arquitetura monumental e da vulgar. Aquela segue a variação dos estilos, que permite datá-la com certa aproximação, esta conserva, através dos tempos, uma imobilidade sem história; a despeito desta tendência arcaisante própria do ambiente rural, certas formas da civilização superior, transmitidas por meio das comunicações através de cadeias de cidades ou centros de vida administrativa ou espiritual, acabam por triunfar e divulgar-se até às mais remotas aldeias."[28]

---

[25] OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1.: Cambridge University Press, 1997, p. xxiii (tradução livre)
[26] RIBEIRO, Orlando - Geografia e Civilização - Temas portugueses. Lisboa: Letra Livre, 2013, p. 13
[27] *Ibidem*, pp. 14-15
[28] *Ibidem*, pp. 27-28

2.1. mergulho sensorial

Compreende-se que a arquitetura vernacular não é imutável. Pelo contrário, encontra-se em constante sedimentação e metamorfose, e dela são também exemplos os lavadouros. As características que associamos a esta sua dimensão vernacular acentuam a diversidade sensorial que transmitem.

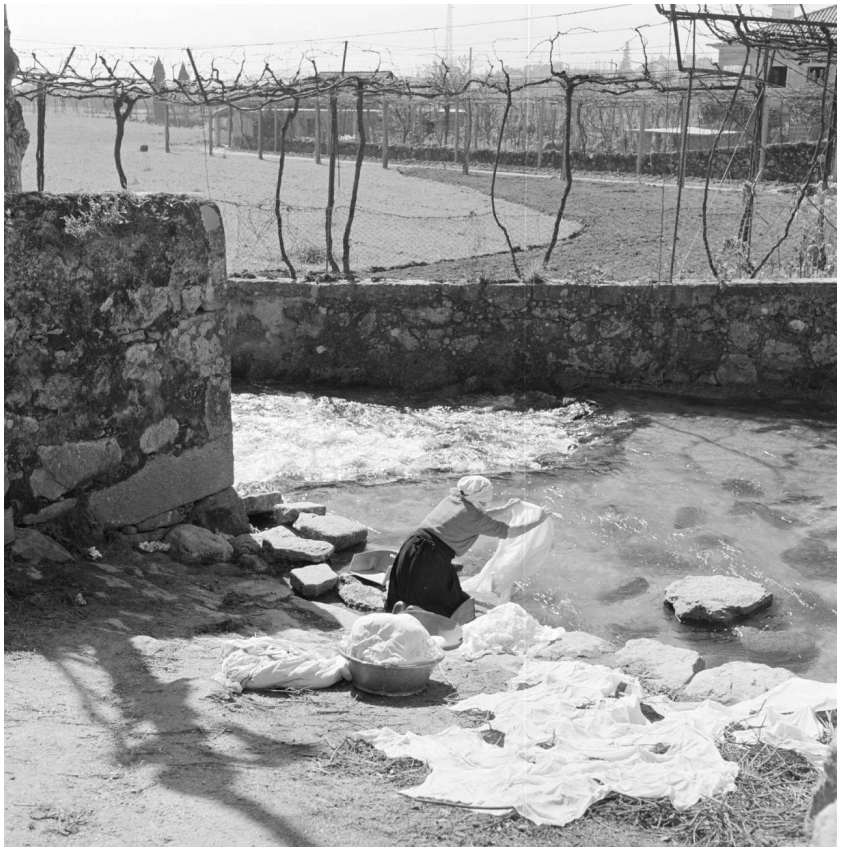
De acordo com Juhani Pallasmaa é a partir do sentido táctil que se estendem os outros sentidos e por isso iniciamos este mergulho sensorial pelo tacto:

> "Todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do sentido táctil; os sentidos são especializações do tecido da pele, e todas as experiências sensoriais são modos de toque e, portanto, relacionam-se com a tactilidade. O nosso contacto com o mundo acontece na linha fronteira de nós próprios através de partes especializadas da nossa membrana envolvente."[1]

Em *The Eyes of the Skin*, o autor pretende demonstrar a importância deste sentido que frequentemente na nossa sociedade é negligenciado em detrimento da visão. No caso dos lavadouros, estes evocam uma variedade de experiências tácteis que se prendem com os contrastes dos materiais e elementos que os compõem: as pedras rugosas, ásperas e duras; a água líquida e, muitas vezes, fria; as texturas das fibras dos tecidos consoante as suas composições. As sensações que se obtêm do toque, ficaram guardadas em mãos com história e em corpos com memória. Isto é, primeiro, tateados pelas mãos sábias dos seus construtores e depois pelas mãos sábias das lavadeiras, dois ofícios em que as mãos são os instrumentos mais importantes.

---

[1] PALLASMAA, Juhani - The Eyes of the Skin Architecture and Senses. Great Britain: John Wiley & Sons, 2005, pp. 10-11 (tradução livre)



35l lavadouro em Vila Alva, Vidigueira (1955)

36l lavadeira no Minho (1950-1960)

Enquanto no tato podemos escolher no que tocar, na audição não nos é possível optar pelo que queremos ouvir. Por isso, no que diz respeito ao som nos lavadouros, poderíamos ouvir o diálogo da pedra com as mulheres, entre elas, com a água e com as peças de vestuário.

O olfato, um dos sentidos mais persistentes na memória, nestes espaços pode caracterizar-se pela mistura de diferentes odores. Ou seja, um cruzamento entre o cheiro persistente da roupa lavada quando se utilizava sabão ou detergente, dos materiais, das pessoas e do ambiente que os envolvia. No caso do lavadouro se encontrar num contexto mais rural, acrescenta-se a presença da natureza e dos seus respetivos odores, como o da terra molhada. Ou, num local mais 'urbano', os odores de outras atividades.

Quanto ao paladar, podemos nos lavadouros, por vezes, sentir a memória do sabor da água ali presente. Tocar ou ver as pedras informa-nos, também, acerca do que poderíamos sentir através do paladar, tal como Pallasmaa explica:

> "Há uma transferência subtil entre as experiências tácteis e gustativas. A visão também se transfere para o paladar; certas cores e detalhes delicados evocam sensações orais. Uma superfície de pedra polida delicadamente colorida é subliminarmente sentida pela língua. A nossa experiência sensorial do mundo tem a sua origem na sensação interior da boca, e o mundo tende a regressar às suas origens orais. A origem mais arcaica do espaço arquitetónico está na cavidade da boca."[2]

O quinto sentido, a visão, permite-nos conhecer uma multiplicidade de soluções de lavadouros e dos seus contextos. Muitas vezes, apresentam uma imagem plástica indissociável das características do sítio onde se encontram implantados. É também nas suas formas que se encontram espelhadas as pessoas que os edificaram, à semelhança do processo da construção tradicional:

> "A arquitetura das culturas tradicionais está também essencialmente ligada à sabedoria tácita do corpo, em vez de ser visual e conceptualmente dominada. A construção (...) é guiada pelo corpo da mesma forma que uma ave molda o seu ninho através de movimentos do seu corpo."[3]

---

[2] PALLASMAA, Juhani - The Eyes of the Skin Architecture and Senses. Great Britain: John Wiley & Sons, 2005, p. 59 (tradução livre)

[3] *Ibidem*, p. 26

2.2. avó Rosa [testemunho]

Para melhor compreender os espaços de lavadouro procurámos falar com lavadeiras que usaram diariamente este tipo de estruturas e ouvir os seus testemunhos. Destas conversas, surgiu uma entrevista registada em vídeo[1] realizada à minha avó paterna, a avó Rosa, Rosa Estevão.

Esta entrevista cria um registo sobre uma atividade que tem vindo a deixar de ser praticada, tendo para mim uma importância particular a nível pessoal. Foca-se na lavagem da roupa e nos locais onde a avó Rosa se deslocava para o efeito. No entanto, o seu testemunho abrange também as estórias e as pessoas destes sítios. Hoje em dia, a avó Rosa é uma das poucas mulheres da zona do Copeiro, Paião, Figueira da Foz, capaz de partilhar com outras gerações estas memórias, como refere. A nossa conversa permitiu-lhe reavivar memórias e aquilo que nos conta é indissociável da época em que viveu, tendo nascido em 1939 e casado com 28 anos. Como tal, falou-nos também, por vezes até 'sem dizer', sobre a sua condição feminina e da pobreza que experienciou durante a sua vida, 35 vividos sob um regime de ditadura[2].

A avó Rosa costumava ir à 'fonte' lavar peças de vestuário não só da sua família, como também de outras pessoas que a remuneravam por esse serviço. Aos lavadouros que ia apelida-os de 'fontes', possivelmente por se tratarem de estruturas não muito desenvolvidas. Quando questionada acerca deste aspeto, se ia lavar a roupa a uma fonte ou a um tanque, respondeu: "à fonte, a água vinha direta de um poço e depois tinha aquelas bancadas para a gente bater". Uma característica destas 'fontes' que evidência constrangimentos para a lavagem é, por vezes, o caudal da água não ser

1 *link* para visualizar a entrevista: https://youtu.be/nEw9T8YiCh4
2 Estado Novo (1933-1974)

37| avó Rosa (2021)

suficiente para muitas mulheres, tornando necessário acabar de lavar algumas peças em casa, posteriormente. Segundo os seus relatos, lavou em duas 'fontes'. A primeira, a que ia com a sua sogra, era a 'fonte das Nicas'. Deixaram de a frequentar, devido à sujidade da água, após uma enxurrada. Nesta, para além de se lavar a roupa, também se ia buscar água para consumo próprio e servia de bebedouro para os animais. A segunda, era 'fonte da Alagoa' que apenas era utilizada para a lavagem porque se encontrava próxima de pecuárias, tornando a água imprópria para o consumo. Desta forma, a sua perspetiva vai ao encontro à nossa análise anterior, na medida em que retrata um espaço de lavagem que nem sempre é completamente adequado à tarefa.

Esta era uma atividade que a avó Rosa fazia, sensivelmente, entre as 6h e as 9h da manhã, antes de ir trabalhar para os campos agrícolas. Na entrevista, explicou como lavava a roupa e, ainda, mostrou os instrumentos que levava: a gamela, onde transportava a roupa e o sabão, mais recentemente substituído pelo detergente. Depois da roupa lavada, não existia nenhum local adequado para a secagem e, por isso, as mulheres ou a secavam em casa ou por cima da vegetação. Em relação ao ambiente vivido nestes espaços, a experiência que a minha avó descreve não corresponde exatamente à ideia, por vezes romantizada em documentos da época, de que os lavadouros eram locais alegres e onde se cantava. No seu caso, recorda-os como locais onde se 'ralhava' e discutia porque as mulheres tinham que utilizar a água à vez. Também, nem no caminho para e de volta da 'fonte' se cantava porque 'não havia vagar', como refere.

No final da entrevista, tentámos ir à fonte, mas já não existia acesso e já não existia fonte. A natureza tinha reconquistado este espaço.

Combinámos no dia anterior que na manhã do dia seguinte iria visitá-la para falarmos sobre como era lavar a roupa no lavadouro e que tempos eram esses. No dia seguinte por iniciativa própria, a minha avó, sem que estivesse nos seus melhores dias, arranjou-se e vestiu-se a rigor. Enquanto eu preparava a câmara e o cenário, apareceu com os seus adereços: uma rodilha, um alguidar, um pano e um sabão. Como se só estivesse pronta para a entrevista com aqueles objetos. Talvez assim, fosse um pouco mais fácil viajar para o passado ou, para nós, imaginá-la lá. Até neste momento, sem existir qualquer encenação, o lado teatral da sua personalidade, que me surpreende desde criança, esteve presente. Assim, ao longo da conversa surge um cântaro para cantar a 'preceito' sobre a fonte onde ia buscar água. E, para o desfecho, um lenço aos ombros para cantar mais uma canção.

3. entre [r]evoluções: deste a Industrial à dos Cravos

Seguindo uma linha cronológica que se inicia com a repercussão da Revolução Industrial em Portugal, nos finais do século XIX, e que termina com os acontecimentos que se sucederam a Abril de 74, com a 'Revolução dos Cravos', neste capítulo pretendemos dar a conhecer outras abordagens naquilo que diz respeito à criação dos lavadouros públicos. Os lavadouros eram, até então, enquanto construções de arquitetura popular, percecionados como espaços 'do povo e para o povo'. Ainda que seja este tipo de arquitetura que está na origem dos lavadouros, neste período, observam-se outras abordagens para a sua construção. Os exemplos apresentados representam situações excecionais em que se verifica um envolvimento de entidades, desde o Estado, como promotor, até ao próprio arquiteto que os desenha. Ao contrário dos lavadouros referidos anteriormente que pertencem a meios quase sempre rurais, estes casos integram-se normalmente em projetos de planeamento muitas vezes associados a um contexto urbano ou de urbanização.

Se as últimas décadas do século XIX foram marcadas por um avanço económico em Portugal[1], a viragem para o século XX fez-se de transformações que provocaram conturbações não só a nível económico[2], mas também político e social. Segundo Paulo M. Almeida:

> "A entrada no século XX, que foi precedida de um forte incremento económico e logo seguida por uma crise financeira grave, é marcada pela

[1] Particularmente em Portugal continental devido à construção de obras públicas

[2] Agravadas a partir de 1890 com o Ultimato Inglês e com a falência do Banco Baring & Brothers, um dos mais importantes financiadores do Reino

38| filme *Saída dos Operários da Fábrica Confiança* realizado por Aurélio da Paz dos Reis (1896)

instauração da República, um período de grande instabilidade onde se conta a participação na I Guerra Mundial, problemas de abastecimento de géneros essenciais e intensa agitação operária."[3]

Em particular, a 'agitação operária' partia da urgência desta classe, relativamente nova na sociedade portuguesa, de que as suas necessidades básicas fossem atendidas. Os efeitos da Revolução Industrial[4] surgem tardiamente em Portugal, ao contrário da realidade de outros países europeus. Apenas em 1850 foi criada uma associação de operários portugueses que deu início ao movimento desta classe. Este ambiente é documentado no primeiro filme português, realizado por Aurélio da Paz dos Reis em 1896 onde se observa a saída dos operários, na sua maioria mulheres, da Fábrica Confiança no Porto.

Embora com o lento desenvolvimento industrial, no início do século XX, assistiu-se em Portugal a um aumento da necessidade de mão de obra no setor secundário e terciário, atraindo a população para o litoral onde se localizavam, maioritariamente, as indústrias. Esta deslocação demográfica traduziu-se num crescimento das zonas urbanas, especialmente nas cidades de Lisboa e Porto. Acerca da população portuguesa deste período, nas palavras de Paulo M. Almeida:

"Portugal era um país rural, com mais de 85% da população, em 1910, a viver no campo. A capital Lisboa e a cidade do Porto absorviam 68% da

[3] ALMEIDA, Paulo M. - A questão habitacional em Portugal – Entre o final da Monarquia e a República *in* RAMOS, Rui Jorge Garcia *et al.* - Contexto Programa Projeto: Arquitetura e Políticas Públicas de Habitação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2019, p. 25

[4] Ocorreu em Inglaterra na segunda metade do século XVIII

> população urbana. A urbanização é lenta, embora as cidades da periferia de Lisboa e Porto registassem crescimentos rápidos, a partir da década de 1920. As principais cidades eram atrativas para uma numerosa e variada população, indigente e analfabeta, à procura de um trabalho braçal, muitas vezes relacionado com a agricultura, um lugar numa fábrica ou numa oficina, ou na aprendizagem de um ofício. Homens, mulheres e crianças chegavam às cidades em busca de trabalho, muitas vezes à jorna ou à semana e abrigavam-se onde era possível, em quartos alugados, em barracas, nas casas das "ilhas", nos cubículos dos "pátios" e das "vilas", perto do local de trabalho para poupar nos transportes, mas pagando rendas normalmente caras para os baixos salários auferidos, obrigando toda a família a trabalhar. Muita desta mão de obra era aliciada a embarcar para destinos migratórios, para as "américas", sobretudo Brasil."[5]

Como a citação anterior revela, as metrópoles portuguesas demonstravam falta de condições no acesso ao trabalho e à habitação. A concentração populacional nestas cidades, aliada a problemas como a poluição das fábricas e um saneamento básico insuficiente, tanto no que toca ao abastecimento de água como à rede de esgotos, resultou num ambiente insalubre que favorecia o aparecimento de doenças. Em contrapartida, na mesma época, noutros país da Europa assistia-se à implementação das teorias modernas de higienização desenvolvidas no início do século XIX, materializando-se, no campo da arquitetura, em grandes planos urbanísticos[6].

Em Portugal, embora não se verificasse esta prática, desde as últimas décadas de 1800 que existia uma preocupação constante pelas questões da salubridade e da higiene, nomeadamente pela classe médica[7] e pela classe política. Estas procuravam elaborar medidas baseadas nos padrões de higiene pública que as cidades europeias mais desenvolvidas apresentavam. Entre estas medidas, salientamos a construção de um conjunto de equipamentos públicos do qual fazem parte os lavadouros.

No artigo 118º do Código de 1886 encontrámos a referência mais antiga da lei portuguesa sobre lavadouros públicos[8]. Este legislava no sentido de que a constru-

---

5 ALMEIDA, Paulo M. - A questão habitacional em Portugal – Entre o final da Monarquia e a República *in* RAMOS, Rui Jorge Garcia *et al.* - Contexto Programa Projeto: Arquitetura e Políticas Públicas de Habitação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2019, p. 26

6 Como por exemplo Paris intervencionada por Haussmann ou Barcelona por Ildefonso Cerdá

7 Nesta destacamos o médico Ricardo Jorge por constituir uma figura importante na consciencialização desta problemática e na criação de regulamentação acerca da higiene pública

8 PATO, João Howell - História das políticas públicas de abastecimento e sane amento de águas em

ção destas estruturas, assim como de outros equipamentos que promoviam a higiene urbana, requeriam uma autorização prévia. Em contrapartida, existiam deliberações que não precisavam de ser autorizadas, entre as quais a construção e conservação de fontes, pontes, canos de esgoto e aquedutos que não excedessem o limite financeiro estabelecido. No caso dos lavadouros, a necessidade de passar por uma aprovação relaciona-se, possivelmente, com o fato da sua construção indevida poder condicionar a rede de abastecimento de água das povoações.

Ainda no período que antecedeu a implantação da República, a par das políticas públicas de abastecimento e saneamento das águas, iniciaram-se políticas públicas de habitação. Como temos vindo a mencionar, as condições em que as classes mais pobres habitavam estavam, em muitos casos, próximas do flagelo sanitário:

> "Classes pobres, o mundo dos proletários, vegetam encovados nuns alvéolos húmidos e lôbregos, sem ar e sem luz, e abandonados a uma especulação torpe (…). É forçoso lavrar um protesto energético contra tanto desleixo, contra tanta inépcia, contra tanta loucura criminosa"[9]

Verificámos, no entanto, que existiam algumas exceções. Na cidade do Porto, nomeadamente, o Bairro do Vilar e o Bairro Herculano eram os únicos dois casos de casas económicas[10] construídas durante o século XIX onde prevalecia a salubridade. O Bairro Herculano, em especial, edificado entre 1880 e 1886, a complementar as cento e vinte e nove habitações continha lavadouros e equipamentos religiosos e comerciais.

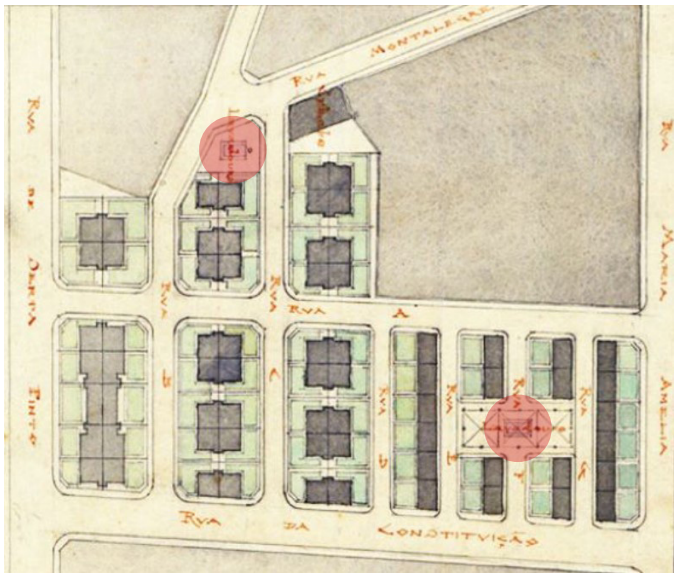
Ainda na mesma cidade, em 1899 inicia-se o desenvolvimento dos bairros do jornal O Comércio do Porto, impulsionados pelo seu diretor Bento de Sousa Carqueja e na sequência dos efeitos provocados pela epidemia de peste bubónica que devastou o Porto no mesmo ano. Tratava-se de uma iniciativa filantrópica promovida pelo proprietário deste jornal para alojar operários têxteis. Neste sentido, pretendia-se que estes conjuntos habitacionais apresentassem a máxima higiene e que se baseassem nos 'melhores modelos estrangeiros'. De acordo com Bento de Sousa Carqueja algumas práticas a ter em conta seriam as seguintes:

> "O bairro operário deve ser formado por pequenos grupos de casas,

Portugal. Lisboa: Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos, 2011, p. 40

[9] JORGE, Ricardo - Hygiene Social: Applicada a Nação Portugueza. Porto: Imprensa Civilização, 1885 *in* GONÇALVES, Eliseu - A República e a questão social da habitação no rescaldo da Guerra (1918-1933) *in* AGAREZ, Ricardo Costa *et al.* - Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2018, p. 42

[10] Anteriores ao Programa das Casas Económicas


RUA
RUA
RUA

40l perspetiva do projeto do Bairro Económico, projetado por Arnaldo Adães Bermudes (1897)

com a hierarquia estabelecida, assumindo uma posição central num espaço de praceta interior possivelmente coberta. O lavadouro, a norte, localizava-se numa zona mais periférica do empreendimento, num lote onde a configuração irregular do terreno não permitia dar continuidade à sequência de casas.

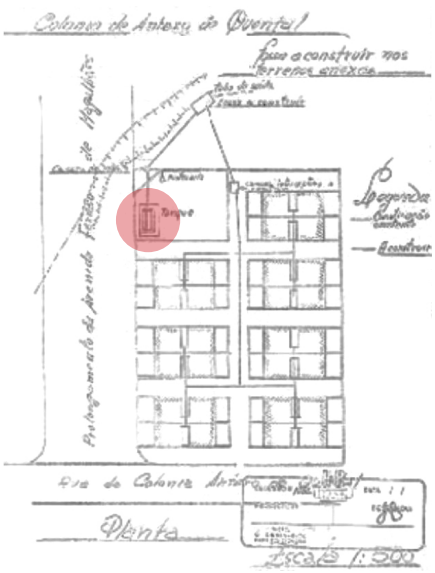
Na mesma época, surgem, também, outras soluções de bairros económicos no país, como é o caso do bairro em Lisboa projetado por Arnaldo Adães Bermudes[13] em 1897[14]. Para além de propor habitações de vários tipos, este projeto incluía diversos edifícios públicos de apoio, entre os quais lavadouros. Este projeto, conforme se pode ver na perspetiva axonométrica explicativa da solução, procurava representar o "ideal de realização da casa operária"[15].

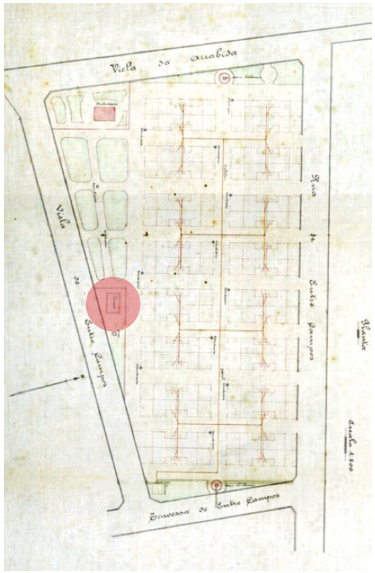
Não sendo estes exemplos a 'regra' nos meios urbanos portugueses, foram sendo criadas iniciativas regulamentares e legislativas que procuravam colmatar o problema da habitação económica. Entre as quais, salientamos a proposta de lei nº 10-BB apresentada pelos Ministros das Obras Públicas e da Justiça, tendo sido discutida a 22 de agosto de 1905. A iniciativa centrava-se no auxílio a particulares para a construção de bairros ou grupos de casas baratas que se destinavam às classes mais desfavorecidas economicamente. Na sua base encontram-se inquéritos de salubridade e cadastros sanitários realizados a requisito do rei D. Carlos. Entre as várias medidas, a proposta assume uma particular relevância de acordo com o artigo 7º.

13 Um dos autores do então futuro Bairro do Cego

14 Que tirava partido da ação filantrópica da rainha D. Amélia. Era um bairro concebido para ser replicado noutras zonas da cidade

15 GONÇALVES, Eliseu - Bairros de Habitação Popular no Porto, 1899-1933 - A Prática de uma Arquitectura Económica, Saudável e Cómoda nas Vésperas do Moderno.: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015, p. 184





41| lavadouro na planta do projeto da Colónia Operária Antero de Quental, autor desconhecido (s.d.)

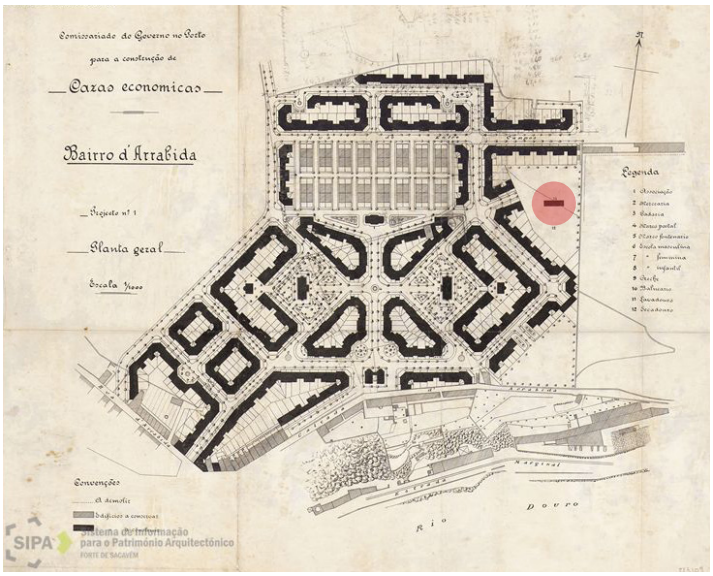
42| lavadouro na planta do projeto da Colónia Operária Viterbo de Campos, assinado por Aníbal Barros (s.d.)

Este artigo informava que nos bairros "de maior vulto e importância"[16] era obrigatória a construção de uma escola e de um lavadouro público. Esta obrigação revela a importância destes dois equipamentos e demonstra as preocupações higienistas lado a lado com as educacionais.

Após a Implantação da República, em 1910, identificamos projetos de vários bairros incluídos em programas de habitação pública que incluíam lavadouros públicos como equipamento de apoio. Sublinhamos que estas estruturas, tal como este tipo de habitação, eram construídas para a população mais pobre. Especialmente no início do século, as diferenças sociais entre a população eram muito acentuadas e os espaços de pobreza não se cruzavam com os de riqueza. Os lavadouros públicos são espaços que, até hoje, nunca deixaram de ser apenas para os mais pobres e particularmente para as mulheres, tal como foi referido anteriormente.

A primeira iniciativa municipal relacionada com a habitação social em Portugal corresponde ao Programa das Colónias Operárias. Este surgiu na cidade do Porto e teve como precursor o médico e presidente da Câmara Municipal Eduardo Santos Silva. A experiência construtiva do bairro promovido pelo jornal O Comércio do Porto foi importante na elaboração deste programa, que neste caso recorreu ao orçamento camário. Através desta iniciativa foram edificados quatro bairros, entre 1914 e 1917, na periferia da zona urbana do Porto que se encontrava em expansão: as Colónias Operárias Antero de Quental, Estêvão de Vasconcelos, Dr. Manuel Laranjeira e Viterbo de Campos. Apenas as Colónias Operárias de Antero de Quental e Viterbo de

[16] Proposta de Lei Capítulo I Disposição geral dos bairros operários e grupos de casas baratas de 22 de agosto. Diário da Câmara dos Senhores Deputados 19ª sessão, 1905



43| lavadouro na planta do projeto do Bairro da Arrábida projetado por Gaudêncio Pacheco (1918)

Campos apresentavam lavadouros nos respetivos projetos, identificados na planta de implantação como 'tanque'. Estes localizavam-se em zonas junto aos limites do terreno com espaço livre ao seu redor pensados talvez como espaços de secadouro e coradouro. Em fotografias aéreas de 1939 é possível observar peças de vestuário a secar e a corar nos espaços sem construção nas respetivas quatro colónias.

Durante o governo de Sidónio Pais, criou-se o decreto nº 4 137 de 24 de abril de 1918, que ganha uma particular relevância por se tratar do primeiro instrumento legislativo que promovia um programa de habitação de 'casas económicas', isto é "que se destinassem ao alojamento das classes menos abastadas (famílias de operários, artistas, empregados públicos ou particulares) e que satisfizessem as condições de salubridade e preço definido."[17]. Tendo o Estado como promotor, é iniciada a construção, no Porto, do Bairro da Arrábida, em Lisboa, o Bairro da Ajuda/Boa-Hora. Ambos os conjuntos tinham um lavadouro público, equipamento obrigatório de acordo com o artigo 25º deste decreto.

No projeto do Bairro da Arrábida, sendo o seu plano da autoria do engenheiro Gaudêncio Pacheco, o lavadouro público é um equipamento que, ao contrário de outros, não se encontra nos eixos principais do conjunto. A sua localização que se relaciona pouco com o desenho do empreendimento, atribui a esta estrutura um carácter de exceção e de isolamento, potenciado pela área considerável de secadouro que a rodeia.

[17] GONÇALVES, Eliseu - A República e a questão social da habitação no rescaldo da Guerra (1918-1933) *in* AGAREZ, Ricardo Costa *et al.* - Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2018, p. 53

44| localização do lavadouro no Bairro da Ajuda (transformado), (2022)

A construção do Bairro da Ajuda, projetado pelo arquiteto Rosendo Carvalheira e pelo engenheiro Joaquim Craveiro, iniciou-se em 1919, porém foi interrompida em 1922 e retomada depois, tendo sido inaugurado em 1935. Durante este processo, já implantado o regime do Estado Novo, procedeu-se à transformação do lavadouro que integrava este bairro em mercado de peixe, conservando-se a área de estendal. A localização deste edifício indica-nos que se tratava de um equipamento perto do eixo central do bairro, incorporado na malha habitacional.

Durante o regime do Estado Novo surgiram vários programas habitacionais, entre os quais as Colónias Agrícolas construídas entre 1936 e 1960 pela Junta de Colonização Interna. Ao contrário dos exemplos mencionados anteriormente, este programa fomentava intervenções em meios rurais. A maioria destas Colónias não dispunham de abastecimento de água domiciliário, pelo que as estruturas de abastecimento de água, em que se incluem os lavadouros, eram indispensáveis às populações que as habitavam. Inclusivamente, na Colónia Agrícola de Creande o chafariz-lavadouro era o único equipamento que existia. Algumas Colónias Agrícolas têm a particularidade de terem sido concebidas em torno de um espaço central. Este tinha como objetivo agregar as pessoas, à semelhança de uma praça, e nestes espaços públicos, de estar, o lavadouro era uma das estruturas que se encontrava presente. No entanto, o papel que os equipamentos de abastecimento de água[18] desempenhavam neste programa não se refletia na organização espacial dos conjuntos. A localização destes equipamentos nos desenhos não é clara, sendo até possível que a sua indicação no

[18] Chafarizes, bebedouros e lavadouros

45| lavadouro do Bairro de Casas para Famílias Pobres de Olhão, projetado por António Gomez Egea e Luís Guedes (s.d.)

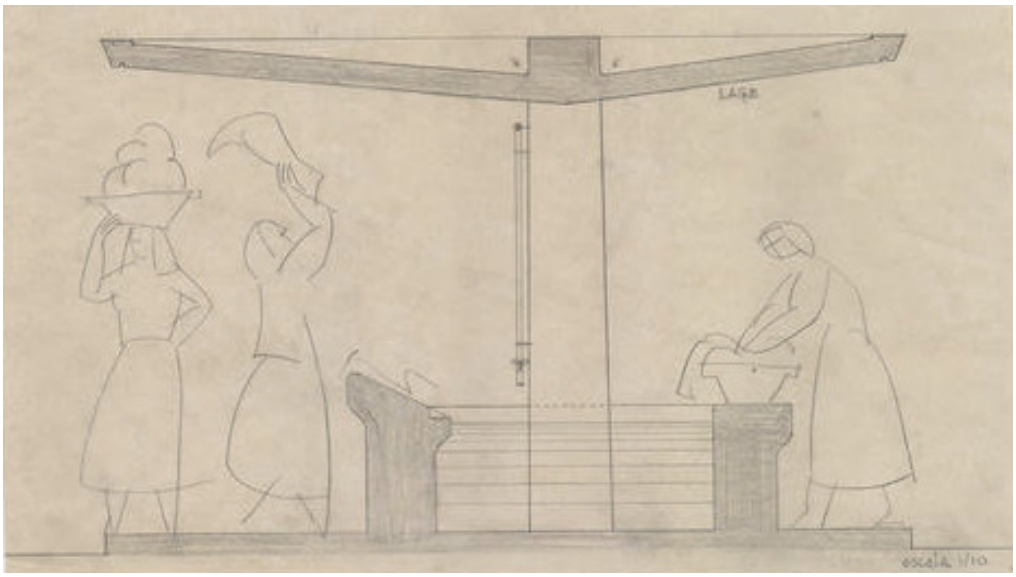
desenho não correspondesse ao local da sua construção. Possivelmente, com algumas exceções, as estruturas eram desenvolvidas enquanto projetos-tipo. Segundo Filipa Guerreiro, parece não existir uma estratégia comum para a implantação destes equipamentos, sendo por vezes: "implantados no centro do espaço (Aldeia da Veiga, núcleo II da CA Alvão), em um dos topos (Vidoeiro, Pinhal Novo, núcleo VII da CA Alvão), ou em vários pontos sem aparente relação (S. Mateus)"[19].

É ainda de salientar dois bairros construídos durante o regime do Estado Novo: o Bairro de Casas para Pescadores, em Matosinhos e o Bairro para Famílias Pobres, em Olhão[20]. O Bairro para Pescadores em Matosinhos foi construído ao abrigo do programa Casas dos Pescadores tendo sido um dos bairros de maior dimensão deste programa. A sua construção teve três fases que ocorreram de 1946 a 1962. A autoria do projeto da primeira fase, sem ser possível afirmar com certeza, é atribuído a Januário Godinho. Sem confirmação também, a segunda fase é da autoria de Alexandre Teixeira Bastos, que projetou a terceira fase. Este bairro incluía um lavadouro que foi edificado entre 1958 e 1959.

O Bairro de Casas para Famílias Pobres de Olhão foi edificado no âmbito do programa Casas para Famílias Pobres entre 1946 a 1950, sendo inaugurado em 1951. O projeto foi realizado por António Gomez Egea e Luís Guedes. Em 1953, o bairro integrou a publicação oficial *Mais melhoramentos mais trabalho* ilustrado, entre outras, por uma imagem do respetivo lavadouro público.

19 GUERREIRO, Filipa de Castro - Colónias Agrícolas Portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960 - A casa, o assentamento, o território. [S.l.]: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015, p. 407

20 Também chamado Bairro Marechal Carmona ou, ainda, Bairro 28 de Setembro



46| corte do lavadouro, projetado por Fernando Lanhas (1953)

Enquanto que nas cidades, a construção de novos lavadouros encontrava-se muitas vezes associada aos programas de habitação, em contextos rurais, com exceção do caso das Colónias Agrícolas, não parece existir muito investimento quer da parte do Estado, quer de privados na criação e conservação destas estruturas. A única medida que encontrámos desenvolvida durante o regime do Estado Novo que contempla a construção ou reparação dos lavadouros, a cargo dos Serviços do Estado, diz respeito aos Melhoramentos Rurais[21], isto é, obras que interessassem "apenas à facilidade das relações dos povos entre si e com os campos de que dependem"[22].

Em 1953, o arquiteto e artista Fernando Lanhas projetou um conjunto de abastecimento de água para o Lugar da Palhaça, Milheirós de Poiares, Santa Maria da Feira. Este conjunto englobava uma fonte e um lavadouro coberto. Através do respetivo desenho em corte é possível compreender a relação de escalas que o arquiteto pretendia criar entre a estrutura e os utilizadores. Neste desenho, que se presume que fosse apenas técnico, o traço das figuras femininas revela o lado artístico deste arquiteto. As mulheres encontram-se no processo de lavagem da roupa, uma a lavar, outra a bater e outra a transportar a roupa em bacias.

No início da segunda metade do século XX, o arquiteto Chorão Ramalho, a pedido da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, desenhou vários modelos de lavadouros para serem construídos naquela ilha. Até então, a lavagem da roupa era realizada diretamente nas levadas ou em lavadouros rudi-

[21] Criados pela Direção Geral dos Serviços de Urbanização em 1954
[22] TEIXEIRA, Laura - Os abastecimentos de água no planeamento do território português. A acção do Estado Novo. [S.l.]: ISCTE-IUL, 2017, p. 140

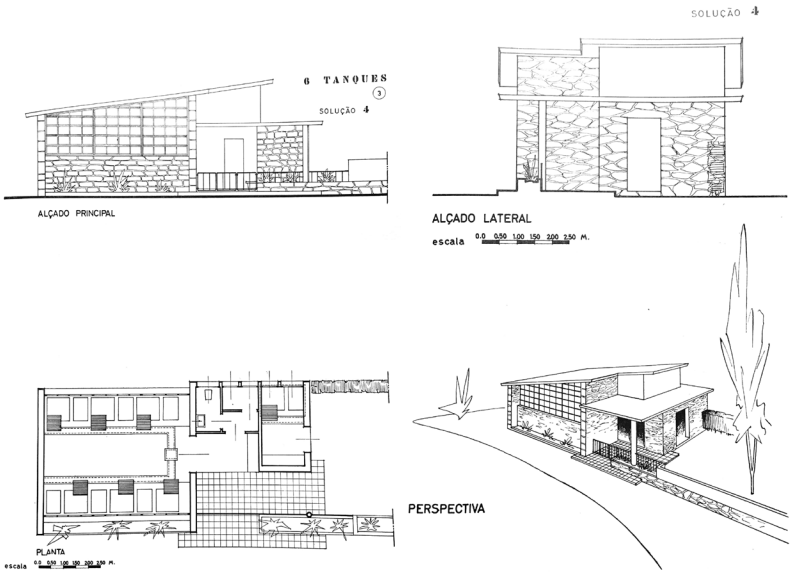
47| lavadouro projetado por Chorão Ramalho na Ponta do Pargo, Madeira (s.d.)

mentares anexos às levadas. São exemplos de variações de um mesmo modelo, um lavadouro em Santa Cruz e outro na Ponta do Pargo. Alguns elementos arquitetónicos que os constituem, como a cobertura plana inclinada de betão, o ripado de betão e os pilotis remetem-nos para uma procurada arquitetura modernista caraterística da época.

Mas, a criação de lavadouros-tipo por todo o território nacional era uma ambição do Ministério das Obras Públicas como se pode verificar pelo livro *Normas para a Construção de Lavadouros Públicos*, de 1959. O seu principal objetivo era "servir de orientação e sugestão aos técnicos municipais na organização dos projetos formais que sejam encarregados"[23]. Desta forma, no que diz respeito à localização destas estruturas é aconselhado, por exemplo, que o seu local fosse discreto e possuísse terreno disponível para servir de secadouro e coradouro. Por sua vez, a dimensão dos lavadouros relaciona-se com o seu número de células, que deveria ser proporcional à população que o utilizaria, de acordo com um cálculo disponibilizado. Sugere-se que estas estruturas tivessem cobertura e uma proteção lateral, assim como uma instalação sanitária e uma casa para o guarda, em situações particulares. Entre os vários dimensionamentos referidos, salientamos a medida do corredor que não deveria ser menor que 0,8 m. Um aspeto relevante destes modelos é que as soluções propostas adaptam-se a cada região do país através da aplicação dos processos construtivos característicos do local[24]. São enumerados vários materiais de acabamento para ele-

[23] CENTRO DE ESTUDOS DE URBANISMO - Normas para a Construção de Lavadouros Públicos. Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1959, p. 5

[24] Conforme tinha sido já experimentado e implementado no país com outros tipos de equipamentos públicos como, por exemplo, os projetos tipo para as Escolas Primárias

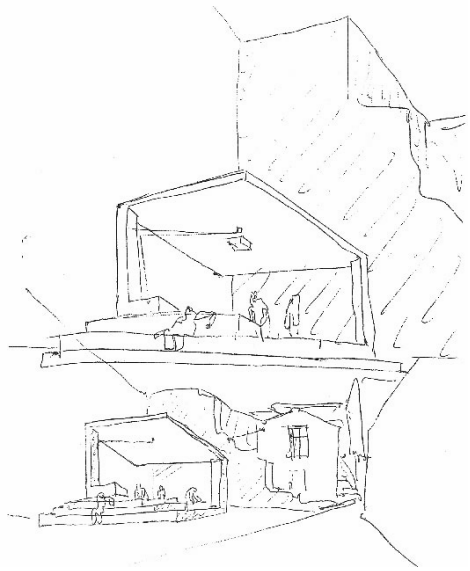


48| desenhos de um modelo de lavadouro segundo as *Normas para a Construção de Lavadouros Públicos* (1959)

mentos que necessitam de uma camada final específica. Com a finalidade de tornar esta tarefa mais fácil, é facultada uma tabela em que as soluções são determinadas de acordo com a província do país e o número de tanques (células). Para cada solução são apresentados desenhos técnicos: alçados, plantas, cortes e perspetivas, assim como informações sobre as de dimensões dos elementos onde passa a água e os esgotos. Em relação aos elementos gráficos desconhecemos a sua autoria, no entanto estes revelam uma forma de representar e um sentido espacial que nos remetem, também, para uma estética modernista. Encontramos algumas semelhanças entre estes lavadouros e os lavadouros projetados pelo arquiteto Chorão Ramalho na mesma época, nomeadamente, a combinação de materiais regionais com outros mais recentes e o recurso, nalguns casos, à cobertura plana inclinada e à parede lateral de proteção. Estas tentativas de padronização como forma de conceber e construir estes equipamentos com mais eficiência são uma exceção à resposta predominante que eram os lavadouros municipais, caracterizados por uma diversidade formal e material[25].

No rescaldo de quarenta anos de um regime fascista, Portugal continuava a ser um país de evidentes desigualdades, nomeadamente, naquilo que respeita à situação habitacional. Com a Revolução dos Cravos em 1974, foi criado o SAAL: Serviço de Apoio Ambulatório Local. Num processo partilhado entre as brigadas técnicas, compostas essencialmente por arquitetos e estudantes de arquitetura, e as associações e comissões de moradores, pretendia-se construir novos bairros em prol

[25] Registos fotográficos no anexo, pp. 242-247

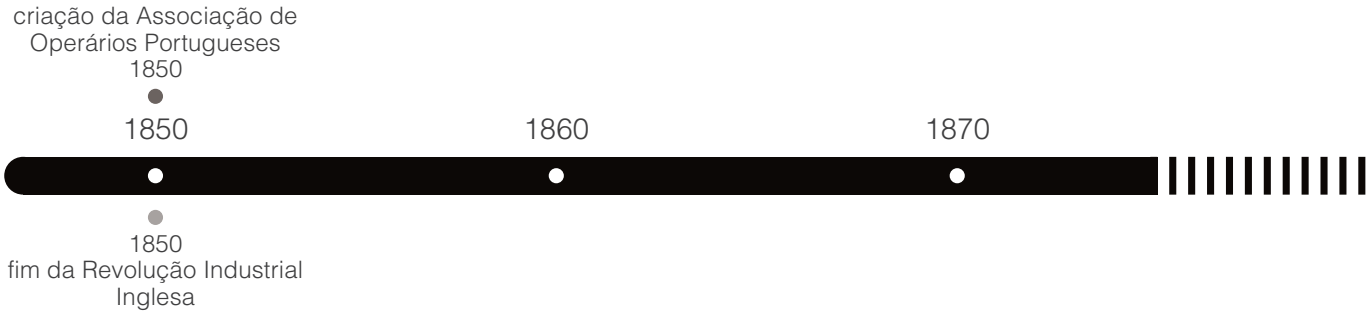


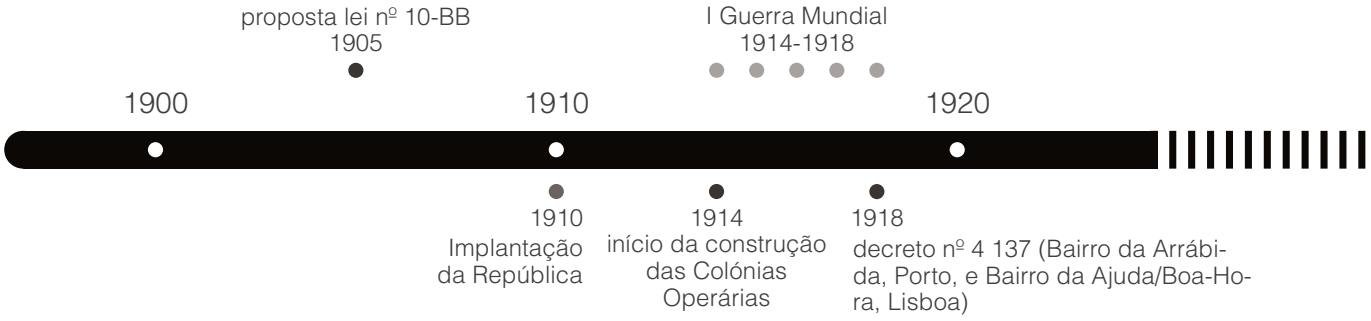
49l esquisso de Álvaro Siza para um tanque em S.Vitor, Porto (s.d.)

de uma habitação digna. Adicionalmente, as Operações SAAL foram também responsáveis pela criação de infraestruturas e equipamentos, entre os quais se incluíam lavadouros. Através de um esquisso de Álvaro Siza temos acesso à proposta de um tanque de lavagem para o Bairro de S. Vitor no Porto, projeto por ele coordenado. Este tanque seria coberto e localizava-se num espaço comum do conjunto. Em São Pedro da Cova, temos conhecimento de um lavadouro projetado pela brigada técnica coordenada por Manuel Correia Fernandes que possivelmente se localizava junto ao complexo mineiro. O único lavadouro construído no âmbito do SAAL que persiste até à atualidade, possivelmente, é o lavadouro da Sé do Porto, o primeiro caso de estudo apresentado no capítulo seguinte.

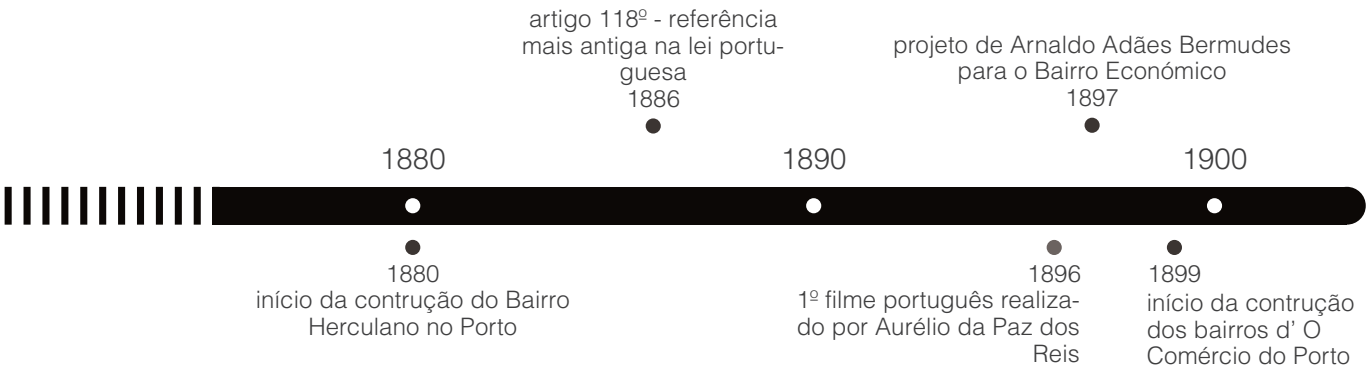
Com a gradual melhoria das condições de vida e dos modos de habitar, os lavadouros foram, gradualmente, perdendo a sua utilidade. Em substituição destas estruturas surgiram, inicialmente, os tanques individuais em betão. Segundo Manuel Graça Dias, a utilização vulgarizada destes objetos, possivelmente, ocorreu após a primeira Guerra Mundial quando o recurso ao betão se tornou recorrente[26]. Por sua vez, o aparecimento das máquinas de lavar a roupa, presentes em 44% dos lares portugueses nos anos 80[27], originaram uma progressiva supressão dos tanques.

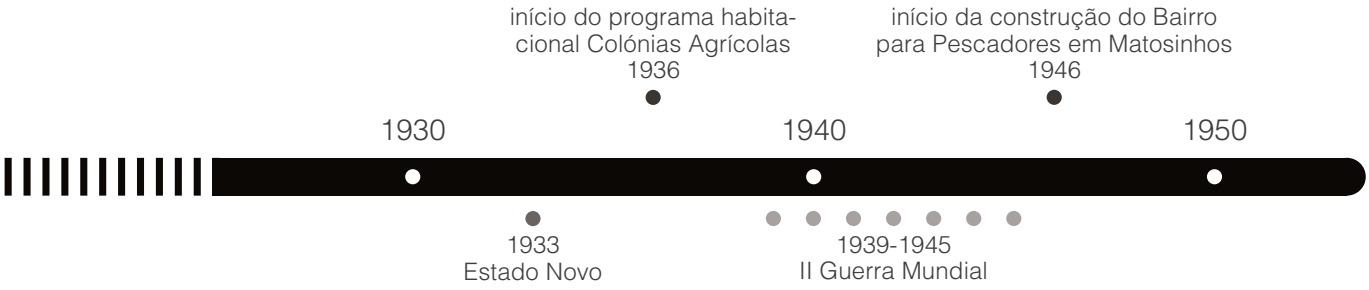
[26] CARDOSO, Joana Amaral - Portugal a lavar roupa no tanque | Objetos (quase) obsoletos. Público Ípsilon. (11 ago. 2017)
[27] *Ibidem*





50l cronologia capítulo I.3.





legenda

- acontecimentos mundiais
- acontecimentos nacionais
- acontecimentos relacionados com os lavadouros públicos

parte II

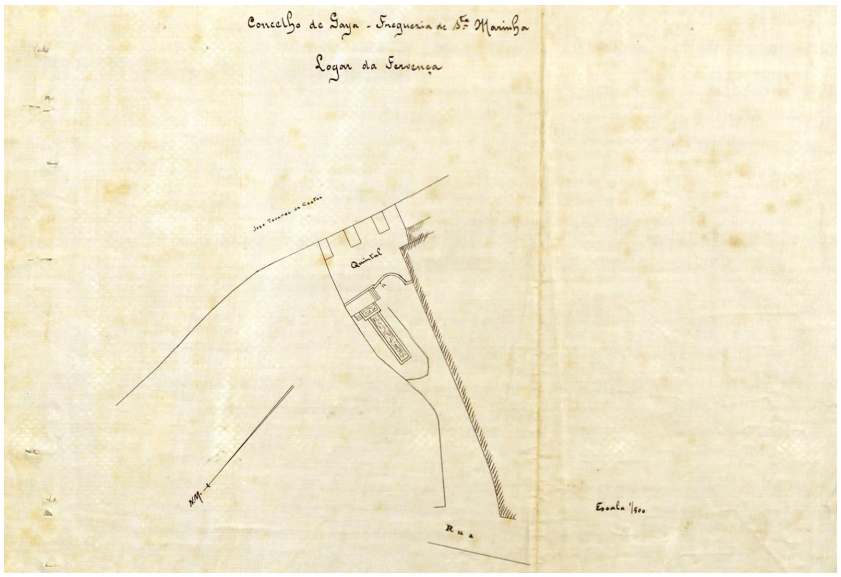
Gaia [Douro] Porto

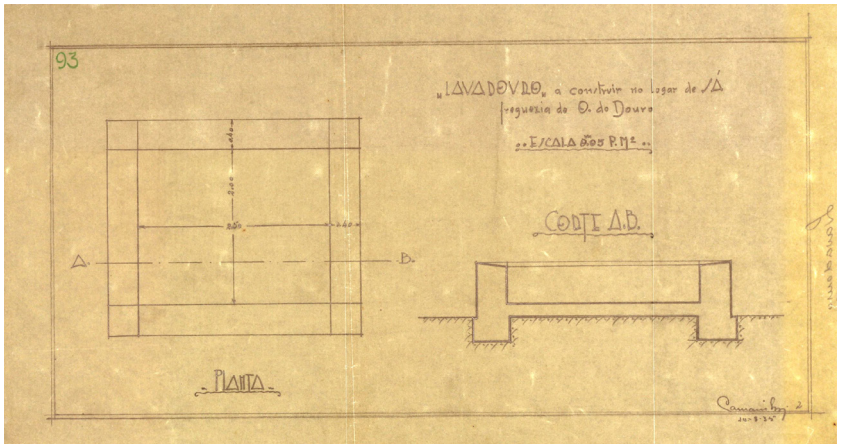
1. evolução. identificação. mapeamento

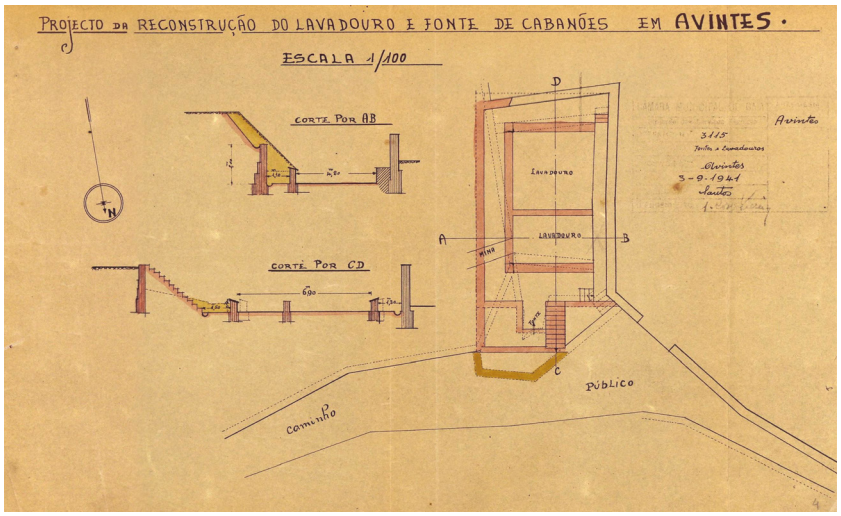
É na escala que reside a justificação para a autonomia da parte II. Na parte I debruçámo-nos sobre um território vasto, mundial e nacional, de uma forma geral. Por sua vez, nesta segunda parte procurámos em continuidade com a abordagem anterior dirigirmo-nos ao específico através de uma progressiva diminuição de escalas. Assim, na parte II impusemos limites que são definidos pelas cidades de Vila Nova de Gaia e do Porto.

Existiram vários fatores que nos levaram a escolher esta área, nomeadamente, porque sendo estudante deslocada na cidade do Porto havia a motivação particular pessoal em aprofundar os conhecimentos acerca deste território. Por outro lado, a presença e importância para o nosso estudo do Rio Douro, implicou que ambas as margens fossem consideradas. Ao longo desta análise, percecionámos este elemento natural como o protagonista, não pela sua posição central, mas por se tratar de um curso de água cujas margens correspondem aos primeiros espaços de lavagem da roupa, adquirindo, por isso, uma importância especial. O Douro e a rede hidrográfica do qual faz parte são, naturalmente, pontuados por lavadouros construídos ao longo dos tempos. Selecionámos, como casos de estudo, três lavadouros de exceção que se localizam nas suas margens.

Os projetos mais antigos de lavadouros para esta área a que conseguimos ter acesso remontam ao século XIX, sem que nos seja possível indicar com uma maior precisão as suas datas. No caso de Vila Nova de Gaia, estas estruturas eram com frequência desenhadas em associação com fontes, característica que transitou para o século seguinte. Em relação ao Porto, destacamos o projeto da Alameda das Fontaí-



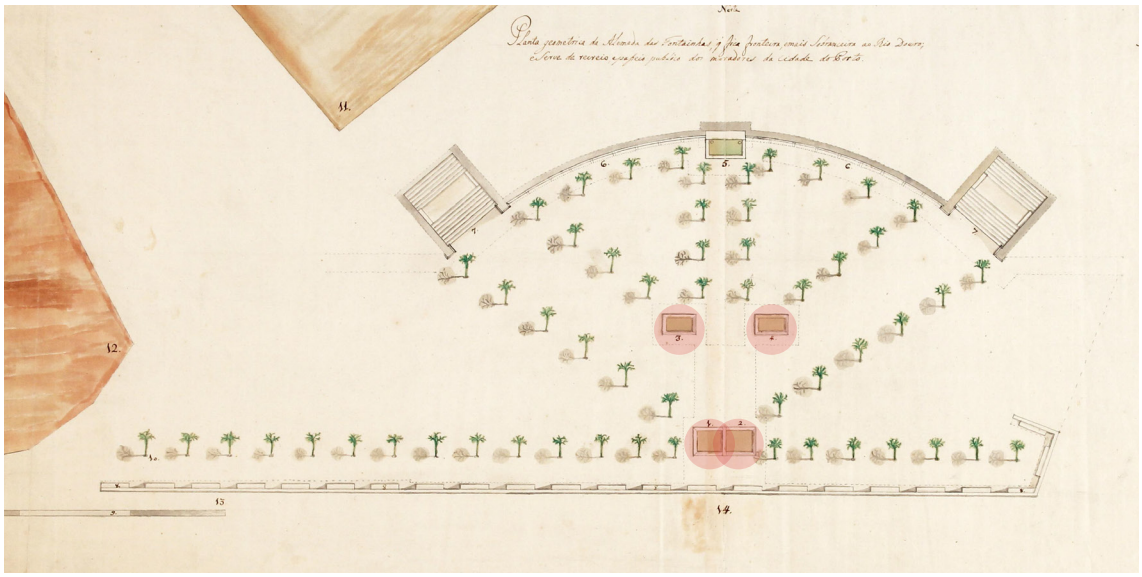




51l planta da fonte e lavadouro da Fervença, Vila Nova de Gaia, autor desconhecido (1862-1906)

52l projeto para o lavadouro de Sá, Vila Nova de Gaia, autor desconhecido (1935)

53l projeto de reconstrução do lavadouro e fonte de Cabanões, Vila Nova de Gaia, autor desconhecido (1941)



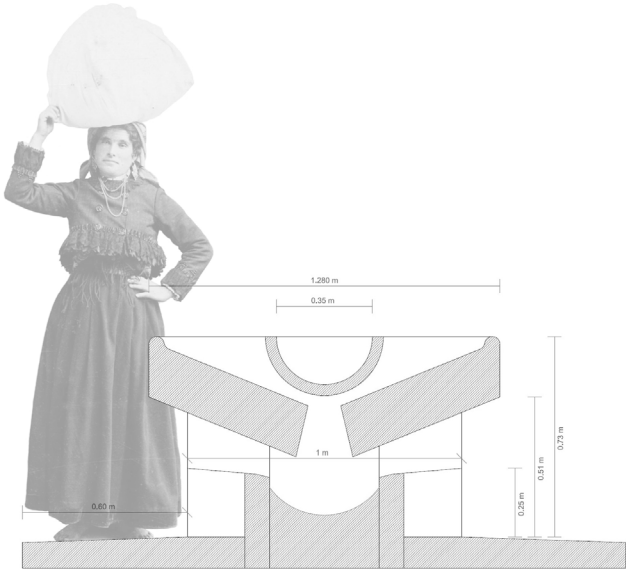
54| tanques para a lavagem de roupa na planta Alameda das Fontaínhas, Porto (século XIX)

nhas que contemplava a construção de quatro tanques para a lavagem da roupa. Nesta proposta urbana os lavadouros são elementos essenciais na conceção geométrica deste espaço.

Fotografias e ilustrações da época[1] permitem-nos saber como eram os lavadouros construídos nestas cidades no início do século XX[2]. Estes registos informam-nos que se tratavam de estruturas simples com um único compartimento para a água, podendo ou não serem elevadas. Estas construções correspondiam à representação gráfica dos lavadouros do século anterior.

Ao longo deste século verificou-se uma grande evolução nestas estruturas, cada vez mais confortáveis e adequadas à tarefa da lavagem. Este processo de aperfeiçoamento passou, naturalmente, também pelo seu desenho. Nos anos 30, os projetos de lavadouros em Vila Nova de Gaia demonstravam a intenção de construir tanques geométricos em que as pedras de lavagem se encontravam elevadas em relação ao nível do pavimento. Estes desenhos apresentavam mais rigor e detalhe, nomeadamente pela representação destas estruturas em várias vistas: plantas, cortes e alçados, e da incorporação de dimensões tais como a medida da largura da pedra de lavagem (40 cm em vários desenhos) indiciando-se, assim, a procura de uma uniformização[3]. Da mesma altura existem, também, desenhos de coberturas a construir em tanques existentes nesta cidade, constituindo-se como uma solução útil.

1 No anexo, pp. 248-249
2 Existindo também 'lavadouros' constituídos apenas por pedras soltas como se pode observar pelos registos no anexo, pp. 250-251
3 Visível no projeto para o lavadouro de Sá e no projeto para o lavadouro do Lugar de Sernandes, que se encontra no anexo, p. 252



55| corte construtivo da tipologia e lavadeira do Porto

Registos fotográficos da inauguração do lavadouro em Casais, Gulpilhares, em 1936, evidenciam a importância que este tinha para a população[4]. Tratou-se de um evento ao qual comparecem muitas pessoas incluindo várias entidades governamentais.

Na mesma década, na cidade do Porto, foi desenvolvida, pelos serviços da Câmara Municipal do Porto, uma tipologia para a construção dos futuros lavadouros na cidade. Criada pelo Doutor Oliveira Lima[5], integrava uma estratégia de combate ao problema da insalubridade levada a cabo entre 1924 e 1948. Surge na sequência de uma reclamação sobre o estado degradado em que se encontrava o lavadouro da Lameira de Cima. Após constatar o estado desta estrutura, os serviços camarários iniciaram um reconhecimento dos lavadouros da cidade, concluindo-se que:

> "Não havia na cidade um único lavadouro em condições simplesmente razoáveis de higiene; todos eles mereciam antes a designação de sujadouros públicos"[6]

Perante esta situação, é proposta, pelo responsável desta operação, Oliveira Lima, a implementação de três hipóteses de ação naquilo que diz respeito aos lavadouros: a construção, a transformação ou a supressão definitiva de lavadouros existentes, conforme cada caso. Para o efeito, é concebida e proposta uma tipologia de

4 No anexo, p. 253

5 Professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e inspetor da Higiene e Sanidade Municipais

6 LIMA, Oliveira - Os Lavadouros Públicos do Pôrto. Boletim de Higiene e Sanidade Municipais - Câmara Municipal do Porto. 3:1936, p. 4

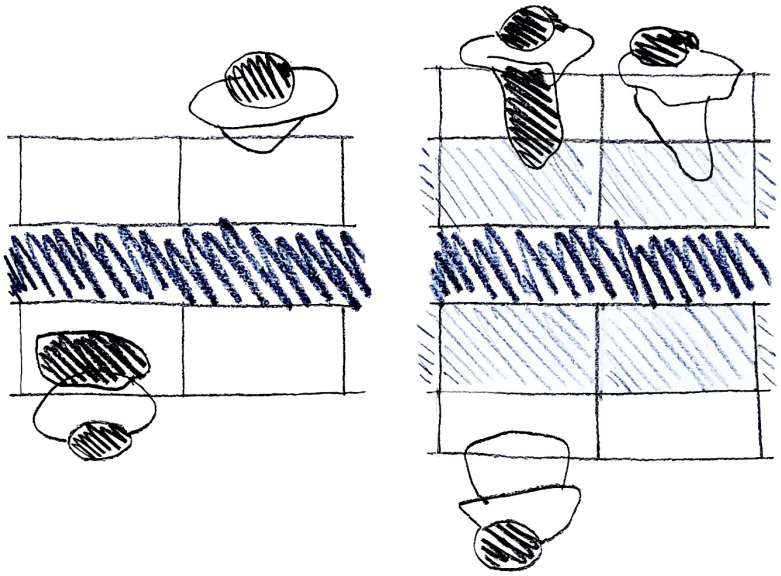
56| lavadeiras a lavar no lavadouro das Fontaínhas no filme *A Costureirinha da Sé*, realizado por Manuel Guimarães (1958)

'lavadouro do tipo moderno' caracterizada, principalmente, pela condição essencial de ter água limpa.

O primeiro lavadouro transformado para corresponder a este modelo foi o lavadouro das Fontaínhas[7]. A sua estrutura passou a ser composta por três blocos/grupos de lavadouros individuais: dois para 20 mulheres e outro para 12, no total 52 lugares. A importância de dispor de água limpa fez com que o desenho do sistema de águas ditasse o modo de utilização e a, consequente, forma do lavadouro. Mais detalhadamente, no eixo longitudinal de cada bloco colocou-se uma conduta de água limpa e de forma perpendicular, de ambos os lados, as rampas em pedra para as lavagens individuais. Este desenho permitia não misturar a água da conduta, constantemente limpa, com a água suja das rampas que tinha uma saída diferente, e, ainda, a água entre as várias lavadeiras.

No entanto, através desta experiência percebeu-se que este modelo não dava resposta a todas as necessidades das lavadeiras, nomeadamente contrariava o hábito de mergulhar as peças de roupa na água como acontecia noutros lavadouros e nos rios. Neste lavadouro, faziam-no na conduta central perdendo-se a condição de limpeza e higiene que aquele sistema requeria e pretendia. Na longa-metragem *A Costureirinha da Sé* de 1958, realizada por Manuel Guimarães, é apresentada uma cena passada no lavadouro das Fontaínhas na qual podemos observar este modelo e a sua incorreta utilização por parte das lavadeiras. Podemos estabelecer uma analogia entre esta cena e aquela que se passa no filme *Aldeia da Roupa Branca*, referida anterior-

[7] Desenhos técnicos no anexo, p. 254



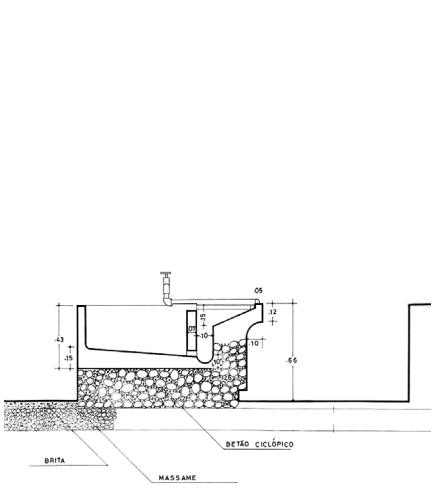
57| desenho ilustrativo da planta da tipologia e planta da tipologia melhorada, respetivamente

mente, já que ambos retratam de uma forma 'romantizada' a tarefa de lavar a roupa, intensificada pelo papel que a música que acompanha assume.

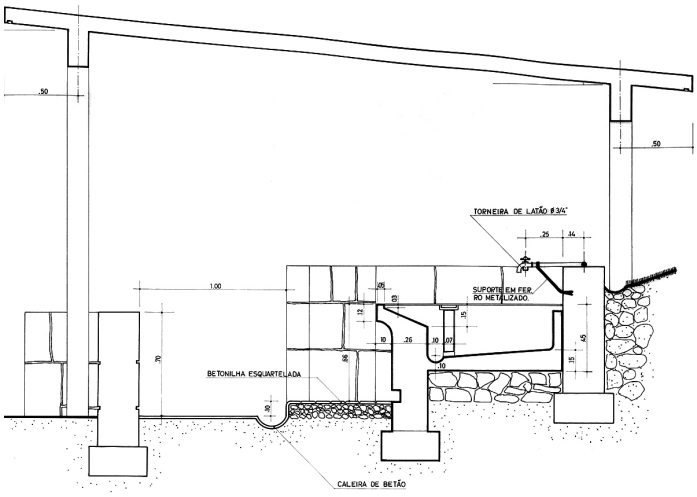
Desta forma, à semelhança dos processos evolutivos que os lavadouros mais rudimentares sofreram, esta tipologia também foi alvo de melhorias. A adaptação passou pela atribuição de um novo compartimento do lavadouro a cada lavadeira que incluía uma rampa de lavagem e uma bacia ou pia em direto contacto com água corrente. Com esta tipologia foram projetados, no Porto, dois lavadouros novos e outros dois transformados. Previa-se a construção de dez lavadouros deste tipo na cidade para que 4 200 pessoas conseguissem usar por dia, em vez de lavarem em casa como sucedia com a maioria da população. Aos lavadouros desta cidade foram ainda acrescentadas coberturas de diversas formas e materiais para que pudessem ser utilizados durante todo o ano.

No Porto, para além da construção de lavadouros em locais públicos, identificámos a sua construção associada a bairros habitacionais, entre os quais destacamos três: o Bairro Duque de Saldanha, o Bairro Operário de Lordelo do Ouro e o Bairro Rainha D. Leonor. O lavadouro do Bairro Duque de Saldanha foi construído em 1939, dois anos após a sua edificação, existindo dois projetos posteriores para a sua ampliação, um de 1965-1969 e outro de 1971. Em relação ao Bairro Operário do Lordelo do Ouro, através de registos fotográficos temos conhecimento que em 1947 possuía um lavadouro coberto[8]. Vários projetos para o Bairro Rainha D. Leonor incorporavam lavadouros, nomeadamente a proposta de 1949, 1954 e 1965, esta última correspondendo

[8] No anexo, p. 255



CORTE TRANSVERSAL



CORTE TRANSVERSAL

58| corte do lavadouro do Bairro Duque de Saldanha (1965)

59| corte do lavadouro do Bairro Rainha D. Leonor (1965)

aos lavadouros demolidos recentemente.

Nos projetos de 1965 para os bairros Duque de Saldanha e Rainha D. Leonor é possível encontrar semelhanças ao nível do seu desenho, designadamente, nas medidas apresentadas nos cortes transversais de cada projeto que são, na sua maioria, iguais, revelando que, possivelmente, seriam estruturas padronizadas.

Até às últimas décadas do século XX, tanto em Vila Nova de Gaia como no Porto era frequente a construção de novos lavadouros ou a implementação de coberturas e a reparação de estruturas existentes. Por exemplo, no município de Vila Nova de Gaia na década de 70 mais de três dezenas de lavadouros foram alvo deste tipo de intervenção. No entanto, verificámos também que ao longo deste século existiram lavadouros que não foram intervencionados, como é o caso do lavadouro da Cantareira, na Foz do Porto que permaneceu como tinha sido construído pelo menos até aos anos 50[9]. Ainda que os lavadouros públicos, na sua maioria, tenham evoluído e se tenham tornado cada vez mais cómodos para a realização desta tarefa, lavar diretamente no Rio Douro foi uma atividade recorrente ainda na segunda década do século XX como registam imagens de fotografias e vídeos[10].

Tal como apontado relativamente ao contexto nacional, a mecanização da lavagem originou uma progressiva diminuição da utilização dos lavadouros destas cidades, existindo, no entanto, casos excecionais. A perda da sua função original levou à extinção de inúmeras estruturas. Outras continuam a existir, porém muitas vezes sem

[9] Registos do lavadouro em 1905 e 1955-1992 no anexo, pp. 256-257

[10] Como se pode observar em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/porto-mulheres-da-ribeira-parte-ii/ e através de registos no anexo, pp. 258-261

atividade regular, o que contribui para a sua degradação e consequente abandono. Desta forma, realizámos um mapeamento dos lavadouros públicos existentes em Vila Nova de Gaia e no Porto, onde identificámos 42 lavadouros no território junto ao Rio Douro. Estas construções encontram-se em estados de conservação e manutenção variáveis. Três surgem destacadas através de um modo de identificação diferente por serem os casos de estudo que aprofundaremos: o lavadouro da Sé, o lavadouro de S. Nicolau e o lavadouro da Afurada.

01. lavadouro da Fonte
02. lavadouro do Alvite
03. lavadouro em Canidelo
04. lavadouro em Canidelo
05. lavadouro de São Paio
06. lavadouro do Castelo de Gaia
07. lavadouro das Azenhas
08. lavadouro da Barrosa
09. lavadouro de Paço de Rei
10. lavadouro da Fonte Velha
11. lavadouro em Mafamude
12. lavadouro da Lavandeira
13. lavadouro do Casal
14. lavadouro em Santa Marinha
15. lavadouro da Barroca
16. lavadouro da Fervença
17. lavadouro do Bolhão
18. lavadouro de Sá
19. lavadouro em Avintes
20. lavadouro da Ervilha
21. lavadouro da Cantareira
22. lavadouro em Ramalde
23. lavadouro da Arrábida
24. lavadouro dos Moinhos
25. lavadouro das Bicas de Vilar
26. lavadouro das Virtudes
27. lavadouro na Rua Tomás Gonzaga
28. lavadouro da Arca d'Água
29. lavadouro em Paranhos
30. lavadouro do Outeiro
31. lavadouro das Fontaínhas
32. lavadouro da Presa Velha
33. lavadouro da Agra
34. lavadouro de Noêda
35. lavadouro de Bonjóia
36. lavadouro de Contumil
37. lavadouro do Falcão
38. tanques comunitários do Freixo
39. lavadouro da Granja

A. lavadouro da Sé
B. lavadouro de S. Nicolau
C. lavadouro da Afurada

60| mapa dos lavadouros existentes em Vila Nova de Gaia e Porto

três visões contemporâneas

1.1. lavadouro da Sé, Porto

O lavadouro da Sé, no Porto, faz parte de um projeto da autoria do arquiteto José Gigante[1]. Foi desenvolvido entre 1974 e 1975, e parcialmente construído de 1975 a 1981. Na época em que o projetou José Gigante encontrava-se a frequentar os últimos anos do Curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, sendo este o seu primeiro projeto construído.

As primeiras intervenções no Bairro da Sé por parte do arquiteto José Gigante são anteriores ao início do projeto para o lavadouro público. Esta era uma zona da cidade, sobre a qual, em conjunto com alguns colegas de curso tinha já trabalhado, nomeadamente na procura de soluções para a resolução de problemas de higiene básica como a falta de um sistema de recolha de lixo. No entanto, em 1974 no âmbito do programa SAAL, Serviço de Apoio Ambulatório Local[2], foram impulsionadas algumas ações com o objetivo de proporcionar a melhoria das condições habitacionais desta população. Tal como aconteceu em outras zonas da cidade e do país, foram definidas

---

[1] José Gigante nasceu no Porto em 1952. Em 1969 ingressou no curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, que viria a concluir em 1981. Durante este período realizou vários projetos, nomeadamente, no âmbito da operação SAAL da zona da Sé, projetando o presente caso de estudo. Trabalhou também como colaborador no atelier de Jorge Gigante, o seu pai, e de Francisco Melo. Ainda na década de oitenta iniciou a sua atividade como docente na mesma instituição que tinha frequentado, função que continuou a desempenhar noutras universidades portuguesas e estrangeiras, nomeadamente, na Universidade de Coimbra. Desde 1997 possui atelier próprio no Porto

[2] "A 6 de Agosto de 1974, foi publicado o despacho que criou o SAAL, que visava apoiar, através das Câmaras Municipais, as iniciativas da população mal alojada, no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros. O serviço foi definido como um corpo técnico especializado para atuar através das Câmaras e a seu pedido, reconhecendo-se que, na generalidade dos concelhos, os serviços técnicos municipais eram insuficientes. A designação englobava não só o citado corpo técnico, mas também eventuais equipas multidisciplinares especialmente contratadas." *in* COSTA, Ana Alves *et al.* - Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Vitor. 1a edição. Lisboa: Tinta da China, 2019, p. 21

61| vista do Porto com lavadouro da Sé ao centro (s.d.)

62| lavadouro da Sé (s.d.)

diferentes operações e áreas de intervenção distribuídas por diferentes equipas técnicas e de apoio local. A brigada técnica da Sé, à qual pertencia José Gigante e outros estudantes como Carlos Prata, Carlos Guimarães, Henrique Carvalho e Francisco Barata, ao contrário das restantes brigadas foi 'liderada' apenas numa fase inicial por um professor, neste caso o arquiteto Manuel Teles. Entre as várias medidas propostas salientamos a construção do lavadouro público, um equipamento prioritário devido à necessidade básica que então colmataria.

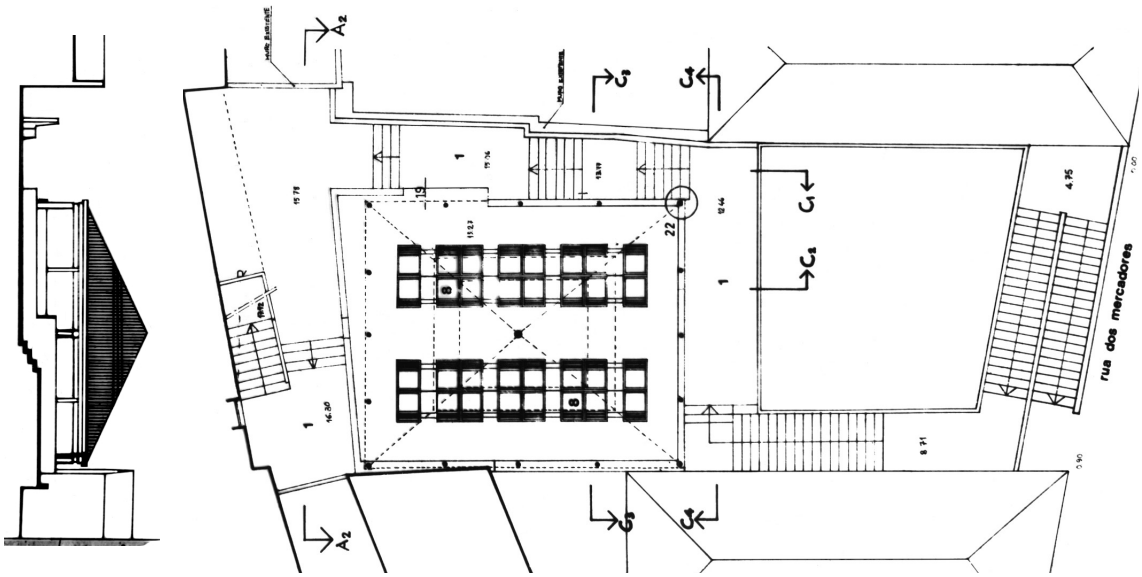
Este projeto, primeiro caso de estudo desta investigação, contemplava quatro espaços principais: o lavadouro, um balneário e duas salas de reuniões. A escolha do lote foi determinada pela existência de poucos terrenos disponíveis nesta zona da cidade. O Bairro da Sé apresenta uma elevada densidade numa malha urbana consolidada. É um território pontuado pela presença de várias estruturas com valor patrimonial como a muralha, localizada na proximidade do lavadouro. O volume criado pelo arquiteto enquadra-se nesta paisagem devido à sua cobertura de quatro águas em telha que assenta numa 'base' retangular de betão aparente. Estes dois elementos são descritos, pelo arquiteto, como: "complementares, unidos e dimensionados pela escala do lugar"[3].

Este conjunto de equipamentos integrava-se numa proposta urbana mais abrangente. Nesta, o volume do novo equipamento pode ser percecionado como o elemento que permite a articulação de uma rede de acessos pedonais a construir também. Referimo-nos, nomeadamente, à ligação entre a Rua de Santana e a Rua dos Mercadores que se concretizava através de plataformas a diferentes cotas e escadas. Por sua vez, estes elementos incorporavam-se no volume novo que se desenvolvia em quatro pisos, cada um correspondente a um espaço programático. Nesta intervenção previa-se também o acesso à antiga Viela do Colégio, a qual se propunha revitalizar.

Pretendia-se que o edifício fizesse parte do espaço público. Esta ideia reforçava-se pela ausência de portas ou gradeamentos nas áreas de transição. Contudo, observamos que a 'entrada' não deixava de estar definida, designadamente através de muretes. O trajeto desde a Rua de Santana é composto por uma sequência de acessos que revelam uma gradual abertura visual até culminarem numa plataforma mais desafogada que antecede a 'entrada'. Nesta sequência, o primeiro espaço que encontramos ao transpor a 'entrada', numa posição destacada, é o lavadouro:

"No fundo o lavadouro era um local de encontro. Ali, como as casas

[3] Texto disponibilizado pelo arquiteto José Gigante intitulado Balneários e lavadouros (Brigada S.A.A.L da zona da Sé) incluído no anexo, p. 267



63l alçado nordeste (1974-1975)

64l planta do piso do lavadouro (1974-1975)

eram muito pequeninas, muito da vida passava-se na rua. Viam-se as pessoas a lavar na rua em tanques. Portanto, a ideia de colocar um lavadouro na parte de cima, mais junto ao percurso, corresponde à ideia de criar uma espécie de praça, enquanto o balneário, por natureza, seria mais privado."[4]

A inexistência de uma porta entre o espaço de lavadouro e a área de circulação que o antecede atribui ao lavadouro um carácter semipúblico. No interior, encontramos um espaço único, quase retangular, pois um dos lados não é perpendicular. Esta forma é delimitada através de muros em todos os seus lados. O pavimento encontra-se ao mesmo nível, existindo a diferença de um degrau para a zona de circulação. O espaço é composto, essencialmente, por tanques e um pilar metálico no centro, sob o qual assenta a cobertura retangular que cobre a maior parte das área.

A restante estrutura metálica é constituída, maioritariamente, por pilares de menores dimensões que se apoiam diretamente nos muros. No lado que não é perpendicular e na zona de entrada existem pilares.

Os tanques estão dispostos em duas filas longitudinais que permitiam a lavagem da roupa frente a frente. No total, 32 pessoas, quase sempre mulheres, conseguiriam utilizá-los em simultâneo. Quanto ao seu funcionamento, a água encanada caía para um compartimento fundo que tinha associado um plano inclinado destinado à esfrega e batimento das peças. Na sua lateral, existia uma zona horizontal com um compartimento que possibilitava a colocação de bacias. Não fazendo parte do projeto

[4] Entrevista concedida pelo arquiteto José Gigante no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 147-162

uma área de secadouro, as mulheres apropriavam-se do espaço livre estendendo o vestuário molhado em locais que não tinham sido projetados com essa finalidade.

O betão, as telhas e o metal são os três materiais predominantes no lavadouro. Os tanques, cuja construção foi executada *in loco* com o objetivo de permanecerem fixos, são em betão, assim como, o pavimento constituído por lajetas e os muros. A telha cerâmica constitui o elemento de revestimento da cobertura, com a exceção de faixas de telhas de vidro que permitem a entrada da luz natural na zona de lavagem. Por sua vez, a cobertura com uma estrutura de madeira, é apoiada em pilares metálicos. Os pilares eram pintados com vermelho-escuro, cor que se encontra presente noutros elementos deste conjunto, tais como na caixilharia em madeira dos balneários.

Este espaço ainda que confira a proteção física necessária à atividade, estabelece um constante diálogo visual com a cidade e com a paisagem. O espaço aberto do lavadouro contrasta com os espaços, de carácter privado, mais encerrados e com menos luz natural dos balneários:

> "[O lavadouro era] uma espécie de varanda ao ar livre. O sítio é muito bom porque as pessoas estavam ali muito arejadas, tinham uma vista fabulosa sobre o rio. Portanto, é um bom sítio para estar. De facto, o que observámos em lavadouros é que seria um espaço de convívio, em que estavam a lavar e conversar."[5]

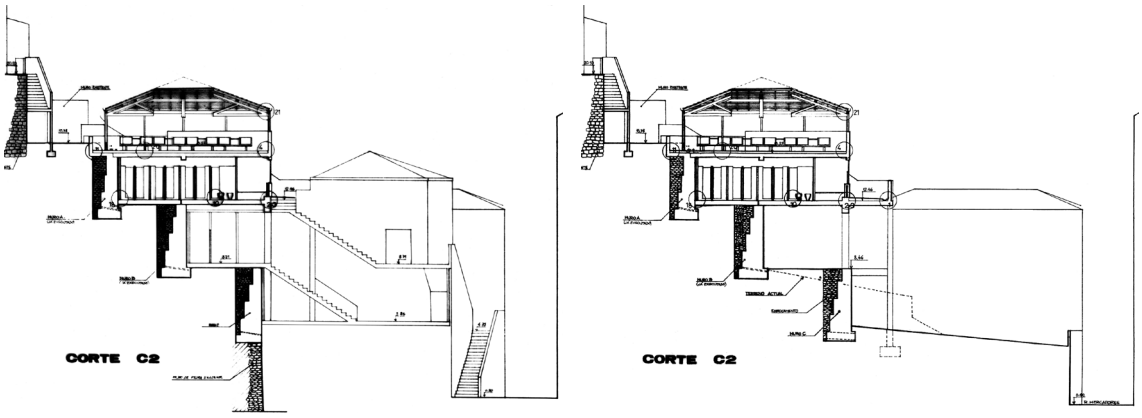
Se imaginarmos a vivência neste espaço, destacamos a paisagem sonora que poderia ser ouvida associada aos restantes sentidos: as vozes femininas, a pressão da água a cair nos tanques, o bater da roupa, o passar das pessoas na rua, as gaivotas que sobrevoam a zona e todo o movimento da cidade que envolve este equipamento.

Atualmente apenas o lavadouro e o balneário se encontram de acordo com o projeto original, embora também tenham sofrido algumas alterações, como por exemplo, a colocação de portas e gradeamentos que condicionam a entrada nestes espaços, alterando, de certa forma, o seu carácter. O projeto construído na época corresponde, possivelmente, a um projeto de 1976 modificado pela Câmara Municipal do Porto que não incluía as salas de reuniões. Estes espaços nunca chegaram a ser construídos. A ligação entre a Rua de Santana e o equipamento realizada através de escadas prevista no projeto original e, posteriormente, também no segundo projeto, foi construída, todavia hoje em dia já não existe. O acesso atual é realizado a partir do

[5] Entrevista concedida pelo arquiteto José Gigante no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 147-162

65| interior do lavadouro (2020)

66| vista exterior do interior do lavadouro (2020)



67| corte longitudinal do projeto original (1974-1975)

68| corte longitudinal do projeto construído (1975)

miradouro da igreja de São Lourenço, tendo-se perdido a intenção inicial de utilizar o edifício como articulação e ligação entre diferentes cotas.

Assim, o nosso interesse pela escolha do lavadouro da Sé como caso de estudo reside na singularidade do contexto temporal em que foi projetado e construído. Isto é, ter sido desenvolvido numa época pós-revolução em que se valorizava de forma intensa os direitos e as necessidades do povo. Trata-se, por isso, de um ambiente social diferente do ambiente em que foram construídos os outros lavadouros estudados, distanciados deste temporalmente por décadas. O projeto tem a particularidade de ser uma das primeiras obras do arquiteto José Gigante. Uma das problemáticas que consideramos mais importantes é a expressão arquitetónica que este adota, integrando-se e fundindo-se no edificado envolvente sem deixar de se afirmar, uma opção projetual distinta dos outros casos de estudo. Outra diferença notória é a malha densa e consolidada da cidade em que este projeto se integra, ao contrário dos outros exemplos, localizados na margem do Rio Douro. Realçamos, ainda, a intenção do arquiteto em que este fosse um equipamento útil, mas em simultâneo solucionasse questões urbanas, mais concretamente a articulação de cotas e a criação de percursos pedonais. Nesta abordagem presenciamos um diálogo entre a tradição e a modernidade, uma dualidade refletida, também, no espaço do lavadouro.

1.2. lavadouro de S. Nicolau, Porto

O lavadouro de S. Nicolau é um projeto da autoria dos arquitetos Paulo Providência[1] e Maria do Rosário Abreu, tendo sido projetado e construído entre 1989 e 1992. Localiza-se no Porto à semelhança do lavadouro da Sé, encontrando-se geograficamente próximos.

O cliente desta obra foi a Câmara Municipal do Porto, entidade para a qual estes arquitetos tinham trabalhado anteriormente. Este projeto foi solicitado no âmbito de um programa desenvolvido pelo vereador Oliveira Dias, que consistia, essencialmente, na recuperação de lavadouros públicos da cidade, tendo, também, estes arquitetos reabilitado quatro dessas estruturas[2]. No entanto, na zona de São Nicolau verificou-se a falta de equipamentos de higiene pública, pelo que lhes foram solicitados dois projetos, um lavadouro e uns sanitários, que optaram por associar na mesma proposta. A este programa foram acrescentados uns balneários, uma sala com máquinas de lavar roupa e uma área técnica. Coincidentemente, a toponímia deste sítio, outrora denominado Cais dos Banhos referente à sua tradição medieval de banhos, revela que, noutra época, ali se reuniram os três programas principais deste equipamento: o lavadouro, os sanitários e os balneários.

O local de implantação foi definido pela Câmara, determinando que o projeto corresponderia a um conjunto de espaços escavados sob uma plataforma situada en-

[1] Paulo Providência nasceu em Coimbra em 1962. É arquiteto desde 1989 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. É Professor no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, onde coordena um Atelier de Projeto. No início da sua carreira profissional trabalhou com a arquiteta Maria Rosário Abreu, tendo em conjunto desenvolvido diversos projetos, nomeadamente, para a Câmara Municipal do Porto. Mantém, até à data, atividade profissional em atelier próprio

[2] O lavadouro do Ouro, atualmente demolido, das Virtudes, das Fontaínhas e os tanques comunitários do Freixo. Registo fotográfico destes dois últimos no anexo, pp. 262-265, respetivamente

69| fachada do lavadouro para a Rua da Reboleira (2022)

70| fachada do lavadouro para a Rua do Outeirinho (2022)

tre a Rua da Reboleira e a Rua do Outeirinho. Esta plataforma foi construída no século XIX com o intuito de articular a malha urbana antiga com as novas vias da época, nomeadamente, a Rua Nova da Alfândega que permite o acesso à Alfândega Nova do Porto, edificada no mesmo período. No início do projeto, a possibilidade de existirem vestígios arqueológicos anteriores às intervenções do século XIX foi vista como um possível ponto de partida para o desenho dos novos espaços. No entanto, realizaram-se escavações e estes não foram descobertos, tendo sido a plataforma a única preexistência considerada. Outro acontecimento que influenciou o rumo do projeto foi a visita ao local pelo presidente da Câmara Fernando Gomes numa fase inicial. O presidente solicitou a ampliação das áreas programáticas e a alteração do acesso, que deveria realizar-se pela Rua da Reboleira, o que obrigou a uma inversão do projeto.

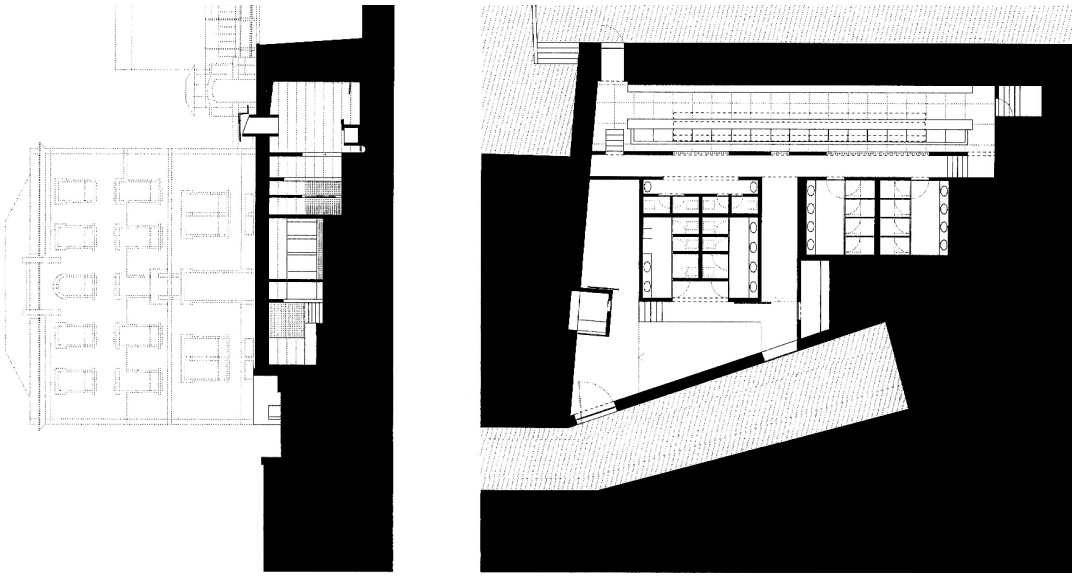
Inserindo-se numa malha urbana que se caracteriza pela presença de edifícios com vários pisos, a solução arquitetónica assume um carácter de 'não-edifício' por não se apresentar como um edifício convencional. A sua volumetria não se destaca no edificado envolvente. A cobertura, composta pela plataforma, encontra-se à cota da Rua Nova da Alfândega, configurando um espaço de usufruto público. A expressão arquitetónica adotada nos alçados não permite um reconhecimento imediato do objeto, nomeadamente, porque configuram planos contínuos com os edifícios adjacentes construídos em alvenaria de granito, pedra predominante nas construções da cidade. As duas fachadas não apresentam, também, vãos ou aberturas que revelem a função desta estrutura.

No interior, observamos a existência de um percurso principal que interliga os diferentes espaços. Cada programa apresenta uma área que, de algum modo, se encontra delimitada. A sua maioria são compartimentos, o que origina uma clara separação das atividades. Estes espaços assumem formas regulares e ortogonais. Em contrapartida, as zonas de circulação 'desdobram-se' por entre os espaços, diferindo nas suas direções e dimensões, designadamente na largura, que diminui de forma gradual ao longo do percurso.

Referindo-se a este projeto, Paulo Providência faz a analogia 'à casa que é uma cidade', referência à metáfora formulada pelo arquiteto renascentista Leon Battista Alberti[3] sobre a relação entre a arquitetura e o urbanismo:

> "O espaço da cidade é portanto concebido como um "interior", mais precisamente como o interior de um palácio, as salas sendo constituídas

[3] Originalmente apresentada no seu livro *De re aedificatoria,* escrito entre 1443 e 1452



71l corte transversal (1989-1982)

pelas praças, e os corredores e escadas, pelas ruas."[4]

72l planta (1989-1982)

Neste projeto, a ideia subverte-se, sendo os espaços interiores reconhecíveis como elementos urbanos, nomeadamente, as galerias de circulação como ruas. O sentido labiríntico que este projeto adota estabelece uma analogia com a malha irregular característica desta zona da cidade.

O espaço interior divide-se em quatro patamares com cotas progressivamente mais baixas, o que proporciona um aumento sequencial do pé-direito. Para vencer as diferenças de alturas entre patamares, por vezes, as zonas de circulação são rampas ou escadas. A criação destes patamares relaciona-se com uma questão central no desenho deste espaços: a privacidade da população local. Os patamares originam uma sequência de espaços em que a privacidade aumenta conforme nos afastamos da rua. Já nos alçados esta preocupação está presente, constituindo-se estes como o primeiro filtro para a progressiva privacidade dos espaços. Cada patamar corresponde a um programa principal do equipamento. No primeiro, ao nível da entrada, existe o posto para o guarda e a sala de máquinas de lavar. O segundo, é composto pelos sanitários e o patamar seguinte, pelos balneários. Entre estes existe uma divisória que encerra os espaços que se seguem, permitindo que o equipamento funcione apenas como sanitários. No último patamar, encontra-se o lavadouro, concebido para ser o local com maior privacidade:

"Sendo esta uma zona em que a pressão turística retraiu os seus habi-

[4] ARGAN, Giulio Carlo - clássico anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Companhia Das Letras, 1984, p. 70

> tantes dos espaços comuns, outra ideia presente neste projeto era que espaço do lavadouro funcionasse como um largo interior de quarteirão, onde os moradores se poderiam encontrar de uma forma protegida do olhar dos turistas."[5]

Por serem espaços escavados foi necessário construir a estrutura em betão armado. Os arquitetos optaram por não revestir este material, deixando-o à vista. Contudo, desenvolveram um sistema de cofragem metálica com recurso a pranchas de ferro utilizadas na construção civil desenhado em conformidade com as dimensões dos espaços.

Esta obra tem a particularidade de ter a canalização e as luminárias à vista. Procurou-se o recurso a poucos materiais construtivos, fazendo a conjugação do betão com a ardósia e o contraplacado:

> "Era como se o edifício fosse uma casca de betão, e a ardósia e o contraplacado atribuíssem alguma sofisticação e conforto."[6]

O betão encontra-se presente na estrutura do edifício, mas também em paredes não estruturais. A ardósia é utilizada como revestimento em situações particulares, por exemplo, nos lavatórios dos sanitários e balneários, e no pavimento e banco da zona do lavadouro. O contraplacado surge, sobretudo, em portas e divisórias. Segundo Paulo Providência:

> "A utilização de betão e ardósia nesta obra foi influenciada pelo modernismo, nomeadamente, pelo arquiteto Pierre Chareau."[7]

À semelhança das obras do movimento moderno, neste projeto observamos uma procura pela verdade dos materiais, encontrando-se estes à vista. Este princípio está também presente na Maison de Verre, projetada por Pierre Chareau, uma referência para Paulo Providência na época em que projetou este equipamento. Nesta casa existe ainda a utilização de contraplacado em situações particulares, tal como neste caso de estudo.

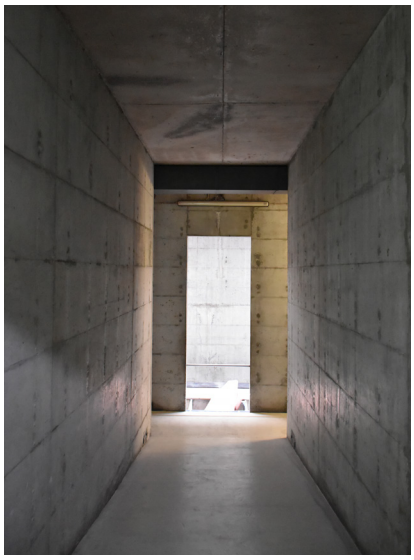
Devido à sua materialidade, o posto do guarda construído em tijolo destaca-se dos restantes espaços:

---

5 Entrevista concedida pelo arquiteto Paulo Providência no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 165-180

6 *Ibidem*

7 *Ibidem*



73l área de circulação (2022)

74/75l área de circulação aberta/encerrada, sendo visível a zona de lavadouro (2022)

> "O recurso a este material estabelece uma alusão à hipotética ruína descoberta através de processos arqueológicos. Era como se fosse uma construção romana devido ao tipo de tijolo escolhido."[8]

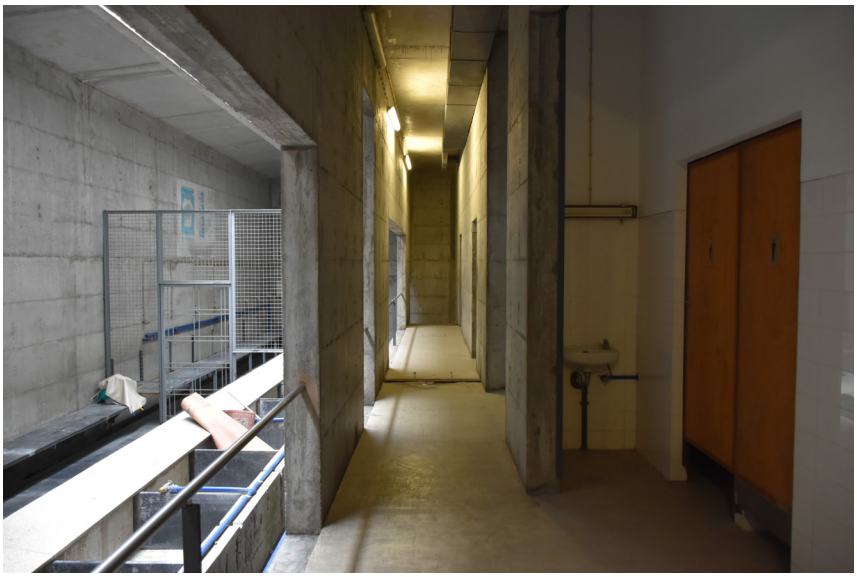
Neste projeto existem outros materiais utilizados pontualmente, entre os quais, cerâmico (revestimentos a azulejo) e aço inox presentes nos sanitários e nos balneários. O azulejo, de cor branca, reveste parcialmente as paredes interiores destes espaços, facilitando a limpeza. Chapas de aço inox polido são utilizadas como espelhos em clara referência à Piscina das Marés em Leça da Palmeira, de Álvaro Siza, assim como o uso de betão à vista. Quanto à disposição dos espaços verificamos semelhanças também entre os dois projetos por se desenvolverem em torno de um percurso 'labiríntico' que se inicia com uma descida ao longo do qual surgem os espaços e os respetivos programas. Observamos no lavadouro efeitos de luz idênticos aos que existem nas piscinas, nomeadamente, um contraste constante ao longo do percurso, originado por ambientes com diferentes tratamentos da luz, uns mais escuros, outros fortemente iluminados e outros com iluminação pontual. O equipamento incorpora também uma obra de arte, um painel de cerâmica pintado com relevo visível do espaço de entrada.

Direcionando o nosso foco para o espaço onde se encontra o lavadouro, no final do percurso, é onde o pé direito máximo do edifício é atingido. O seu acesso é realizado por dois conjuntos de escadas localizados em lados opostos do espaço, sendo este antecedido por uma área de circulação. O espaço do lavadouro apresenta uma forma retangular. A nível da materialidade, as paredes e o teto são em betão aparente e o pavimento foi revestido a ardósia.

Este espaço é composto por tanques longitudinais. A configuração destes tanques é semelhante à de outros lavadouros, designadamente, dos tanques comunitários do Freixo, reabilitados por estes arquitetos. Quanto aos materiais, os tanques são compostos por betão, ardósia e granito. O betão cria a sua estrutura, a ardósia divide os compartimentos e o granito é a pedra de lavagem. Há também um banco revestido a ardósia disposto de um modo longitudinal. Entre os dois elementos, tanques e banco, existe uma área livre onde os utilizadores se posicionam para realizarem a lavagem e pela qual também circulam.

O lavadouro é iluminado com luz natural através de uma claraboia longitudinal centrada com a zona de lavar. Na plataforma exterior, na cobertura, este elemento sur-

[8] Entrevista concedida pelo arquiteto Paulo Providência no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 165-180



76l zona de lavadouro e galeria (2022)

ge associado a um banco desenhado na continuidade das linhas do elétrico, entretanto alteradas. O lavadouro possui também iluminação artificial que se distribui ao longo da claraboia:

> "A ideia inicial de criar um espaço interior ambíguo por conferir uma sensação de exterior continuou presente nesta solução como observamos na galeria sobre os tanques que, sendo interior, nos direciona para o espaço de pé-direito elevado, percecionado como exterior dada a luz natural que recebe da claraboia."[9]

Neste projeto, a procura pelo despertar dos diversos sentidos nos seus utilizadores é muito evidente. Em particular no lavadouro, os materiais apresentam texturas que contrastam entre si, nomeadamente, a rugosidade do granito e o macio da ardósia, conferindo experiências tácteis diversas. Em termos visuais, o tratamento da luz aliado ao próprio desenho do espaço e à escolha de materiais promove um ambiente singular. O som do exterior serve de fundo às vozes presentes no interior que se destacam. O elemento central neste espaço, a água, cria efeitos de reflexão com a luz, produz sons quando cai nos tanques ou no pavimento e, ainda, proporciona a sensação de frescura:

> "Houve uma vontade de trabalhar sensorialmente os materiais, de dominar a luz e de qualificar as experiências do quotidiano."[10]

[9] Entrevista concedida pelo arquiteto Paulo Providência no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 165-180
[10] *Ibidem*

77l zona de lavadouro (2022)

Neste caso de estudo, interessou-nos, principalmente, a relação incomum que o equipamento estabelece com a cidade e em particular, com a zona onde se encontra. A sua expressão arquitetónica faz deste um edifício 'invisível', contrariamente aos outros dois exemplos analisados, que assumem uma presença mais evidente. O seu projeto apresenta a particularidade de ter sido o único dos três desenvolvido em torno de uma preexistência que condicionou a sua configuração escavada, bastante diferente dos lavadouros convencionais. A preocupação dos arquitetos por preservar a privacidade e o bem estar dos utilizadores reflete-se no desenho, sendo outra singularidade desta estrutura. Esta origina um alçado completamente encerrado que contrasta com os lavadouros da Sé e da Afurada projetados para estarem sempre abertos. No interior, é esta preocupação também que gera uma divisão de espaços em patamares distribuídos ao longo de um percurso que culmina no lavadouro. O modo de organizar os espaços, as suas formas resultantes da configuração do terreno, foram outras razões que nos levaram a escolher este lavadouro como caso de estudo. Este projeto remete-nos ainda para um espaço referido como brutalista devido à utilização dos materiais à vista, predominando o betão. No entanto, a sua sobriedade e economia de meios tornam este equipamento incomum, já que estabelece:

> "Um distanciamento face à monumentalidade e arrojo formal que são frequentemente associados ao Brutalismo."[11]

[11] HIGHMORE, Ben *et al.* - Porto Brutalista. [S.l.]: Circo de Ideias, 2019, p. 159

1.3. lavadouro da Afurada, Vila Nova de Gaia

O lavadouro da Afurada, projetado e construído entre 2002 e 2004, é da autoria do Atelier 15[1], gabinete fundado pela dupla de arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez.

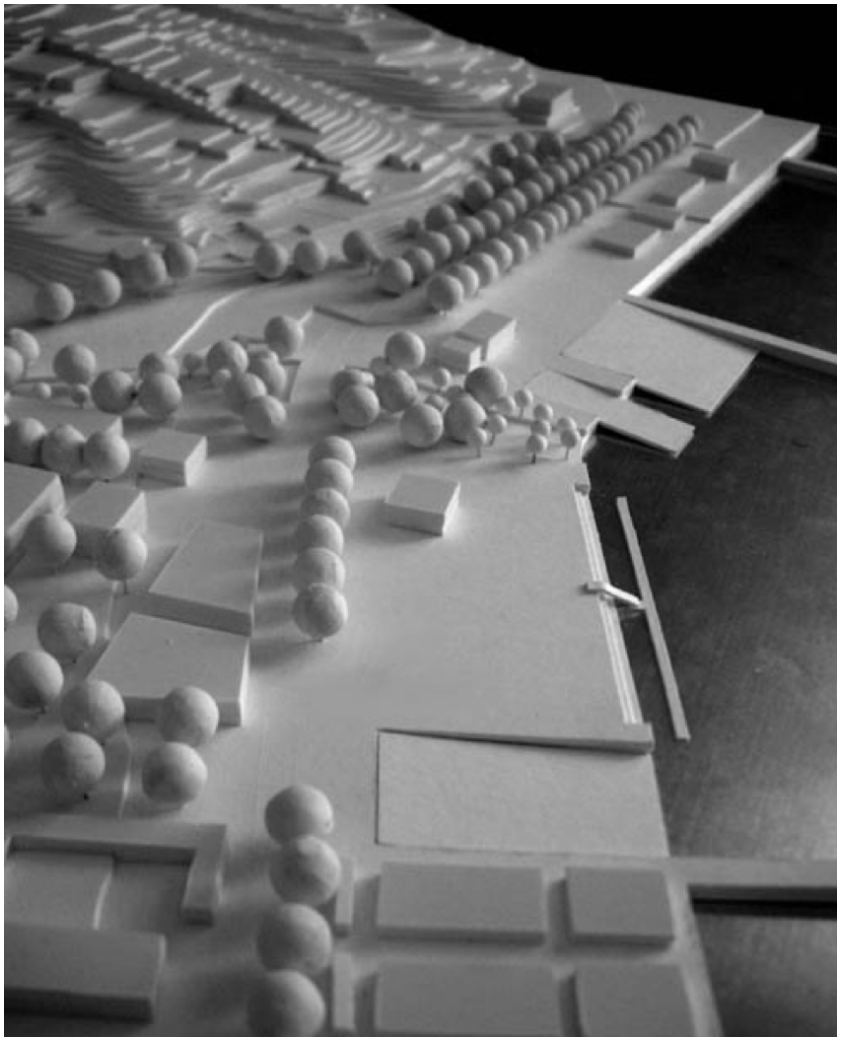
O equipamento localiza-se na freguesia de São Pedro da Afurada em Vila Nova de Gaia. O seu projeto surgiu no âmbito do desenvolvimento do Plano de Pormenor da Afurada atribuído a estes arquitetos pelo programa POLIS.

O Plano centrou-se na requalificação do espaço público, nomeadamente, no seu redesenho e na identificação de equipamentos, a intervir ou a criar, necessários a este núcleo piscatório. O espaço público assume uma particular importância para a comunidade da Afurada uma vez que muito da vivência diária acontece na rua. A reduzida dimensão das habitações originaram a apropriação do espaço público como prolongamento da casa[2]. Considerando as singularidades deste território, os arquitetos procuraram propor um plano que preservasse o carácter identitário deste local. Com exceção do lavadouro e do Centro Interpretativo do Património da Afurada, os projetos que integravam este plano foram entregues a outros arquitetos.

Neste contexto, os arquitetos constataram a existência de dois lavadouros públicos localizados na Afurada de Cima e na Afurada de Baixo. O lavadouro da Afurada de Baixo apresentava um mau estado de conservação, assim como uma localização

[1] O Atelier 15 foi fundado pelos arquitetos Alexandre Alves Costa (Porto, 1939) e Sergio Fernandez (Porto, 1937) na década de 70. Formaram-se pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1966 e 1965, respetivamente. Ambos iniciaram as suas carreiras como docentes nos anos 70. Continuaram sempre ligados ao meio académico, sendo parte ativa da Escola em que se formaram, posteriormente Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

[2] Entrevista concedida pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 183-206



78l maquete do Plano de Pormenor da Afurada que incluí lavadouro (2002-2004)

79l lavadouro em construção rodeado por estruturas da feira (2002-2004)

e implantação não favoráveis à lavagem. Dada a importância que esta estrutura tinha para a população, particularmente para as mulheres, propuseram a sua demolição e a construção de um lavadouro público com melhores condições, ao qual se associava uma área de secadouro.

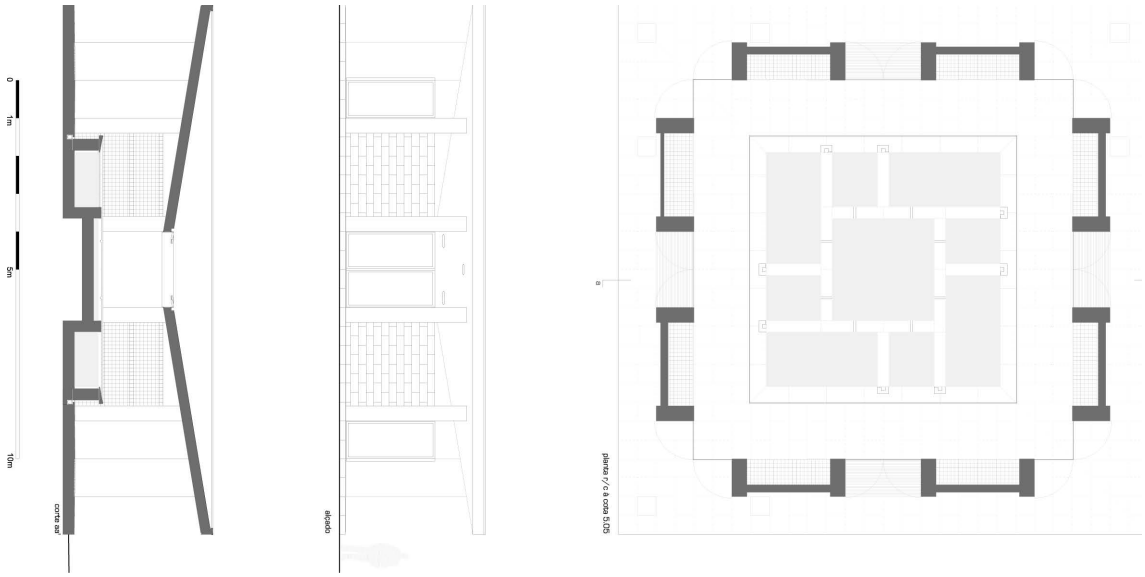
O local de implantação foi definido pelos arquitetos. A existência de um ribeiro na área em que se encontravam a intervir influenciou a localização do equipamento, uma vez que esta proximidade permitiria o seu abastecimento de água. Foi importante, também, que a nova construção se localizasse perto do lavadouro antigo, pela sua tradição de local de encontro entre os membros femininos desta comunidade. Junto ao lavadouro antigo existia um secadouro, função que os arquitetos pretendiam manter associada à lavagem, tendo, por isso, requalificado a área de estendais existente.

O lavadouro público da Afurada encontra-se numa plataforma que contata diretamente com o Rio Douro. Atualmente, nesta plataforma existe também o secadouro requalificado e um parque de estacionamento. O seu lado sudoeste é delimitado por uma zona de vegetação rasteira onde se faz um prolongamento informal do secadouro e onde foi instalado um parque infantil. Trata-se de uma zona de transição entre a plataforma e uma zona de vegetação mais densa, que inclui o ribeiro e percursos pedonais desenhados por estes arquitetos, sendo esta a antiga área de estendais. A plataforma tem como limite, ainda, do seu lado este, a via marginal, a Rua da Praia.

Por não existirem outras construções na sua evolvente, este equipamento assume-se como um volume isolado. No entanto, pontualmente, a plataforma onde se situa é ocupada por estruturas temporárias como tendas de feiras. Nestas ocasiões, nomeadamente durante os festejos de S. Pedro, o lavadouro é 'ocultado' por estas estruturas que se distribuem ao seu redor, perdendo a relação original com o espaço público e alterando-se a sua expressão arquitetónica.

O lavadouro, de apenas um piso, possui uma planta quadrangular com 14 metros de lado. Os seus vértices encontram-se orientados segundo os pontos cardiais e no alinhamento de outros edifícios. O equipamento apresenta múltiplas entradas, sem que exista uma entrada principal, sendo estas pensadas como aberturas permanentes. A memória descritiva previa a possível necessidade de serem encerradas, designadamente, através de "portas envidraçadas de modo a não prejudicar a transparência pretendida"[3], solução que observamos na atualidade. De acordo com os arquitetos, edifícios de planta central com várias entradas:

[3] Entrevista concedida pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 183-206



80l corte (2002-2004)

81l alçado (2002-2004)

82l planta (2002-2004)

"Não determinam uma orientação que os prenda a qualquer contexto e ganham uma grande autonomia formal que os aproxima do conceito de monumento. A desmultiplicação das entradas ajuda, ainda, à ausência de relações preferenciais com a envolvente, acentuando-lhe uma pertença coletiva e não sectorial."[4]

A linguagem exterior que a construção adota, assim como o seu interior refletem um desenho bastante geometrizado. Os quatro alçados são iguais e simétricos, apresentando quatro pilares à mesma distância sobre os quais a cobertura se apoia. A eixo existe uma entrada e em cada um dos cantos uma abertura, ambas encerradas, posteriormente, com portas. Entre pilares, onde não existem aberturas, há paredes que, tal como as portas, não contactam com a cobertura, criando uma abertura fechada com vidro.

Por sua vez, no interior, encontramos um espaço único, sem compartimentos. A planta central confere-lhe e acentua o seu carácter simbólico. Ao centro encontram-se os tanques e em torno destes uma área de circulação onde os utilizadores se colocam para lavar. Nos alçados, as áreas de parede correspondem no interior a zonas de prateleiras concebidas para pousar baldes e bacias de diferentes dimensões, uma necessidade observada pelos arquitetos que, no lavadouro antigo, não era assegurada. A cobertura é de quatro águas, invertida, com uma abertura ao centro sob os tanques.

Os tanques têm nove compartimentos, um de maiores dimensões ao centro,

[4] Entrevista concedida pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 183-206

e oito em seu redor, quatro para lavar e quatro para enxaguar[5]. Atualmente, um dos compartimentos destina-se à lavagem de utensílios de transporte e venda de peixe, sem que contamine a água dos restantes, pois algumas mulheres que frequentam o lavadouro têm atividades associadas à venda de peixe também.

O edifício é composto por um sistema estrutural em betão armado. Através dos materiais os arquitetos pretenderam "dar uma certa nobreza ao espaço"[6]. Entre pilares, as paredes foram construídas em alvenaria de tijolo, revestidas no seu interior com azulejo. De acordo com a memória descritiva, o granito estaria presente: nos restantes planos verticais, forrados com placagem deste material, nos tanques, construídos em alvenaria de granito e no pavimento, constituído por lajeado de granito, maioritariamente. O pavimento na zona das entradas difere, sendo este em argamassa de cimento. As portas são em vidro e a caixilharia de ferro. A cobertura, de betão descofrado, seria pintada no interior e, no exterior, revestida com camarinha de zinco:

> "Por razões de durabilidade e especialmente porque o lavadouro será um objeto arquitetónico de referência com muita presença quando visto das cotas superiores, situação que caracteriza a morfologia da Afurada, a cobertura será revestida com camarinha de zinco."[7]

O espaço interior proporciona uma experiência sensorial intensa, já que, os materiais escolhidos acentuam as sensações. Também a água e a luz, neste projeto, foram vistas como materiais a trabalhar:

> "Há o barulho da água constante que é fundamental e há o reflexo da água na cobertura que é invertida para recolher a água das chuvas. É clara, é branca e reflete a água e os seus movimentos quando lavam ou mesmo quando não lavam, ou até com o próprio vento. A nós pareceu-nos que era um trunfo arquitetónico aproveitar esses elementos. Reflete a luz, pela grande abertura que tem no centro entra a luz por ali fora, a luz e a chuva. E reflete, a água reflete aquela luz toda, mas reflete-a sempre cintilante"[8]

---

[5] O seu abastecimento foi previsto de quatro modos: "águas pluviais, furo a concretizar, aproveitamento da água da ribeira de Santarém (quando despoluída) e, como recurso, água do abastecimento público - é feito através da entrada e recepção de água no tanque central, criando assim uma espécie de fonte, que distribui a água pelos tanques periféricos destinados à lavagem propriamente dita." Memória descritiva facultada pelo Atelier 15 incluída no anexo, pp. 269-270

[6] Entrevista concedida pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 183-206

[7] Memória descritiva facultada pelo Atelier 15 incluída no anexo, pp. 269-270

[8] Entrevista concedida pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez no âmbito da presente dissertação incluída no apêndice, pp. 183-206

83| exterior do lavadouro da Afurada (2022)

84| interior do lavadouro da Afurada (2022)

85/86l senhoras a lavar no lavadouro da Afurada (2022)

Esta obra remete-nos para características da arquitetura clássica, em particular dos batistérios romanos, passando pela arquitetura renascentista e o tema recorrente dos edifícios de planta central, modulares e simétricos, ou, também, para exemplos da arquitetura contemporânea, como a obra de Louis Khan.

Na Afurada, assiste-se a "uma clara fronteira entre o mundo masculino e o feminino"[9] que se reflete no seu território[10]. Esta vivência coletiva origina espaços de homens, aprestos e traineiras essencialmente, e espaços de mulheres, entre os quais o lavadouro. Esta singularidade levou os arquitetos a conceberem uma solução arquitetónica que na eventualidade de perder a sua função original adquirisse a dimensão simbólica de monumento:

> "O lavadouro, que se admite venha a ter uma durabilidade limitada no tempo (…) ganhará a dimensão simbólica de monumento, homenagem a uma intensa vivência feminina, quando for, apenas, memória do passado."[11]

Esta condição simbólica encontra-se refletida no desenho do lavadouro, nomeadamente, pela sua implantação enquanto objeto isolado, pela sua simetria, regularidade e geometria. No interior, estas características voltam a estar presentes e a centralidade em conjunto com os materiais alude a um ambiente quase 'sagrado'. Esta estrutura diferencia-se, ainda, dos outros casos de estudos por se integrar num Plano de Pormenor, desenvolvido pelos mesmos arquitetos. Ao contrário dos exemplos ante-

[9] Memória descritiva facultada pelo Atelier 15 incluída no anexo, pp. 269-270

[10] Possível de observar no documentário *Os Pescadores da Afurada*, onde também se visualiza o lavadouro demolido e outros mais rudimentares, *link*: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-pescadores-da-afurada/

[11] Memória descritiva facultada pelo Atelier 15 incluída no anexo, pp. 269-270

riores, este é o único equipamento que tem apenas a função de lavadouro, tendo sido construído para substituir um lavadouro existente. Dos três equipamentos estudados, o da Afurada é aquele que mantém, de forma mais evidente, a sua utilização por parte da população local, possivelmente, pela tradição reconhecida nesta comunidade da lavagem manual da roupa.

considerações finais

Ao realizar o presente trabalho procurámos entender a relevância que os lavadouros públicos, objeto de estudo, apresentam no panorama da arquitetura e, em particular, no contexto português. Interessou-nos explorar esta temática na perspetiva da sua evolução através de duas abordagens, a parte I e a parte II.

A dissertação tem como ponto de partida as pessoas, nomeadamente, as lavadeiras, que desempenharam um papel importante nos processos transformativos destas estruturas. Sendo estas mulheres figuras representadas com frequência nos meios artísticos, aprofundamos também a relação lavadeira-arte que vem comprovar a sua importância e representatividade na sociedade de determinada época.

No segundo capítulo, tentámos expor o nosso entendimento perante o conceito de lavadouro que pode ser compreendido como pedra de lavagem, condição que esteve na origem de estruturas tendencialmente mais 'sofisticadas'. Deste ponto de vista, desenvolvemos a sua dimensão como 'artefacto'. Os progressivos melhoramentos nestas estruturas, cada vez mais adequadas à atividade, transformaram-se em exemplares obras de arquitetura popular. Desta forma, propusemos um mergulho sensorial pelo ambiente do lavadouro. Também incluímos o testemunho da minha avó Rosa, que entre outras profissões foi lavadeira.

O século XX foi a época de maior desenvolvimento dos lavadouros públicos pelo que, no capítulo três, analisámos esta evolução a par com as preocupações higienistas da altura. Verificámos que a construção destas estruturas muitas vezes se encontrava associada a programas habitacionais, frequentemente, destinados às classes sociais mais baixas. Identificámos lavadouros projetados por arquitetos e a criação de tipologias destes equipamentos. A análise neste capítulo foi realizada tendo por base

uma ordem cronológica.

Na parte II, focámo-nos nos lavadouros públicos de Vila Nova de Gaia e do Porto, procurando compreender a sua evolução. Destacámos as estruturas existentes através do seu mapeamento. Neste território selecionámos três casos de estudo que nos permitiram aprofundar esta temática a partir de outra escala, com mais detalhe.

A abordagem que realizámos ao tema parte de uma visão atual. Hoje em dia os lavadouros são percecionados como equipamentos que habitualmente apresentam pouca utilização. Principalmente em meios urbanos observamos a presença frequente de outros espaços de lavagem da roupa, nomeadamente, as lavandarias self-service. Estas possibilitam a lavagem da roupa a quem não tem máquina ou a quem pretende lavar peças de maiores dimensões. Existem inúmeras diferenças entre as lavandarias e os lavadouros, porém também é possível identificar alguns pontos em comum, designadamente, serem espaços onde se reúnem várias pessoas com a finalidade de lavar a roupa.

No que diz respeito aos lavadouros apesar de muitos destes terem pouca utilização, continuamos a verificar com frequência a sua existência em Portugal. Encontram-se dispersos por todo o território, tanto em meios rurais como urbanos, muitas vezes ao abandono. Considerando os arquitetos como agentes ativos na reflexão, intervenção e redesenho do território, o diálogo em torno desta temática neste meio torna-se pertinente.

Os lavadouros públicos dos nossos dias,

O que são?

Fará sentido existirem?

Poderão ter outra função?

Os três casos de estudo que selecionámos são lavadouros que ainda se encontram em funcionamento, contudo constatámos que têm graus diferentes de utilização. O lavadouro de S. Nicolau aparenta possuir menos uso, nomeadamente, por se localizar numa zona turística onde a população local têm vindo a diminuir. Em contrapartida, o lavadouro da Afurada é o caso de estudo que apresenta maior atividade. É frequentado com regularidade por lavadeiras da comunidade, mas também por turistas. Por sua vez, o lavadouro da Sé não tem tanta utilização como o lavadouro da Afurada, mas continua a ser utilizado pelas pessoas do bairro.

Através do desenvolvimento deste trabalho e, em particular, da análise dos

exemplos anteriores, podemos perceber que a utilização dos lavadouros públicos se relaciona diretamente com o sítio onde se localizam e a população que os envolve, fazendo sentido a sua existência com a função original em alguns casos.

Todavia, é possível os lavadouros serem utilizados com outras finalidades sem que seja necessário que sofram intervenções ao nível construtivo. Podem, por exemplo, ser palco para eventos culturais, como acontece no lavadouro público de Carnide, em Lisboa. Durante a semana possui a função de lavadouro e aos fins de semana é ocupado pelo Teatro Silêncio onde, entre outras atividades, fazem *performances*, instalações e concertos. No Porto, também destacamos a utilização do lavadouro das Fontaínhas para eventos, nomeadamente associados ao Festival MEXE. Em Portugal, existem também lavadouros que foram reabilitados e adaptados para outra função, deixando de ser espaços de lavagem.

No âmbito disciplinar da arquitetura encontramos algumas aproximações a esta reflexão. Em contexto académico salientamos o concurso *GO! Architecture 10*, organizado pela AEFAUP em 2018, intitulado Lavadouro com um Espaço Recreativo[1], que teve como objetivo a recolha de propostas para a criação de um equipamento deste tipo na zona das Fontaínhas, no Porto, local onde antes terá existido um lavadouro entretanto demolido[2]. Também, o projeto *Petites Folies sobre o Douro*, desenvolvido pela FAUP e a ESAD em 2021, teve como ponto final a criação de uma instalação a localizar no lavadouro das Fontaínhas[3].

Outras iniciativas que promoveram a valorização destes espaços foram, por exemplo, o *Open House Porto*, que na edição de 2019 incluiu a visita guiada ao lavadouro de S. Nicolau. Também realçamos o concurso de ideias *Made-In*, que ocorreu em Guimarães em 2012 destinado a profissionais de arte e arquitetura, com o intuito de reconfigurar cinco lavadouros públicos da cidade.

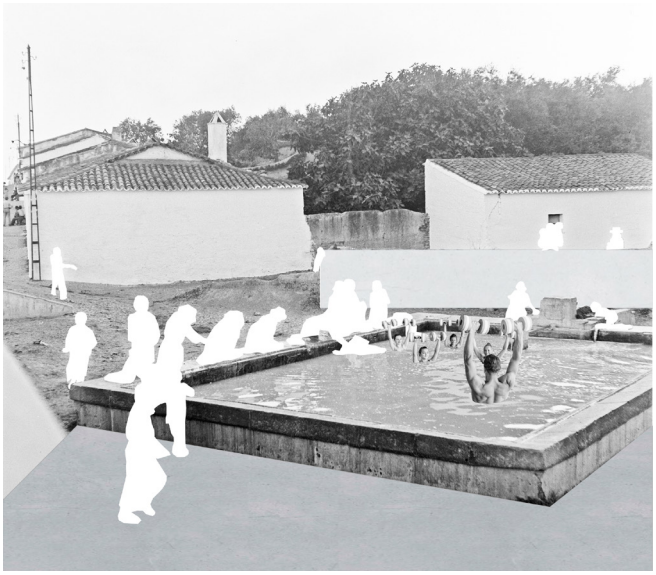
Desde o início do desenvolvimento deste trabalho esteve presente a vontade de não o conceber apenas como um registo, existindo também a intenção de contribuir para uma reflexão sobre os lavadouros públicos dos nossos dias. Num trabalho centrado na evolução deste tipo de estruturas procurámos que culminasse numa ideia que permitisse repensar o futuro destes espaços. A sua concretização fez-se pela criação de imagens.

---

1 Enunciado do concurso: https://static1.squarespace.com/static/52d3ddf6e4b0bbf31d3f45fd/t/5beef5a-22b6a281a735ed3d3/1542387154563/enunciado_go.pdf

2 Propostas vencedoras do concurso: http://www.aefaup.com/gov10

3 DURÃES, Mariana - Redescobrir formas de olhar para o Douro com instalações feitas por estudantes. Público P3. (14 jul. 2021)



87| imagem desenvolvida no processo

Embora as imagens construídas não ilustrem a lavagem da roupa, consideramos que alguns lavadouros existentes, que mantêm a sua função original, continuam a fazer sentido, podendo até ser melhorados e modernizados. Pelos lavadouros públicos serem espaços arquitetonicamente interessantes, devido às várias características enunciadas ao longo trabalho, é legítimo também repensar a sua utilidade, caso deixem de ser utilizados para a lavagem. É possível propor alternativas à utilização sem destruir o seu carácter, mantendo sempre que pertinente a função de lavadouro.

Para a criação destas imagens recorremos à colagem digital e à sua manipulação. A nossa abordagem tentou ir ao encontro do trabalho de alguns grupos de arquitetos que surgiram nos anos 60 do século XX, nomeadamente Superstudio, Archigram e Archizoom, por conceberem, do mesmo modo, imagens não para construir, mas como forma de reflexão, questionamento, crítica e provocação[4].

A primeira imagem que apresentamos faz parte do processo de desenvolvimento das imagens que apresentamos no final, revelando o interesse por explorar outras possíveis funções para os lavadouros, neste caso uma função lúdica ou, por exemplo, uma aula de hidroginástica. As silhuetas das pessoas da época da fotografia representam-se aqui a branco como memória da sua anterior função que deixa de ser a predominante. A imagem também demonstra a intenção de intervir a nível arquitetónico.

As duas imagens finais, em jeito de conclusão, têm como principal objetivo originar uma reflexão, intitulando-se A Pedicure de Sócrates e, Uma Tarde de Domingo no

[4] Destacamos na atualidade as imagens desenvolvidas pelo arquiteto Juan Cabello Arribas através de colagens manuais e digitais

Lavadouro. Para a sua criação recorremos a fotografias reais, imagens de pinturas, de objetos e de texturas de materiais. Procuram, através da sobreposição de memórias, tempos e lugares, repensar o potencial destes equipamentos.

Ambas as imagens possuem como base uma fotografia de um lavadouro existente para evidenciar a capacidade de adaptação deste tipo de espaços a outras funções. As propostas não são uma resposta de intervenção em cada lavadouro. Procurámos manipular as imagens com o intuito de não existir uma identificação direta do lavadouro em particular, concebendo possíveis ambientes que poderão ser transversais a outros lavadouros. As figuras humanas representadas nas pinturas *A Morte de Sócrates*[5] e *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte*[6] permitiram-nos experimentar outras possibilidades para o ambiente nestes espaços. A utilização de diferentes texturas de materiais pretende aludir para possíveis intervenções arquitetónicas que podem ter lugar nos lavadouros conferindo-lhes a possibilidade de responderem a outras valências. Cada imagem deu origem a um postal, formato em que antigamente eram reproduzidas imagens de lavadeiras a lavar, estabelecendo-se assim um paradoxo temporal[7].

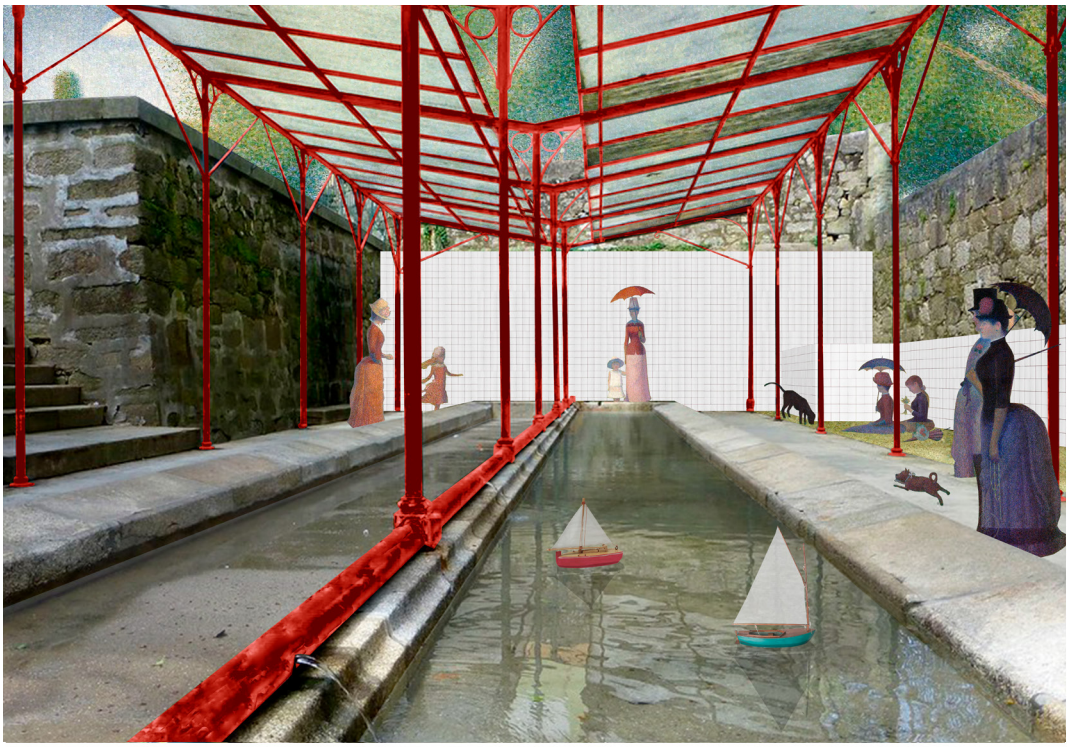
[5] *La Mort de Socrate* (nome original) pintada por Jacques-Louis David em 1787
[6] *Un dimanche après-midi à l'Île de la Grande Jatte* (nome original) pintada por Georges-Pierre Seurat entre 1884 e 1886.
[7] Imagens com maior resolução no apêndice, pp. 211 e 213

de pedras a lavadouros
evolução no contexto português

a pedicure de Sócrates
I / II

Ana Beatriz Ruivo
orientação: Professora Ana Alves Costa
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

88| postal (frente e verso) com A Pedicure de Sócrates, lavadouro como local de tratamentos de beleza



de pedras a lavadouros
evolução no contexto português

uma tarde de domingo no lavadouro
II / II

Ana Beatriz Ruivo
orientação: Professora Ana Alves Costa
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

89| postal (frente e verso) com Uma Tarde de Domingo no Lavadouro, lavadouro como local de atividades lúdicas

fontes de informação

livros

AGAREZ, Ricardo Costa *et al.* - Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2018

AMARAL, Francisco Keil do *et al.* - Arquitectura Popular em Portugal, volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004

COSTA, Ana Alves *et al.* - Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Vitor. 1a edição ed. Lisboa: Tinta da China, 2019

ALBERTI, Leon Battista - On the Art of Building in Ten Books. Cambridge: The MIT Press, 1988

ARGAN, Giulio Carlo - clássico anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Companhia Das Letras, 1984

CENTRO DE ESTUDOS DE URBANISMO - Normas para a Construção de Lavadouros Públicos. Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1959

COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark - are we human? notes on an archaeology of design. Baden: Lars Müller Publishers, 2017

COSTA, Alexandre Alves; FERNANDEZ, Sergio - Atelier 15 Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez. Lisboa: Books, Uzina, 2014

FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357

HIGHMORE, Ben *et al.* - Porto Brutalista. Porto: Circo de Ideias, 2019

LEAL, João - Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português. Porto: Fundação Marques da Silva, 2009

MILANO, Maria - José Gigante. Vila do Conde: Quidnovi, 2011

OLIVER, Paul - Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

PALLASMAA, Juhani - The Eyes of the Skin Architecture and Senses. Great Britain: John Wiley & Sons, 2005

PATO, João Howell - História das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas em Portugal. Lisboa: Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos, 2011

PESSOA, Fernando - Novas Poesias Inéditas. Lisboa: Ática, 1973

PROVIDÊNCIA, Paulo - Architectonica percepta: texts and images 1989-2015. Zurich: Park Books, 2016

PÚBLICAS, Ministério Das Obras; DESEMPREGO, Comissariado Do - Mais melhoramentos mais trabalho: vinte e cinco anos de valorização regional : 1928-1953 volume I. Lisboa: Ministério das Obras Públicas. Comissariado do Desemprego, 1953

RAMOS, Rui Jorge Garcia *et al.* - Contexto Programa Projeto: Arquitetura e Políticas Públicas de Habitação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2019

RIBEIRO, Orlando - Geografia e Civilização - Temas portugueses. Lisboa: Letra Livre, 2013

RODRIGUES, Teresa Ferreira *et al.* - História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade. Porto: CEPESE e Edições Afrontamento Lda., 2008

RUDOFSKY, Bernard - Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture. New York: Museum of Modern Art, 1964

SAAL, Conselho Nacional Do - Livro Branco do SAAL 1974-1976 Volume 1. Vila Nova

de Gaia: Membros Efectivos do VI Conselho Nacional do SAAL, 1976

USCATESCU, Alexandra - *Fullonicae* y *Tinctoriae* en el Mundo Romano. Barcelona: PPU, 1994

ZUMTHOR, Peter - Atmosferas: Entornos Arquitectónicos: as Coisas que me Rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2006

ZUMTHOR, Peter - Pensar a Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2005

ZUMTHOR, Peter; LENDING, Mari - A Feeling of History. Zurich: Scheidegger Und Spiess, 2018

trabalhos académicos

ANDRÉ, Stefanie Braz - Higiene e Desenvolvimento Urbano - O Porto na Transição entre os Séculos XIX e XX. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014

GONÇALVES, Eliseu - Bairros de Habitação Popular no Porto, 1899-1933 - A Prática de uma Arquitectura Económica, Saudável e Cómoda nas Vésperas do Moderno. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015

GUERREIRO, Filipa De Castro - Colónias Agrícolas Portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960 - A casa, o assentamento, o território. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015

LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana - Mapa da habitação Guia para uma terminologia específica em arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974]. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2019

TEIXEIRA, Laura - Os abastecimentos de água no planeamento do território português. A acção do Estado Novo. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017

periódicos, jornais e revistas

BANDEIRINHA, José António - As lavadeiras do Mondego e a dignidade do instante: duas leituras sobre a questão do património. Revista Património. 4: 2016, pp. 62–68

BRADLEY, Mark - 'It all comes out in the wash': Looking harder at the Roman *fullonica*. Journal of Roman Archaeology. 15: 2002

CARDOSO, Joana Amaral - Portugal a lavar roupa no tanque | Objetos (quase) obsoletos. Público Ípsilon. (11 ago. 2017)

CORREIA, Virgílio Hipólito - A Arquitectura Doméstica de Conimbriga e as Estruturas Económicas e Sociais da Cidade Romana. Anexos de Conimbriga. Coimbra. 5: 2013, pp. 1–417

COSTA, Alexandre Alves - O Espaço do Olhar. Joelho. 06: 2015, pp. 36–49

DURÃES, Mariana - Redescobrir formas de olhar para o Douro com instalações feitas por estudantes. Público P3. (14 jul. 2021)

RAMALHO, Elsa Cristina; LOURENÇO, Maria Carla - As águas de Alfama: memórias do passdo da cidade de Lisboa. Revista APRH. 26: 2006

boletins

LIMA, Oliveira - Os Lavadouros Públicos do Pôrto. Boletim de Higiene e Sanidade Municipais - Câmara Municipal do Porto. 3:1936

leis

Proposta de Lei Capítulo I Disposição geral dos bairros operários e grupos de casas baratas de 22 de agosto. Diário da Câmara dos Senhores Deputados 19ª sessão, 1905

arquivos

Arquivo de Documentação Fotográfica da Direção-Geral do Património Cultural
Arquivo Histórico Municipal do Porto
Arquivo Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa
Arquivo Municipal de Lisboa
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner
Cinemateca Digital
Centro Português de Fotografia
Espólio Fotográfico Português
Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

páginas da internet

AEFAUP - concurso GO! Architecture 10: Lavadouro com um espaço recreativo [Em linha], atual. 2018. [Consult. 15 jul 2022]. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/52d3ddf6e4b0bbf31d3f45fd/t/5beef5a22b6a281a735ed3d3/1542387154563/enunciado_go.pdf

AEFAUP - Go! Architecture 10 V.10 - Vencedores [Em linha], atual. 2018. [Consult. 15 jul 2022]. Disponível em: http://www.aefaup.com/gov10

DOS SANTOS JÚNIOR, J. R. Norte de Portugal [vídeo]. Cinemateca. 1930 [consult. 28 abr 2021]. Disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8136&type=Video

EVARISTO, F. O Meu Algarve [vídeo]. Cinemateca. 1956 [consult. 28 abr 2021]. Disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=4407&type=-Video

GARCIA, Chianca de. Aldeia da Roupa Branca [vídeo]. 1939 [consult. 16 abr 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUewYF8KD8E

GUIMARÃES, Manuel. Cena do filme A Costureirinha da Sé no lavadouro das Fontaí-

nhas [vídeo]. 1958 [consult. 29 mar 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iBTdINon7U&ab_channel=BazarEsquisito

"lavadouro" *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, [consult. 8 out 2021]. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/lavadouro

RAMOS PINTO, António. Saudades de Portugal Nº 8 [vídeo]. Cinemateca. 1929 [consult. 28 abr 2021]. Disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8053&type=Video

RTP. Amália - Povo que lavas no rio [vídeo]. [consult. 10 mar 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p4I87Cnbr2w

RTP. Os Pescadores da Afurada [vídeo]. RTP Arquivos. 1969. [consult. 28 jun 2022]. Disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-pescadores-da-afurada/

RTP. Porto, Mulheres da Ribeira - Parte II [vídeo]. RTP Arquivos. 1975. [consult. 31 jan 2022]. Disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/porto-mulheres-da-ribeira-parte-ii/

lista de imagens

01| Amália Rodrigues a interpretar o tema *Povo Que Lavas No Rio* acompanhada por dois músicos (s.d.)
Frame de vídeo
RTP
https://www.youtube.com/watch?v=p4I87Cnbr2w

02| “Lavadeiras”, Algarve (1960-1965)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/009720
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1028570&type=PCD

03| “Ponte de São Gonçalo sobre o Rio Tâmega – Igreja de São Gonçalo Séc. XV - Lavadeiras”, Amarante (s.d.)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP00920_A
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2180917

04| “Lavadeiras na Ribeira de Alcântara, junto da ponte do Tarujo”, Lisboa (1912)
Arquivo Municipal de Lisboa, Paulo Guedes, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PAG/000557
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=216255&type=PCD

05| “Açores. Lagoa das Sete-Cidades. Lavadeiras”, Açores (s.d.)
Arquivo de Documentação Fotográfica / DGPC, João Martins, 41475 DIG
http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=lavadeiras&IDFOTO=86157

06| Peças de roupa estendidas ao longo das margens do Rio Corgo e lavadeiras (canto inferior esquerdo), Vila Real (s.d.)
Montagem da autora
A partir de:
“Rio das Lavadeiras “Rio Corgo” e Ponte”, Vila Real (1945)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP01805_A
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2180378

“Rio das Lavadeiras “Rio Corgo” e Ponte”, Vila Real (1945)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP01804_A
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2180376

07| “Lavadeira, Vila do Conde” (1950-1960)
Artur Pastor
https://arturpastor.tumblr.com/

08| “Lavadeira, Minho” (1950-1960)

Artur Pastor
https://arturpastor.tumblr.com/

09l “Ribeira do Porto: barqueiros e lavadeiras”, Porto (1960)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/MPR/0263/003265
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1260549

10l “Lavadeiras”, Braga (1955-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/011577
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1462041&type=PCD

11l “*Norte de Portugal*” (1930)
Frame de vídeo
Cinemateca, J. R. dos Santos Júnior
http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8136&type=Video

12l “*Saudades de Portugal Nº 8*” (s.d.)
Frame de vídeo
Cinemateca, António Ramos Pinto
http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8053&type=Video

13l “*O Meu Algarve*” (1956)
Frame de vídeo
Cinemateca, F. Evaristo
http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=4407&type=Video

14l Lavadeira, Barcelos (s.d.)
Objeto figurativo
Museu de Arte Popular, autor desconhecido, CER 53/83
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=299126

15l Lavadeira, Caldas da Rainha (1904)
Estatueta
Museu de Cerâmica, Rafael Bordalo Pinheiro, MC 476
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=212118

16l “*A moura de Trabalho*” (1934)
Escultura
Museu Nacional Soares dos Reis, Américo Gomes, 27 Esc CMP / MNSR
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=305499

17l “*Lavadeira*” (s.d.)

Escultura
Tom (Thomaz de Mello)
https://www.cml.pt/leiloes/online/1183/lotes/304/lavadeira

18l "*Aldeia da Roupa Branca*" (1938)
Frame de vídeo
Chianca de Garcia
https://www.youtube.com/watch?v=ZUewYF8KD8E

19l "*Dor e Glória*" (2019)
Frame de vídeo
Pedro Almodóvar
https://www.youtube.com/watch?v=ETPKevgulSU&ab_channel=Ingresso.com

20l "Lavadeiras no Rio Leça", Matosinhos (1901-1930)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/ALV/002040
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1202362

21l "Ponte de Vagos – Lavadeiras", Cantanhede (1938)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP00938_A
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2180832

22l "Margens do Rio Vizela e lavadeiras", Vizela (1934)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP01874
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2137853

23l "Lavadeiras junto ao Moinho do Abegão", Valado dos Frades, Nazaré (1954-1957)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/003278
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1038309&type=PCD

24l Elevação das pedras 'lavadouro'
Esquema da autora (2021)
A partir de:
https://www.flickr.com/photos/saloia/879599224/

25l "São João da Ponte – Lavadeiras – Rio", Braga (1967)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FP00834
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2137878

26l "São João da Ponte – Lavadeiras", Braga (1940)
Espólio Fotográfico Português, Foto Beleza, #FDM04421
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductI-

D=PROD2188325

27l Configuração longitudinal
Desenho ilustrativo da autora (2021)

28l "Lavadouro público", Espiche, Lagos (1956)
Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-FAR-LGS00-008
http://www.oapix.org.pt/100000/1/3837,01,12/index.htm

29l "Lavadouro público", Salvada, Beja (1955)
Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-BJA-BJA08-002
http://www.oapix.org.pt/100000/1/105,01,7/index.htm

30l Configuração centralizada
Desenho ilustrativo da autora (2021)

31l "Tanques de lavar roupa", Reguengos de Monsaraz, Évora (1955-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/003555
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1015157&type=PCD

32l "Lavadouro público", Telheiro, Reguengos de Monsaraz (1955)
Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-EVR-RMZ00-005
http://www.oapix.org.pt/100000/1/2139,01,11/index.htm

33l "Lavadouro", Ericeira, Mafra (1955)
Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-LSB-MFR06-004
http://www.oapix.org.pt/100000/1/869,01,1/index.htm

34l "*Le Lavoir de la Garenne*", Vannes (s.d.)
Postal
Collection David
https://cartorum.fr/vannes-vannes-lavoir-garenne-229854.html

35l Lavadouro em Vila Alva, Vidigueira (1955)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
"Lavadouro", Vila Alva, Vidigueira (1955). Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-BJA-VDG00-011
http://www.oapix.org.pt/100000/1/418,01,7/index.htm

"Lavadouro", Vila Alva, Vidigueira (1955). Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa

(1955-1960) ©Ordem dos Arquitectos, OAPIX, PT-OA-IARP-BJA-VDG00-012
http://www.oapix.org.pt/100000/1/419,01,7/index.htm

36l "Lavadeira, Minho" (1950-1960)
Artur Pastor
https://arturpastor.tumblr.com/

37l Avó Rosa, Figueira da Foz (2021)
Fotografia da autora

38l "*Saída dos Operários da Fábrica Confiança*", Porto (1896)
Frame de vídeo
Aurélio da Paz dos Reis
https://www.youtube.com/watch?v=qaAACrmJ2xA&ab_channel=FilmsbytheYear

39l "Plantas" (1899)
Montagem da autora (2022)
Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, José Marques da Silva, PT FIMS MSMS-3-3.2-3.2.2-3.2.2.1-04-010-1313-pd0005
https://arquivoatom.up.pt/index.php/npe8y

40l Perspetiva do projeto do Bairro Económico por Arnaldo Adães Bermudes (1897)
BNP, Adães Bermudes
GONÇALVES, Eliseu - Bairros de Habitação Popular no Porto, 1899-1933 - A Prática de uma Arquitectura Económica, Saudável e Cómoda nas Vésperas do Moderno. Porto : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015

41l Lavadouro na planta do projeto da Colónia Operária Antero de Quental, autor desconhecido (s.d.)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
"Implantação Colónia Antero de Quental"
https://mappingpublichousing.up.pt/en/

42l Lavadouro na planta do projeto da Colónia Operária Viterbo de Campos, assinado por Aníbal Barros (s.d.)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
Planta do projeto da Colónia Operária Viterbo de Campos
https://mappingpublichousing.up.pt/en/

43l Lavadouro na planta do projeto do Bairro da Arrábida projetado por Gaudêncio Pacheco (1918)
Montagem da autora (2022)
A partir de:

Bairro Sidónio Pais / Bairro da Arrábida Projeto nº1: Planta geral, Comissariado do Governo no Porto para a Construção de Casas Económicas, DES.00883109
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00026634

44l Localização do lavadouro no Bairro da Ajuda (transformado), (2022)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
https://www.google.pt/maps

45l "Olhão – Lavadouro no bairro Marechal Carmona" (s.d.)
PÚBLICAS, Ministério Das Obras; DESEMPREGO, Comissariado Do - Mais melhoramentos mais trabalho: vinte e cinco anos de valorização regional: 1928-1953. Lisboa: Ministério das Obras Públicas. Comissariado do Desemprego, 1953

46l "Alçado tanque" (1953)
Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, Fernando Lanhas, PT FIMS FL-02-02-01-0013-pd0009
https://arquivoatom.up.pt/index.php/7w93-9kn9-ws26

47l Lavadouro projetado por Chorão Ramalho, Ponta do Pargo, Madeira (s.d.)
https://www.facebook.com/cmcalheta/photos/pcb.1586894014666498/1586893264666573/

48l Desenhos de um modelo de lavadouro segundo as *Normas para a Construção de Lavadouros Públicos* (1959)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
CENTRO DE ESTUDOS DE URBANISMO - Normas para a Construção de Lavadouros Públicos. Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1959

49l "Esquisso do tanque no pátio das casas" (s.d.)
Álvaro Siza
Cortesia de Ana Alves Costa

50l Cronologia do capítulo I.3.
Figura criada pela autora (2022)

51l "Fonte e lavadouro da Fervença", Santa Marinha, Vila Nova de Gaia (1862-1906)
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, A/9/3- Cx 3
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/19637/?q=lavadouro

52l "Obra municipal de lavadouro do Lugar de Sá", Vila Nova de Gaia (1935)
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, F/09/III/4 - Cx. 33

https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/18699/?q=lavadouro

53l “Obra municipal de projecto de reconstrução do lavadouro e fonte de Cabanões”, Avintes, Vila Nova de Gaia (1941)
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, F/09/III/1 - Cx. 04
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/18169/?q=lavadouro

54l Tanques para a lavagem de roupa na planta Alameda das Fontaínhas, Porto (século XIX)
Montagem da autora (2022)
A partir de:
“Planta geométrica da Alameda das Fontaínhas”, Porto
Arquivo Municipal do Porto, PT-CMP-AM/PUB/JOP/1698/109
http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/328991/?q=lavadouro

55l Corte construtivo da tipologia
Montagem da autora (2022)
A partir de:
Lavadeira
“Costumes Portugueses: costumes do Douro: lavadeira”, (1896-1897)
Arquivo Municipal do Porto PT-CMP-AM/PRI/JPC/P0975-F.P:3.PC:13:30
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/304542/?

Detalhe construtivo do lavadouro
ANDRÉ, Stefanie Braz - Higiene e Desenvolvimento Urbano - O Porto na Transição entre os Séculos XIX e XX. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014, p. 95-96

56l *A Costureirinha da Sé*, Bairro das Fontainhas, Porto (1958)
Manuel Guimarães
https://www.youtube.com/watch?v=_iBTdINon7U&ab_channel=BazarEsquisito

57l Plantas da tipologia e da tipologia melhorada
Desenho ilustrativo da autora (2022)

58l “Casas económicas na Rua do Duque de Saldanha: construção de lavadouros”, Porto (1965)
Arquivo Municipal do Porto, PT-CMP-AM/PUB/DSEM/3539/Domus.Rolo1-8.9.10
http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/646271/?q=lavadouro

59l “Grupo de Moradias Populares da Rainha D. Leonor: [construção e arranjo dos lavadouros]: arquitetura”, Porto (1965)
Arquivo Municipal do Porto, PT-CMP-AM/PUB/DSEM/3539/DOMUS.ARM5.S8.SS8.1-DOMUS.ARM5.S8.SS8.1:2.3.11.A.14
http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/640841/?q=lavadouro

60| Mapa dos lavadouros existentes em Vila Nova de Gaia e no Porto
Figura criada pela autora (2022)

61| Vista do Porto com lavadouro da Sé ao centro (s.d.)
Cortesia de José Gigante

62| Lavadouro da Sé (s.d.)
Cortesia de José Gigante

63| Alçado nordeste (1974-1975)
Cortesia de José Gigante

64| Planta do piso do lavadouro (1974-1975)
Cortesia de José Gigante

65| Interior do lavadouro (2020)
Fotografia da autora

66| Vista exterior do interior do lavadouro (2020)
Fotografia da autora

67| Corte longitudinal do projeto original (1974-1975)
Cortesia do arquiteto José Gigante

68| "Brigada S.A.A.L.: Sé – balneários e lavadouros – 2ª fase", Porto (1975)
Arquivo Municipal do Porto, PT-CMP-AM/PUB/CMPRT/DSUO-SOMHP/3527/D.CDT.ROL.C1.10
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/597751/?q=lavadouro+-da+s%C3%A9

69| Fachada do lavadouro para a Rua da Reboleira (2022)
Fotografia da autora

70| Fachada do lavadouro para a Rua do Outeirinho (2022)
Fotografia da autora

71| Corte transversal (1989-1982)
PROVIDÊNCIA, Paulo - Architectonica percepta: texts and images 1989-2015. Zurich: Park Books, 2016

72| Planta (1989-1982)
PROVIDÊNCIA, Paulo - Architectonica percepta: texts and images 1989-2015. Zurich: Park Books, 2016

73| Área de circulação (2022)

Fotografia da autora

74/75| Área de circulação aberta/encerrada, sendo visível a zona do lavadouro (2022)
Fotografia da autora

76| Zona de lavadouro e galeria (2022)
Fotografia da autora

77| Zona de lavadouro (2022)
Fotografia da autora

78| Maquete do Plano de Pormenor da Afurada (2002-2004)
Cortesia do Atelier 15

79| Afurada, Vila Nova de Gaia (2002-2004)
COSTA, Alexandre Alves - O Espaço do Olhar. Joelho. 06:2015, p. 46

80| Corte (2002-2004)
Cortesia do Atelier 15

81| Alçado (2002-2004)
Cortesia do Atelier 15

82| Planta (2002-2004)
Cortesia do Atelier 15

83| Exterior do lavadouro da Afurada (2022)
Fotografia da autora

84| Interior do lavadouro da Afurada (2022)
Fotografia da autora

85/86| Senhoras a lavar no lavadouro da Afurada (2022)
Fotografias da autora

87| Imagem desenvolvida no processo
Montagem da autora (2022)

88| Postal (frente e verso) com A Pedicure de Sócrates, lavadouro como local de tratamentos de beleza
Montagem da autora (2022)

89| Postal (frente e verso) com Uma Tarde de Domingo no Lavadouro, lavadouro como local de atividades lúdicas
Montagem da autora (2022)

apêndice

espaços de tradição: *fullonicae*

Durante a realização do presente trabalho questionámo-nos se existiriam outros espaços de lavagem da roupa para além dos lavadouros ou das lavandarias, que surgiram mais recentemente. Em particular, interessava-nos perceber se existiria uma tradição de espaços de lavagem e o que estaria na sua origem.

Seria possível anteriormente à construção dos lavadouros públicos nunca ter sido criado um espaço com esta utilidade?

Ao pesquisarmos descobrimos as *fullonicae*, estruturas romanas relativamente pouco investigadas pela arqueologia, mas que pelas suas características podem conter algumas respostas a estas questões.

> "O problema em entender qualquer questão relacionada com vestir é que as escolhas que as pessoas fazem sobre roupas que compram ou usam em quase qualquer sociedade tendem a ir além do que é estritamente funcional: outros fatores, como preferências, ambições sociais e expectativas culturais, muitas vezes também desempenham um papel. O mundo romano não foi exceção"[1].

Na sociedade romana o vestuário constituía um fator particularmente importante de manifestação de identidade e estatuto social, especialmente em contextos urbanos. Consoante a ocasião e o meio social a que pertenciam, os romanos utilizavam uma

[1] FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357, p. 64 (tradução livre)

determinada roupa[2]. Este vestuário consistia numa peça única de pano, geralmente, feita de lã. Também a qualidade do tecido, assim como a sua limpeza contribuíam para a construção de uma imagem individual.

Dada a posição central que o vestuário ocupava na sociedade romana, mobilizava bastante mão de obra em torno do setor têxtil. No entanto, o trabalho por ser o contrapeso do ócio, era invisível aos olhos desta cultura. Como Miko Flohr esclarece "a elite Romana baniu o trabalho diário para as periferias do seu espectro socioeconómico e cultural, considerando artesãos e trabalhadores como "outros" que pertenciam a um mundo diferente"[3]. O trabalho executado, nomeadamente, pela classe dos artesãos era essencial para o uso e comercialização das peças de vestuário. Entre os trabalhadores desta classe encontrava-se o *fullo*, profissional responsável pela lavagem de roupa nas *fullonicae*, pois esta tarefa não era realizada na esfera habitacional.

A atividade desempenhada pelo *fullo* encontra-se documentada de vários modos em diversas fontes. Segundo Miko Flohr, existem, essencialmente, quatro tipos de evidências da época: os textos transcritos, a epigrafia, os restos materiais das *fullonicae* e as representações iconográficas. Posteriormente, no século XVIII iniciou-se um debate no meio académico sobre este tema, impulsionado pela descoberta de *fullonicae* neste período. No século seguinte, esta temática foi marcada pela sua abordagem através da tradição enciclopédica do século XIX. Por sua vez, no início do século XX incluíram-se evidências relacionadas com as epígrafes e após a Segunda Guerra Mundial surgiram três novas aproximações feitas por historiadores económicos, historiadores legais e historiadores culturais, respetivamente[4].

Ainda que se considerem estas evidências, o processo a que as peças de roupa eram submetidas nas *fullonicae* não é, atualmente, matéria de consenso. Essencialmente, existem duas perspetivas desta atividade: uma comercial e outra industrial. Citando Miko Flohr, "enquanto alguns têm visto o *fulling*[5] principalmente como um serviço comercial de lavandaria, outros têm, maioritariamente, pensado nele como uma operação industrial que constitui a última fase do processo de produção de roupas em lã" [6].

Embora os historiadores têxteis sugiram que o *fullo* atuaria em ambos os domí-

[2] FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357, p. 65

[3] *Ibidem*, p. 2

[4] *Ibidem*, pp. 43-44

[5] Actividade desempenhada pelos *fullones* nas *fullonicae*

[6] FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357, p. 52 (tradução livre)

nios, comercial e industrial, Mark Bradley apresenta diversos argumentos que contrapõem esta ideia, afirmando que "existe um mundo de diferença, económica, espacial e prática, entre fabricar lã utilizável e lavar roupas sujas"[7]. Na visão de Bradley *fulling* trata-se de uma atividade comercial em que argumenta: "a evidência literária sugere que a *fullonica*, ao invés de desempenhar o papel de uma fábrica industrial, tendia a ser uma operação comercial concebida para tratar peças de roupa, novas ou usadas, a um nível individual"[8].

Ainda que os estudiosos clássicos no final do século XIX e no início do século XX se tenham dedicado ao estudo deste processo executado pelo *fullo*, o *fulling*, publicando a sua definição em dicionários[9], como Bradley refere e Flohr corrobora tratam-se de reconstruções fantasiosas[10]. No entanto, segundo Flohr alguns tratamentos parecem ter sempre existido, descrevendo-os:

> "As roupas eram primeiro cuidadosamente tratadas com detergentes para dissolver gorduras e eventual poluição. De seguida, as roupas eram enxaguadas para remover os detergentes e as substâncias que estes tinham dissolvido e, de uma forma ou de outra, secado. Finalmente, as roupas eram polidas através da escovagem, da tosquia, e de pressionar para aumentar e refinar a felpa. (…) vários outros tratamentos, como aqueles com enxofre e giz, podiam desempenhar um papel de apoio em desfazer alguns dos efeitos negativos de tratamentos anteriores ou em dar às roupas um brilho extra"[11].

Em cerca de trinta cidades do antigo Império Romano, distribuídas por uma vasta área, foram encontradas referências a esta atividade[12]. A Península Itálica é a região que apresenta, a par de um maior número de vestígios descobertos, um maior número de *fullonicae*. Na Península Ibérica, segundo Alexandra Uscatescu, foram encontradas duas epigrafes que de alguma forma aludiam a este tema: uma em Segisamo (Sasamón, Burgos) e outra na mina de Algares em Aljustrel, sem terem sido descobertas evidências arqueológicas. As escavações realizadas na colónia de Barcino,

---

7 BRADLEY, Mark - 'It all comes out in the wash': Looking harder at the Roman *fullonica*. Journal of Roman Archaeology. 15: 2002 pp. 21–44., p. 22 (tradução livre)

8 *Ibidem*

9 FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357

10 BRADLEY, Mark - 'It all comes out in the wash': Looking harder at the Roman *fullonica*. Journal of Roman Archaeology. 15: 2002 pp. 21–44

11 FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357, p. 99 (tradução livre)

12 USCATESCU, Alexandra - *Fullonicae* y *Tinctoriae* en el Mundo Romano. Barcelona: PPU, 1994

no subsolo do Museu de História da Cidade de Barcelona, permitiram a descoberta de uma possível *fullonica*. Devido aos restos arqueólogos e à informação extraída através da análise de amostras orgânicas encontradas, esta *fullonica* pode ser vista como um importante marco para a documentação arqueológica da *Hispania*. Por sua vez, Vergílio Hipólito Correia propôs a identificação de duas *follonicae* em Conimbriga, justificada do seguinte modo: "uma (…) pode ser identificada graças à multiplicação de dispositivos pavimentares; a outra, (…) goza dessa identificação apenas graças aos dois tanques, à adução de água e à proximidade com as termas"[13].

O reconhecimento das *fullonicae*, por um lado, é dificultado pelas semelhanças espaciais que as *fullonicae* partilhavam com outros equipamentos da cidade como as tinturarias, e, por outro, pela capacidade de adaptação do *fulling* a espaços existentes. Como tal, é necessário que esta análise seja feita sob um método criterioso. A qual possibilitou a identificação de 22 *fullonicae* na Península Itálica, destas, 12 em Pompeia, 6 em Óstia, 3 em Roma, 1 em Herculano e outra em Florença.

Através do estudo destas *fullonicae* é possível compreender que entre elas apresentam uma grande variação espacial. São vários os fatores que contribuem para que cada *fullonica* adote uma determinada forma, nomeadamente a cidade onde se insere, a zona nessa cidade e o tipo de edifícios onde se encontram.

Quanto à localização a maioria das *fullonicae* encontram-se em áreas urbanas perto de eixos principais. Geralmente, localizam-se em áreas atrativas para a atividade comercial, onde existem usos mistos, incluindo a proximidade a edifícios notáveis. Esta localização pode indicar que se tratam de espaços importantes nas estruturas das cidades. Não sendo tão comum, foram descobertas *fullonicae* em pleno eixo principal da cidade e em contrapartida, em zonas suburbanas. Por vezes, é possível compreender uma relação entre as localizações e a escala das *fullonicae*. Por norma, quanto maior a dimensão do edifício, maior a propensão para esta se localizar mais longe do centro urbano. A necessidade de mais espaço, assim como de mais abastecimento de água das *fullonicae* de maiores dimensões podem ter sido características determinantes para a construção destes equipamentos nos subúrbios onde o preço do terreno era menor. No entanto, o facto da maioria das *fullonicae* se encontrarem bem localizadas compactua com a ideia de que se trataria de espaços comerciais direcionados para o atendimento a clientes privados.

Em relação ao tipo de edifícios onde as *fullonicae* se encontram verifica-se que

[13] CORREIA, Virgílio Hipólito - A Arquitectura Doméstica de Conimbriga e as Estruturas Económicas e Sociais da Cidade Romana. Anexos de Conimbriga. Coimbra. 5: 2013, 1–417, p. 283

a maioria são espaços com uma estrutura preexistente adaptados para esta função. De acordo com a organização espacial, Miko Flohr categorizou estes edifícios em três tipos: a taberna, casas *atrium* e edifícios industriais. Esta última tipologia foi a única em que os edifícios foram construídos para esta função. Grande parte das *fullonicae* encontram-se em espaços de *taberna*, definidos por Flohr como "uma pequena unidade com um ou dois quartos no piso térreo e por vezes, embora nem sempre, alguns quartos em *mezzanine* ou no primeiro piso"[14]. Em casas *atrium* como esquema tradicional *atrium*-peristilo foram descobertas quatro *fullonicae*. E, por último, foram consideras cinco *fullonicae* como edifícios industriais.

[14] FLOHR, Miko - The World of the *Fullo*: Work, Economy, and Society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199659357, p. 188 (tradução livre)

ENTREVISTA 01

com o arquiteto José Gigante:
Projeto dos Balneários e Lavadouros da Sé, Porto

10 de julho de 2020

Ana Beatriz Ruivo

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Entrevista 01
com o arquiteto José Gigante:
Projeto dos Balneários e Lavadouros da Sé, Porto
10 de julho de 2020
Ana Beatriz Ruivo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Professora Doutora Ana Alves Costa

Nota: A entrevista foi realizada através de uma videoconferência
ABR: Ana Beatriz Ruivo I JG: José Gigante

ABR: Arquiteto José Gigante, em primeiro lugar, gostaria de lhe perguntar em que contexto surgiu a oportunidade de projetar os Balneários e Lavadouros da Sé, projeto que viria a ser a sua primeira obra construída, certo?

JG: Exato. O projeto começou, salvo erro, em 1975, ano imediatamente a seguir ao 25 de abril. Eu era estudante na ESBAP e na altura do 25 de abril estava no 5º ano (o curso tinha seis anos). Logo a seguir à Revolução, nós, eu e um grupo de colegas, saímos para a rua para trabalhar com moradores de bairros. Isto foi uma situação quase geral na Escola. A Escola era muito pequena, só havia em Portugal dois cursos de arquitetura, Porto e Lisboa. Cada ano do nosso curso tinha à volta de 20 e tal alunos, éramos muito poucos. A relação da Escola com a sociedade era um tema que nós já vínhamos discutindo. O movimento estudantil era muito forte, era mais mobilizador do que as aulas. Logo que veio a oportunidade mais de metade dos estudantes de todos os anos organizaram-se em grupos e foram estabelecer relações com moradores. Nós éramos um grupo pequeno. Era eu, o Carlos Prata, o Carlos Guimarães, o Henrique Carvalho e a Manuela Antunes, que se mantiveram até ao fim da Brigada do SAAL. Mas também outros que mais tarde integraram outras brigadas ou se desvincularam do processo: o Francisco Barata, a Manuela Pereira, o José Manuel Oliveira Martins e o Luís Pissarra. Escolhemos ir trabalhar para o Bairro da Sé, aquela zona à volta da catedral.

Havia já uns moradores que estavam organizados em torno do Centro Social de Santana e lembro-me que o primeiro trabalho que fizemos foi tentar ajudar a resolver o problema da recolha de lixo que não existia no bairro, e também detetar uma série de problemas que existiam. Um deles era a falta de espaços de infantário (tudo isto antes mesmo de o SAAL existir). Então, fizemos a construção, ou melhor, a autoconstrução de um pequeno infantário debaixo de uma varanda larga e extensa que havia adossada à empena lateral da Igreja dos Grilos. Nós ajudámos a construir com tijolos, argamassa e tudo. Outra necessidade que detetámos era que eram poucas as casas que tinham quartos de banho dignos do nome. Ao facto de os despejos serem ainda feitos na rua a céu aberto, juntava-se a dificuldade de os moradores tomarem banho nas suas casas. Havia balneários públicos no Porto, mas longe daquela zona. Outra dificuldade era a de lavar a roupa. As pessoas lavavam-na na rua onde havia tanques à porta de algumas casas.

Quando Nuno Portas, então Secretário de Estado, criou o SAAL ele já sabia que havia muita gente em todo país a trabalhar no terreno. O SAAL acabou por dar corpo a coisas que já existiam. Como nós estávamos a trabalhar logo ali na zona falaram connosco e nós só tivemos que arranjar um arquiteto que encabeçasse o grupo. Na altura, foi o Manuel Teles, Professor na ESBAP, que na primeira fase da brigada a liderou. Ele

acabou por se afastar, em grande parte, por várias discordâncias que tinha connosco. Nós éramos muito interventivos e formávamos um grupo bastante coeso. Éramos gente habituada a raramente seguir o que os Professores queriam. E um dos temas da discordância foi precisamente o projeto dos balneários e lavadouros que marcou de imediato o arranque do trabalho da Brigada.

Na altura, os projetos que fazíamos estavam divididos entre nós. Eu é que estava mais em cima desse projeto. Lembro-me de uma discussão acesa em que o Manuel Teles queria fazer um balneário com uma cobertura plana e eu queria uma cobertura em telhado. Parecia contraditório ser o aluno a propor uma solução aparentemente mais 'antiquada'! Eu estava muito preocupado com a diluição da imagem do volume naquele denso conjunto urbano que descia em cascata até ao rio. Não queria que sobressaísse a sua imagem. Depois de uma grande discussão aberta, não conseguimos chegar a acordo e toda a gente no escritório votou na minha proposta. O Manuel Teles ficou um bocado chateado. Nada de pessoal, ficámos amigos como antes, mas na altura resolveu afastar-se. A partir daí a nossa brigada foi, julgo eu, a única do SAAL que não tinha um arquiteto formado responsável pela mesma. Com o SAAL veio, de facto, a oportunidade de haver dinheiro para se passar a obras e não apenas se ficar reduzido ao apoio de ações dos moradores. Naquela zona, que está no coração do centro histórico, tornou-se difícil construir porque não havia terrenos livres e por outro lado havia toda a carga histórica que acompanhava qualquer proposta de intervenção no preexistente. Um dos poucos terrenos que existiam livres era precisamente aquele onde vieram a ser construídos os balneários e lavadouros, que foi entendido como um equipamento prioritário de resposta a necessidades básicas dos moradores.

ABR: No Livro Branco do SAAL[1], a área da Sé é a única no concelho do Porto que inclui balneários e lavadouros públicos no conjunto dos equipamentos a construir no âmbito do SAAL, juntamente com o parque infantil e um parque público. Qual a razão para não terem sido incorporados equipamentos com este programa em mais áreas da cidade?

JG: Não sei. Havia poucas operações no centro histórico: a nossa, a de Miragaia (que era da Brigada liderada pelo Fernando Távora) e a Ribeira/Barredo (uma zona que não era abrangida pelo SAAL). Esta última fazia parte do Comissariado para a Reabilitação da Ribeira/Barredo, do qual Jorge Gigante, meu pai, foi o primeiro comissário. Eram zonas muito densas, em que não havia, de facto, condições sanitárias mínimas, enquanto

[1] SAAL, Conselho Nacional Do - Livro Branco do SAAL 1974-1976 Volume 1. Vila Nova de Gaia: Membros efetivos do VI Conselho Nacional do SAAL, 1976

as outras operações eram maioritariamente em zonas de ilhas, que também não tinham condições, mas onde se conseguiam encontrar terrenos vazios. Por exemplo, em S. Vítor, com Álvaro Siza, as casas novas foram construídas numa área de demolições, entre ruínas. Nas Antas, com Pedro Ramalho, foram também construídas segundo um princípio tipo ilha. No bairro do Leal, com Sérgio Fernandez, foi igualmente possível erguer edificações de raiz. Mas houve muitas operações SAAL que ficaram no papel.

A grande questão que nós tivemos na Sé é que precisávamos de expropriar terrenos para poder construir, isto é, o Estado tinha de os comprar. Ou, então, reabilitar as casas existentes, mas isso era uma operação muito complicada para ser feita num curto prazo.

Em paralelo, tivemos outras lutas. Uma delas, muito importante, foi a de tentar acabar com os subalugas. Os subalugas eram um 'cancro' que existia. Eram pessoas que tinham casas que eram alugadas por elas e faziam negócio alugando a outras. Famílias inteiras num quarto, sem um quarto de banho. Um meio muito ligado a redes de prostituição e de droga. Lembro-me que saiu um Decreto-Lei cujo objetivo seria acabar com os subalugas. O nosso escritório transformou-se então numa espécie de repartição onde os moradores iam para nós lhes preenchermos as reclamações para acabar com a situação. O Estado permitia que, se a situação fosse denunciada, os moradores tomassem posse da casa passando a pagar diretamente ao senhorio. A dado ponto, as coisas começaram a aquecer em torno do processo SAAL e dos movimentos dos moradores, chegando a haver atentados à bomba contra alguns dos seus protagonistas. O carro do Alexandre Alves Costa explodiu à porta de sua casa que, por acaso, é o prédio onde eu agora resido. Na altura, eu tinha um Volkswagen 'carocha' muito velho e à noite, antes de entrar no carro para vir do escritório para casa, deitava-me no chão para, com uma lanterna, ver se tinha alguma coisa debaixo do carro porque então, ali no bairro da Sé, o ambiente era de 'cortar à faca'. Nunca conseguimos construir nada em termos de habitação porque, embora houvesse projetos, nunca passaram do papel. Aquele terreno dos Balneários e Lavadouros, constituindo uma oportunidade para resolver esta necessidade básica em si, era insuficiente para fazer progressos no que se refere à habitação porque seria necessário construir para tirar as pessoas das casas de modo a poderem ser reabilitadas. Lembro-me que havia um terreno perto, o Parque das Camélias, na Rua Augusto Rosa, perto da Batalha. Chegou-se a fazer o projeto de um edifício, também desenvolvido por mim, para naquela área construir um bloco grande e passar moradores para lá. Mas ficou tudo no papel.

ABR: Que tipo de participação teve a população no desenvolvimento deste projeto,

nomeadamente as mulheres, as principais utilizadoras deste equipamento?

JG: Na altura, havia muitas reuniões com moradores, pelo menos uma vez por semana com aquele grupo que liderava a associação. De vez em quando plenários, que eram ao ar livre. Tentámos perceber o que é que seria o lavadouro. No fundo o lavadouro era um local de encontro. Ali, como as casas eram muito pequeninas, muito da vida passava-se na rua. Viam-se as pessoas a lavar na rua em tanques. Portanto, a ideia de colocar um lavadouro na parte de cima, mais junto ao percurso, corresponde à ideia de criar uma espécie de praça, enquanto o balneário, por natureza, seria mais privado. Foi pacífico porque correspondia ao que as pessoas queriam.

ABR: Então este programa foi solicitado pela brigada e não pelos próprios moradores.

JG: Veio um bocado das discussões: "o que é que faltava no bairro?". Quando começámos, ainda em 1974, a ir para lá discutir o que veio logo ao de cima foi o problema do lixo, que se amontoava no bairro sem haver recolha. Então, nesse ano, esses moradores foram fazer eles próprios a recolha. Depois surgiram essas questões básicas, sanitárias. Foi uma oportunidade do SAAL e da Câmara de apoiarem esse projeto. No fundo, o projeto foi pago pelo SAAL. Nós recebíamos dinheiro por isso. A Câmara também apoiava a construção. Aquilo era um projeto que não incluía só os lavadouros e os balneários. A ideia era criar um percurso em escada que articulava o Largo do Colégio, onde está a Igreja dos Grilos, com a Rua dos Mercadores. Havia quatro níveis, salvo erro: lavadouros, balneários e em baixo mais dois pisos onde se incluía uma sala destinada a reuniões. Estes dois pisos nunca se chegaram a fazer. O processo SAAL foi muito curto devido às mudanças políticas da altura.

ABR: Acerca desses espaços que não foram concretizados, faziam parte do mesmo percurso em vários níveis, estando essa última sala depois incorporada debaixo dos balneários ou ainda numa outra zona?

JG: Há aqui um corte: cá em cima os lavadouros, balneários, depois este piso por baixo ainda entrava um bocado por baixo dos balneários, até aqui. Depois, havia esta sala que comunicava por dentro com a outra cá em baixo.

Este é um corte onde se percebe muito melhor. Portanto, havia aqui uma sala grande. Depois, esta sala interiormente comunicava com a outra. Entrava-se pelo primeiro lanço de escadas. Para esta parte de baixo nunca houve um projeto para além do que

está aqui. Era uma intenção que nunca chegou a ser desenvolvida. Este percurso aqui em cima começa à cota do Largo do Colégio, descendo pela escada até encontrar um outro transversal à cota dos lavadouros que vinha de nível ao longo da encosta ligando uma série de pontos.

ABR: Ainda em relação à higiene e à lavagem da roupa, como era feita antes de existirem os lavadouros, talvez no rio?

JG: Algumas pessoas tinham tanques com água à porta de casa. Outras não faço ideia.

ABR: Quanto à localização, os balneários e lavadouros da Sé encontram-se implantados naquele local por ser, então, um terreno vago.

JG: Em termos de projeto, por um lado, estava livre, por outro, era um terreno que além de comportar esses equipamentos dava a oportunidade de se criar esta relação entre cotas. Era um ponto que permitia rapidamente ligar a cota alta à cota baixa e articular com o tal percurso de nível que iria bordejar a encosta até aos terrenos livres pertencentes ao Seminário.

ABR: Em relação ao desenvolvimento do projeto, foi-lhe imposta alguma condicionante ou pode desenvolvê-lo com a abertura que pretendia?

JG: Não, não me foi imposto nada. Na altura, não havia as coisas que há agora como os regulamentos que são uma seca. Não havia nada.

ABR: Ao analisar as plantas reparei que existiam alguns muros. Queria saber se foram as únicas pré-existências.

JG: Vou-te contar uma inconfidência. Sabes que aqui se passava uma antiga muralha da cidade que é a Muralha Sueva. É a primeira cerca de muralha que se conhece na História do Porto, embora não apareça fisicamente em nenhum lado, se bem que existam nomes ligados à mesma. O terreno estava mesmo bruto, cheio de silvas. Quando o esburacámos, apareceu no local um muro com uma pedra espetacular e muito bem aparelhada. Eu tenho a certeza que era a Muralha Sueva. O que é que eu fiz? Tentei

betonar aquilo logo por cima, tapar com betão. Na altura, havia um 'élan' muito grande para fazer as coisas, mas se fosse agora de certeza que a obra parava e entravam arqueólogos. A gente viu aquilo e pensou: "vamos para a frente, que se lixe a Muralha Sueva".

ABR: Então está lá tapada.

JG: Tapada com estes muros de betão. São muros de betão ciclópico. Um muro feito com betão e pedra. Uns anos mais tarde, a conversar com o Távora, contei-lhe. Ele ficou indignado.

ABR: Como se fosse um crime, não?

JG: Ele disse: "- Oh, você foi fazer isso?" Mas para mim, na altura, era mais importante os moradores poderem tomar banho e lavar a roupa do que a Muralha Sueva.

ABR: De que maneira articulou essas pré-existências com os novos elementos? Ou seja, neste caso foi essa a opção?

JG: A única pré-existência significativa era um muro. Eu julgo que é este de cima. Os outros eram novos. Aliás, o muro pré-existente nem aparece aqui representado. Eles foram aproveitados do ponto de vista prático. Não havia no terreno nada assim que condicionasse em termos de projeto. Era um terreno livre.

ABR: A escolha do sistema estrutural foi realizada com que princípios?

JG: O betão pareceu-me o material que resolvia melhor esta série de socalcos. Repara, nós tínhamos uma formação muito pior do que a vossa. A gente não sabia nada. Em todo o meu curso as aulas começavam por volta de março/abril. Era só convulsões, política. Então, quase não tínhamos aulas. O que sabia aprendia um bocado no atelier do meu pai. Foi intuitivo aqui o betão, mas era mais simples porque resolvia muros, contenções, plataformas de onde nasceu aquele volume em betão. Quando foi para cobrir, aparentemente o mais natural seria uma laje plana, já que era um volume sem pretensão de ir buscar relações com a construção da zona. Mas acabou por ficar o telhado e eu acho que está melhor com o telhado. Não achas? Basta ver uma fotografia

de longe. O que aparece é uma parede de betão e um telhado. Portanto, queríamos diluir um bocadinho a imagem e não criar um 'holofote'. Mas as discussões eram muito primárias. Eu também nunca meti a teoria de permeio. Ainda hoje, a teoria para mim vem sempre no fim do objeto, nunca vem antes. Faço o que me apetece e depois, só no fim, é que sei escrever sobre aquilo que fiz. Senão fica-se manietado pelos princípios. O processo é um bocado intuitivo.

ABR: Em termos de materialidade, em relação às telhas, ao betão e à pedra, com que intenção é foram escolhidos estes materiais? A telha já está explicada, que era para se diluir no edificado.

JG: O betão acabava por ajudar a resolver estes desníveis. Aqui em cima tentámos colocar uma estrutura leve. Usámos telha de vidro para meter um bocado de luz natural no centro, que é esta fiada de telha toda à volta. Isto era uma solução barata. Tentámos que os tanques fossem fixos. Em vez de estar a colocar peças pré-fabricadas, resolvemos fazê-las no sítio. Eram uns tanques betonados ali. De resto, utilizámos caixilharias de madeira. Na altura, ninguém utilizava alumínio. Nós, arquitetos, éramos quase inimigos do alumínio. A primeira obra que fiz em caixilho de alumínio foi já no final dos anos 80, já eu tinha quase 40 anos. Até aí era considerado quase crime entre nós. Era sempre de madeira ou ferro. Tudo desenhado, não havia nada feito. Aqui, então, usei betão e madeira. A única coisa metálica foram os pilares em que assenta o telhado. Isto é tudo muito primário.

ABR: Em relação ao espaço do lavadouro e ao espaço do balneário, que parecem espaços completamente distintos dentro deste edifício, que ambiências é que procurou criar quando pensou nesses dois espaços?

JG: O lavadouro foi mais consciente. Era uma espécie de varanda ao ar livre. O sítio é muito bom porque as pessoas estavam ali muito arejadas, tinham uma vista fabulosa sobre o rio. Portanto, é um bom sítio para estar. De facto, o que observámos em lavadouros é que seria um espaço de convívio, em que estavam a lavar e conversar. Os balneários eram simplesmente uma série de chuveiros. Tinham uma salinha à entrada com uns bancos onde podiam esperar. Era fechado e só essa sala é que tinha luz natural. Não tem muita história. Acho que o lavadouro é que é a parte mais importante.

ABR: Dentro deste programa criou algum espaço destinado à secagem da roupa?

JG: Não.

ABR: O objetivo era as pessoas depois levarem a roupa para casa e secarem?

JG: Era, tinha que ser. As pessoas também usavam o lavadouro na altura. Algumas punham a roupa aqui a secar um bocado, até se via roupa na guarda. Lembro-me que via a roupa estendida. Depois levavam para casa.

ABR: Quanto ao percurso que envolve o edifício e liga então as várias ruas e até a praça lá em cima, o que é que me pode mais contar?

JG: Nesta fotografia, estás a ver esta fachada? Entre o lavadouro e esta fachada havia aqui uma antiga rua. Era um beco que estava desativado, uma antiga rua que depois vinha ligar à Rua de Santana. A ideia era reativar este percurso e, através de um lote que tinha uma ruína, a nossa ideia era ligá-lo à Rua de Santana que é uma rua que desce daqui do Largo Colégio até à Rua dos Mercadores. Há ali um ponto em que esse percurso está de cota com o lavadouro. Ou seja, seria possível sair do lavadouro e ir de nível até à rua. Evitava que isto ficasse tão isolado como está hoje. E, depois, continuando aqui ao longo desta cota, para cá, para sul, isto ia dar a umas encostas em que havia terrenos livres que nós, na altura, pensávamos que podíamos ali criar uma espécie de área verde com alguns equipamentos. Nunca se chegou a fazer, mas há desenhos da brigada que mostram esta intenção. O lavadouro ficava então integrado num percurso pedonal que seguia ao longo da mesma curva de nível à volta da Sé. Essa parecia uma ideia forte que permitia aqui, nos lavadouros, continuar a descer até à Rua dos Mercadores por escada. Ou seja, esta localização não é inocente. Tinha uma razão de ser, o porquê de ter sido esta a cota em que se implantou o lavadouro.

ABR: Em relação ao balneário e ao lavadouro, de alguma forma ao projetar, tentou aproximar-se ou obedecer a uma tipologia?

JG: Não.

ABR: Não teve como referência nenhum lavadouro ou um projeto com um programa semelhante?

JG: Não. É uma pergunta que me fazem muitas vezes hoje em dia. Nunca usei isso das referências. Na altura, até usaria mais. Hoje em dia já não tenho referência nenhuma. É tal a confusão na minha cabeça. Quer dizer, quando uso é qualquer coisa que já está cá dentro. Mas, na altura, tenho a certeza que não vi assim. A imagem que eu tinha era dos lavadouros públicos que existiam. Tentei resolver a questão de modo muito prático e a pressão era muita. Este ano e meio da brigada do SAAL correspondeu a um trabalho com uma intensidade brutal, noite e dia.

ABR: Que referência de arquitetos, ideias, projetos de arquitetura tinha na época em que projetou este edifício? Não necessariamente para este.

JG: Na altura as referências eram poucas. Até ao 25 de abril éramos um país fechadíssimo. Lembro-me que revistas de arquitetura havia três ou quatro. Havia a *Casabella*, a *L'Architecture d'Aujourd'hui* e mais duas ou três. As referências que eu tinha quando entrei para a Escola até essa altura, portanto durante os quatro anos de Escola, eram as referências daqui: o Távora, o Siza. Conheço o Siza desde pequenino. O meu pai era amigo do Siza e era arquiteto. Então, conhecia as obras do Siza todas na altura, do Távora *idem*.

Por outro lado, viajávamos pouco. Antes desta altura conhecia o quê? Paris. Tinha feito também uma viagem grande aos países nórdicos. Nós tínhamos a mania do Alvar Aalto, ainda hoje tenho, o Jacobsen, o Asplund. Fiz uma viagem com o Francisco Barata, um mês inteiro em que fomos ver isto tudo. Depois, vivíamos naquela onda: era o Corbusier e o modernismo de um lado e, do outro, aquilo que era chamado organicismo, o Frank Lloyd Wright, o Alvar Aalto, de certo modo. Éramos muito básicos. Eu hoje não penso assim as coisas. Mas, na altura, eu estava muito mais encantado com os 'organicistas', o Wright, o Aalto, os nórdicos, do que com o Corbusier. Mais tarde, vim a mudar, descobri o Corbusier. Estou a dizer o Corbusier porque é o elemento mais importante do movimento moderno. Vim a descobrir que agora ainda são as figuras que me encantam. Eu ainda hoje, na arquitetura, tento fugir ao que está na moda, quase sempre. E quando não fujo acho que faço pior. Esses são os meus heróis: o Mies, o Aalto, o Corbusier ou o Wright, são os nórdicos, alguns ingleses como o Chipperfield ou mesmo o Stirling, de que já ninguém fala. Também tinha a mania do Stirling. E, na altura, nós conhecíamos muito pouco. Eu não consigo ligar esta obra a nada. Há outras obras que eu sei que andei a ver num livrinho ou outro. Esta não consigo lembrar-me o que é que possa ter visto. Foi muito chegar ao terreno e tentar fazer aquela cena.

ABR: Fora do mundo da arquitetura o que é que o pode ter inspirado para fazer estes espaços?

JG: Muito do que me inspira está fora da arquitetura. Tento fazer coisas fora desse mundo. O mundo da arquitetura é muito claustrofóbico. Tento ter amigos que não sejam arquitetos, a par dos arquitetos. Isto é, não andar sempre ali à volta. O que me inspira e sempre inspirou é a vida, conhecer as pessoas. Continuo a dizer que o importante para um projeto é sempre conhecer para quem é que ele é feito. Ele não é feito para nós. Nós temos que gostar do que fazemos, obviamente, mas temos que saber dar a volta para agradar a quem vai usar esse espaço. Portanto, o nosso papel é um papel social. Não vejo o arquiteto como um malabarista, nem como um artista de circo. Vejo mais como: qualquer projeto custa dinheiro, é feito com um objetivo, para determinadas pessoas. Tudo isso é conhecer o que está à volta da arquitetura. Mas, eu tenho vários *hobbies* que andam por fora da arquitetura. Isso é que me vai salvando.

ABR: Neste caso dos lavadouros e dos balneários onde é que se pode ter inspirado mais?

JG: Em termos de forma não sei. Foi muito intuitivo. Na altura, a atividade política era muito óbvia. Éramos muito engajados na política. Não conseguíamos desligar isto das nossas posições políticas também. Éramos um bocado imaturos e um bocado obcecados. Hoje em dia sou mais tolerante, mais indeciso. Na altura, tinha o sangue na guelra. Grande parte da atividade da brigada era trabalhar com os moradores. A gente metia-se nas ocupações de casas, em questões dos subalugas, nas manifestações, comícios, reuniões de rua, fazíamos sessões em que mostrávamos filmes. O cinema para mim sempre foi uma paixão. Adoro cinema, ainda hoje. Não consigo desligar essas coisas todas. Eu tenho vários *hobbies*. Ainda hoje uma das paixões que eu tenho é a poesia. Escrevo versos correntemente, muitos vêm já dessa altura e tenho outras paixões periféricas. Gosto muito de livros policiais, por exemplo. Tenho uns *hobbies* ligados e até um nome que é o Inspetor Gigas ligado à minha atividade de decifrador de enigmas. Gosto muito de me meter em coisas tipo série B, aquelas coisas a que ninguém dá importância, mas permitem-me conhecer outros mundos, até conhecer pessoas mais correntes, banais. A humanidade das coisas encanta-me, mas já estou a falar de mim.

ABR: De alguma forma a figura feminina também o inspirou? Como é um lavadouro feito, maioritariamente, para mulheres.

JG: A figura feminina sempre me encantou. Mas as mulheres continuam a ser uma parte da sociedade que ainda não atingiu o estatuto que é merecido. As mulheres, muitas não trabalhavam, eram pessoas que estavam em casa, a tratar dos filhos. Mas, na altura, já havia muitas a participar nas reuniões, nas decisões. Obviamente, que o lavadouro, por esse estigma da mulher, era ocupado quase só por mulheres. Embora não o devesse ser, mas era. A gente imaginava sempre aquilo cheio de mulheres a conversarem. O lavadouro tinha um sentido social mais forte do que o balneário, por isso é que veio para cima.

ABR: Que papel teve este equipamento na comunidade para o qual foi construído e na própria cidade do Porto?

JG: Eu julgo que na altura teve bastante importância. Era muito utilizado. Hoje não sei, confesso. Nem sei, entretanto, até que ponto melhorou a condição das habitações na zona.

ABR: O que é que lhe deu mais prazer neste projeto e, em contrapartida, qual é que foi a maior adversidade que enfrentou?

JG: O que me deu maior prazer, é o que me dá em todos os projetos: conseguir corresponder à necessidade. Acho que é esse o objetivo sempre, responder à necessidade para qual é feito. Portanto, criar ali um espaço que as pessoas usam. Há um prazer de o fazer. Um projeto dá-me sempre prazer. E as adversidades são boas sempre. Não quero, nunca, que me deixem fazer o que eu quero. Não quero. Aliás, eu raramente faço coisas sozinho. Gosto mais de trabalhar em equipa. Eu preciso de quem me dê porrada, de quem me chateie, que me critique. Hoje em dia o escritório é pequeno, somos seis pessoas. No máximo já tive doze. Mas toda a gente critica, uns aos outros. Quando vem para aqui um estagiário, por exemplo, ele começa logo a projetar e vem criticar o que estou a fazer e vice-versa.

Eu gosto de discussão, sempre. Então, na altura, a brigada toda discutia os projetos. Essa parte está muito presente, as contradições. Porque senão, a gente o que é que faz? Começamos um projeto, os nossos fantasmas saltam todos para cima do desenho. Temos que ter contra-poderes. Tem que vir o cliente chatear. Cada vez que o cliente nos destrói uma ideia temos sempre que saber aproveitar para melhorar. Eu acredito nisto. Quando altero porque me fizeram uma crítica que eu aceito, tento sempre dar a volta por cima. O projeto acho que fica melhor. Senão a arquitetura era uma espécie de

fada, assim branca, um anjo. Não, as coisas são terra-a-terra. A gente só faz o que nos deixam. É o que o Siza diz: fazer um projeto no meio do deserto, para ninguém, seria o mais difícil de todos. Ficamos entregues aos nossos fantasmas, os que trazemos na cabeça. O que me seduz em cada projeto é não saber onde é que ele vai parar. É um processo em que descobrimos. Esse fazer dá-me prazer e dá-me muito trabalho, muita dor de cabeça.

Mas, arquitetura é assim porque não é uma arte pura. É uma arte feita para alguém e feita com meios de alguém com o que podem pagar. E, depois, dá-me prazer ver a obra construída. A obra no papel é o maior desgosto. O maior desgosto que eu tenho, qual é? É não construir. Lembro-me que já chorei algumas vezes por um projeto não ser construído, sobretudo quando o projeto está todo feito. Isto é se é um concurso, se é uma ideia, não interessa. Mas, se a criancinha está pronta para nascer e não nasce… já me aconteceu duas vezes ou três, ter um projeto prontinho para a obra e esta não se faz. Aí, tive crises, assim quinze dias na fossa, e a chorar, porquê? O que eu gosto é mesmo da obra e, no fundo, é isso que me dá prazer.

ABR: Atualmente, acha que o edifício que projetou está datado ou não, que se mantém atual?

JG: Uma coisa que não me encanta são as modas. Acho que de tudo o que fiz nada está datado. Ou seja, há alguns edifícios que eu olho hoje e vejo os defeitos que tiveram. Mas, desde que sirvam a função, eles estão atuais. Podem ser mais feios, mais bonitos, mas desde que eles funcionem. Às vezes, hoje em dia, gosto mais de coisas antigas que fiz do que algumas que estou a fazer. Na altura era mais livre. Não tinha tanta coisa na cabeça. Tinha menos vergonha. Aliás, acho que a gente quando faz um edifício não é para durar 10 anos, nem 20, ele tem que durar 50, 60, 100 anos. Portanto, temos que fazer uma arquitetura que tente ser o menos datada possível. Isto que te estou a dizer é uma ilusão porque ela acaba por ser datada. Mas, é uma ideia de que as coisas não são para a gente fotografar e publicar numa revista. São para durar. Têm que durar construtivamente. Isto é, tem que ser uma construção sólida e tem que também tentar que aquilo não enjoe rapidamente, que dure em termos de forma. Uma cidade dura séculos e há obras que não aguentam 20 anos, já não se pode olhar para aquilo.

ABR: Quanto à função dos lavadouros fará sentido continuar a existir?

JG: Lá está, eu não sei porque não conheço qual é a situação social da zona. Acho que sim, se é uma área que tem carências do ponto de vista sanitário, que não tem casas com quartos de banho, que não tem sítio onde lavar a roupa.

ABR: Se lhe dessem permissão para fazer modificações ou alterações ao edifício deixaria como está ou mudava alguma coisa?

JG: Se mudasse era no sentido de manutenção, de recuperar. Aquilo tem erros construtivos. Mas, porque é que havia de mudar? Não, não mudava. Em termos formais, penso que não me ressentisse. Aquilo que está ali, tem a idade que tem.

ABR: Se lhe solicitassem este projeto nos dias de hoje o que é que faria de diferente ou voltava a fazer algo idêntico?

JG: Eu projetava de certeza. Eu já não sou o mesmo, sou outra pessoa. Não sei o que fazia. Só sei quando começo a desenhar. Mas, lá está, não consigo escrever nada sobre o que vou fazer, só no fim é que sei.

ABR: Então apenas quando se começa a desenhar é que se sabe?

JG: Sim, porque eu acho que o desenho é uma dinâmica. Quando a gente tem a folha de papel na frente, eu, pessoalmente, não sei. Vou descobrir uma coisa que não conheço e não sei para onde é que me vai levar o desenho. Lá está, costumo dizer aos meus alunos que a teoria é uma batata, cada um dá um pontapé nela como quiser. Ela vai parar àquele canto ou àquele. Depois a gente apanha a batata e escreve. Isto é, no fim de um projeto eu sei contar a história dele. Isto é como a vida, por exemplo, uma coisa que eu detesto, que não faço, é pensar na vida. Não penso muito o que é que eu vou ser, o que é que eu vou fazer. Gosto mais de viver do que pensar como é que vivo, senão acabo por não viver. Aliás, era uma chatice se eu pensasse o que ia fazer e a minha vida fosse aquilo que pensei. Eu prefiro viver e depois conto o que é que fiz porque a vida descobre-se. É como alguém que sai à noite sem saber quem vai encontrar e depois faz amigos que não sabia de antemão quem são.

Em teoria, acho que num projeto há uma dimensão que é um pensamento de projeto, mas nunca pode ser escrita à partida. É por isso que os teóricos têm muita dificuldade em fazer projetos. Ficam manietados. Quer dizer, se eu pensar “vou-me encontrar com

aquela pessoa" e, então, se eu pensar tudo o que vou fazer, os gestos todos que vou fazer, chego à relação que se estabelece, seja de amizade, seja amorosa, e acaba por não ser natural. E um projeto é igual. Fico ali "ai não posso fazer isso". A gente faz. À medida que a gente vai fazendo, vai pensando, vai criticando, vai ouvindo críticas. A autocrítica é muito importante, mas é ao longo do processo, não é *a priori*, acho eu. Mas cada um é como é. Cada um faz como precisa.

FACULDADE DE ARQUITECTURA
U.PORTO

Declaração de Consentimento Informado

Eu, JOSÉ MANUEL DOS SANTOS GIGANTE,

autorizo a inclusão e tratamento da entrevista, transcrição e vídeo, sobre o projeto dos Balneários e Lavadouros da Sé do Porto, realizada a 10 de julho de 2020 pela aluna Ana Beatriz Coelho Ruivo, na sua dissertação para conclusão do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura sob orientação da Professora Ana Alves Costa.

Assinatura do entrevistado: (data e BI)	Assinatura da aluna: (data e BI)
José Manuel dos Santos Gigante	Ana Beatriz Coelho Ruivo
CC : 2726721	BI : 13804175
23 de Abril de 2023	7 de setembro de 2022

ENTREVISTA 02

com o arquiteto Paulo Providência:
Projeto do Lavadouro e Balneários de S. Nicolau, Porto
18 de setembro de 2020, Porto

Ana Beatriz Ruivo

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Entrevista 02
com o arquiteto Paulo Providência:
Projeto do Lavadouro e Balneários de S. Nicolau, Porto
18 de setembro de 2020, Porto
Ana Beatriz Ruivo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Professora Doutora Ana Alves Costa

ABR: Ana Beatriz Ruivo I PP: Paulo Providência

ABR: Arquiteto Paulo Providência, gostaria de perguntar em que contexto surgiu a oportunidade de projetar os Lavadouros e Balneários de S. Nicolau?

PP: Estava a concluir a minha formação, e tinha alguns trabalhos com a arquiteta Maria do Rosário Abreu. Pequenas encomendas da Câmara Municipal do Porto, do Pelouro do Ambiente, cujo Vereador era o Engenheiro Oliveira Dias. Para além de pequenas intervenções associadas à recolha de lixos e colocação de adufas, surgiu a oportunidade de requalificar os lavadouros da cidade, localizados em vales com linhas de água, nas zonas baixas da cidade junto ao Rio Douro. Esse programa incluía a reabilitação dos lavadouros de Lordelo do Ouro (recentemente demolido), Passeio das Virtudes, Fontainhas e Freixo.

Para além destas reabilitações, havia necessidade de construir um lavadouro de raiz, na Ribeira, mais concretamente junto do posto de Guarda Fiscal e do Cais dos Banhos. E daí nasceu a encomenda específica deste lavadouro, associado a um programa de balneários e sanitários.

Depois descobrimos que aquele sítio se chamava Cais dos Banhos, remetendo para uma tradição medieval de banhos naquele local, uma porta da cidade.

ABR: Qual a relação pretendeu criar entre a cidade e a obra?

Observando o local, verificamos que a Rua da Reboleira se encontra a uma cota inferior à Rua Nova da Alfândega, exceto na parte final em que interseta a plataforma sobre a Rua do Outeirinho. É uma área histórica que sofreu intervenções no século XIX na sequência da construção da Alfândega Nova e a rua que lhe dá acesso, de maiores dimensões, que incluía linha de elétrico. Como forma de articular o espaço entre o edificado existente e o fim da nova rua construiu-se um edifício e uma plataforma.

A nossa primeira ideia teve por base uma intenção arqueológica. Consistia na realização de uma escavação na plataforma, à cota da Rua da Reboleira, para encontrar a continuidade da Travessa do Outeirinho, a rua de trás, com o objetivo de revelar o que o século XIX possivelmente tinha demolido. No entanto, não foi descoberto nenhum vestígio.

Deste modo, a ideia principal do projeto centrou-se na criação de um grande espaço de lavadouro, no interior, como se tratasse de uma rua coberta em continuidade com a Travessa do Outeirinho, onde se localizava o acesso. Essa via, mais interna à Ribeira,

era frequentada, principalmente, pelos moradores locais.

Quando a obra começou, o proprietário de um restaurante localizado nas proximidades ao aperceber-se que perto do seu estabelecimento estavam a ser construídos lavadouros públicos ficou descontente, o que o levou a contestar nos jornais da cidade. Por esta razão, o Presidenta da Câmara na altura, Fernando Gomes, deslocou-se ao local. Foi-lhe explicado o que se pretendia construir, pelo que o Presidente decidiu ampliar o programa inicial. Em vez de quatro quartos de banhos, passariam a ser oito e em vez de quatro duches, seriam oito, por exemplo. Porém, era necessário o acesso passar a realizar-se pela Rua da Reboleira, e não pela Travessa do Outeirinho, para permitir um uso turístico também, o que originou um redesenho do projeto.

O acesso pela Rua da Reboleira, a uma cota mais alta, permitia desenvolver uma estrutura que contemplava uma progressão de espaços, do espaço mais público para o mais privado, permitindo aos moradores locais maior conforto e privacidade no espaço final dedicado aos tanques de lavagem.

Por se tratar de espaços escavados, foi necessário a construção em betão armado, existindo também uma claraboia. Ao redesenhar os espaços, a rampa criada permitiu conceber um espaço mais dramático. A ideia inicial de criar um espaço interior ambíguo por conferir uma sensação de exterior continuou presente nesta solução como observamos na galeria sobre os tanques que, sendo interior, nos direciona para o espaço de pé-direito elevado, percecionado como exterior dada a luz natural que recebe da claraboia.

ABR: De que modo pensou o espaço interior, nomeadamente, as áreas de circulação, ou seja, a tal galeria?

A ideia de progressão é bastante importante. Traduz-se na possibilidade de se compartimentarem alguns espaços correndo uma grade, mas o edifício continuar em funcionamento como sanitários apenas durante um determinado período.

Na plataforma de entrada, existe uma portaria construída em tijolo, o que o diferencia em termos de materialidade dos restantes espaços. O recurso a este material estabelece uma alusão à hipotética ruína descoberta através de processos arqueológicos. Era como se fosse uma construção romana devido ao tipo de tijolo escolhido. Neste piso, há, ainda, uma zona de máquinas de lavar, que tem um carácter mais público. Na segunda plataforma existem os sanitários, que se podem autonomizar, na plataforma

seguinte os balneários e na plataforma final os tanques.

ABR: Que importância tem a luz e a água nestes vários espaços interiores?

PP: O edifício vive muito do espaço final onde se encontram os tanques. Antigamente, o lavadouro, para além de espaço de socialização, era também o local de uma atividade quotidiana. Então, pareceu-nos importante que esse espaço do dia a dia ganhasse alguma dignidade, como se o quotidiano fosse 'sacralizado'.

Sendo esta uma zona em que a pressão turística retraiu os seus habitantes dos espaços comuns, outra ideia presente neste projeto era que espaço do lavadouro funcionasse como um largo interior de quarteirão, onde os moradores se poderiam encontrar de uma forma protegida do olhar dos turistas.

ABR: Sendo a entrada pela Rua da Reboleira os turistas não entram?

PP: Não, às vezes as pessoas entram ou espreitam. No entanto, este equipamento foi útil para os estagiários de arquitetura que se hospedavam nesta zona, em casas sem infraestruturas, para tomarem banho ou lavarem a roupa.

Como era necessário que a construção fosse executada em betão, socorremo-nos de um sistema construtivo que utilizava pranchas de ferro usadas na construção civil para fazer pilares. Tinham cerca de 50 cm e apresentavam furações em intervalos de 5 cm, o que permitia conceber pilares com medidas diferentes. Este sistema metálico de cofragem foi montado na horizontal, de 50 em 50 cm. Um problema que surgiu foi a necessidade de tapar os furos das pranchas, tendo-se solucionado com fita adesiva TESA. Porém, não foi forte o suficiente para aguentar a pressão exercida pelo betão, pelo que é visível o preenchimento destes furos na cofragem. O maior interesse na criação deste sistema foi a possibilidade de gerar uma modelação do espaço, coincidente com as plataformas, fazendo com que as descidas se realizassem ao mesmo ritmo por haver sempre a mesma medida, de metro a metro (correspondendo a duas pranchas horizontais).

ABR: Ainda relativamente à luz, existe este espaço com o lanternim.

PP: Como o lanternim assumia uma presença no lado exterior, desenhámo-lo na conti-

nuação da linha dos carris do elétrico que, na altura, percorria a marginal e terminava neste local. O lanternim foi projetado em conjunto com um banco, com o intuito de criar um espaço de estar onde se poderia ver o rio. O lanternim está protegido com uma grade metálica. No interior, colocámos réguas metálicas de iluminação para reforçar a luz, seguindo a iluminação natural. Era também importante que não existisse demasiada luz e que esta fosse filtrada, o que cria a ambiguidade de ao entrar observarmos uma luz suave ao fundo como se tratasse de um espaço exterior. O lanternim coincide com os tanques, causando efeitos de reflexão com a água.

Neste espaço, o lado pelo qual se acede apresenta vários vãos como se fosse uma fachada de uma rua. Neste sentido, outra ideia que pode estar subjacente é a de que um edifício pode ser entendido como uma cidade: os corredores de um palácio são como ruas, sendo o palácio como uma cidade, diz o Alberti.

ABR: Neste programa não foi desenvolvido um espaço de secagem da roupa?

PP: Não. No entanto, pelo edifício ser um conjunto de espaços encerrados existia o receio de se tornarem desconfortáveis e húmidos. Então, desenhámos um sistema de ventilação através de tubagens e grelhas que ventila todos os compartimentos e que parte de um compartimento técnico com acesso pelo exterior.

ABR: Ao longo da realização do projeto que condicionantes lhe foram impostas?

PP: Este projeto foi pensado com uma grande economia de materiais. Pudemos utilizar o betão por serem espaços enterrados, funcionando este material como um invólucro. Apenas foram acrescentadas algumas paredes de betão que, eventualmente, não seriam necessárias. Foi considerada uma lógica entre betão e ardósia preta. A ardósia foi colocada nas bancadas dos lavatórios, nas divisórias dos duches, no pavimento e o banco da zona do lavadouro. Para além destes dois materiais, utilizou-se contraplacado para criar as divisórias e as portas das cabines de duche. Portanto, é uma obra em que predominam estes três materiais. Depois existe o tijolo, um material autonivelante nos pavimentos, e o granito sobre o qual se lava a roupa.

Existiu uma condicionante de implantação, a necessidade de ser um equipamento localizado sob uma plataforma e, como tal, ser um sistema relativamente oculto. Esta condicionante não nos incomodou, pelo contrário, foi interessante trabalhar o espaço semienterrado.

Outra condicionante foi o aumento do programa pelo Presidente da Câmara. Esta alteração levou a uma reformulação e ampliação repentina do projeto, que originou uma liberdade de orçamento para nós e para o empreiteiro. Foram as condições ideais para conceber um projeto, pois não existiam problemas de orçamento.

Uma última condicionante foi o processo de colocação de uma obra de arte no equipamento. O Vereador Oliveira Dias, entusiasmado com a construção, pensou ser interessante ter uma obra de arte. Foi concebido um programa artístico, exigindo que a obra reunisse três características: referir-se à água, passar-se no Porto e evocar o Homem. Foi selecionado um artista novo que tinha terminado o curso na Escola de Belas-Artes e que fez o painel cerâmico existente. A sua localização no edifício foi determinada por nós, uma vez que não queríamos que interferisse com a obra de betão.

ABR: Havia alguma preexistência com a qual tiveram que lidar?

PP: Sim, a plataforma e a ideia de imaginar que a sua construção no século XIX cobriu uma rua antiga.

A cota de entrada também pode ser vista como uma condicionante, na medida que se tratava de construir um equipamento público soterrado, tendo sido esse o exercício principal do projeto.

ABR: Qual a razão da preferência pela utilização de betão à vista na maioria dos espaços?

PP: Porque gostávamos de betão, devido ao seu potencial de textura e pelo seu aspeto contemporâneo. Esta construção está calculada para poder ter um camião em cima. Como tinha de ser resistente, foi construída em betão armado. O betão também tem a particularidade de criar rigidez nas obras, o que curiosamente gera flexibilidade. Isto é, uma estrutura desenhada no essencial é flexível.

ABR: Em contrapartida, nos espaço dos balneários o betão encontra-se revestido com azulejo branco, a madeira surge nas portas e o aço inox polido é utilizado como espelho. Porquê o recurso a estes materiais?

PP: O azulejo facilita a limpeza. No entanto, os balneários também têm ardósia nas di-

visórias e o acento e as portas são em contraplacado. Os espelhos em aço inox polido são uma solução anti vândalo, o que permite que a obra possa ter muito uso. O recurso ao aço foi baseado nas Piscinas das Marés em Leça da Palmeira, projeto do arquiteto Siza Vieira. Na zona dos lavatórios destas piscinas existem espelhos circulares feitos do mesmo material.

ABR: Na área dos lavadouros os tanques são feitos de uma conjugação de materiais, betão, xisto e granito. De que forma é que justifica o cruzar destes diferentes materiais?

PP: A utilização de betão e ardósia nesta obra foi influenciada pelo modernismo, nomeadamente pelo arquiteto Pierre Chareau. A ardósia é muito macia, e, em contrapartida, o granito é texturado. As ardósias do pavimento são de grandes dimensões e têm juntas para que a água quando cai, se esvaneça, permitindo a existência de muita água.

O uso atual deste lavadouro ocorre, praticamente, na Páscoa, devido ao hábito de lavar a casa nessa altura do ano: cortinados, tapetes, colchas, e outros elementos de maiores dimensões não cabem nas máquinas de lavar, e por isso são lavados no lavadouro. A lavagem nessa altura do ano é uma tradição que remonta à Idade Média, época em que ainda não existiam vidros nas casas, apenas portadas com, eventualmente, uma pequena abertura para entrar luz no inverno. Na primavera/verão era possível abrir as portadas durante o dia porque as condições climatéricas eram agradáveis. No entanto, no inverno tinham de permanecer fechadas devido ao frio. Por isso, em setembro/outubro as portadas eram fechadas e para o frio não entrar selavam-nas com banha. Durante cerca de quatro/cinco meses as casas ficavam seladas, o que provocava maus odores. Era então, pela Páscoa, que se voltavam a abrir as portadas e a casa era lavada.

Em relação ao materiais, a escolha do granito deve-se à sua rugosidade e ao hábito das pessoas lavarem em tanques com este material. Porém, a estrutura deste tanque é em betão.

ABR: Como foi pensado o desenho dos tanques com o conjunto desses materiais?

PP: Os tanques são construídos em betão revestido com uma pedra natural que possui uma ligeira rugosidade onde as pessoas podem esfregar a roupa. A ardósia entra como um material para situações especiais como o banco, o pavimento falso e os lavatórios. É também um material de revestimento para fazer as divisórias e outros ele-

mentos que não eram possíveis fazer em betão. O granito tem um uso muito pontual, existindo apenas onde se lava.

Acrescenta-se que o betão também apresenta uma expressão bruta que não era pretendida em situações em que se procurava uma expressão relativamente agradável. A ardósia é agradável ao tato. Os elementos deste material não são frios, nem rugosos como o betão ou o granito. Portanto, era como se o edifício fosse uma casca de betão, e a ardósia e o contraplacado atribuíssem alguma sofisticação e conforto. Estes materiais são também resistentes.

ABR: De alguma forma ao projetar tentou aproximar-se ou obedecer a uma tipologia de balneário e lavadouro?

PP: Não. A única tipologia é a ideia de tanques numa rua. Em geral, os lavadouros apresentavam esse aspeto linear. Por exemplo, os tanques do Freixo são semelhantes: um conjunto de tanques com água corrente que entra de um lado e sai no outro. Os tanques das Fontaínhas também funcionavam assim. O lavadouro das Fontaínhas tinha uma cobertura em chapa e desenvolvia-se em três plataformas. Ao intervir nesses lavadouros, quando possível, desenhávamos estendais para secar a roupa.

Existe essa tipologia linear, a maioria dos lavadouros são uma fiada ou duas de tanques com água corrente no meio.

ABR: Como referência de lavadouros pode ter pensado nos lavadouros reabilitados?

PP: Não, porque nenhum desses é enterrado. São apenas tanques colocados.

ABR: Existiu algum projeto com um programa semelhante que possa ter tido como referência?

PP: Não, foi o resultado de um processo de conceção de um edifício enterrado. Era necessário criar um pé direito alto para as pessoas não se sentirem comprimidas, deveria ser protegido da rua e apresentar uma disposição longitudinal para ser legível o prolongamento da Travessa do Outeirinho.

ABR: Que temas no campo da arquitetura lhe parecem ser os mais importantes para

explicar este projeto?

PP: Não sei, acho que há sempre um risco de estarmos a construir teorias *a posteriori* para justificar. É um risco que o arquiteto Siza e a Escola do Porto evitaram. O arquiteto Siza diz que é fantástico que uma obra possa ter muitas interpretações, pois mostra a sua riqueza. Contudo, percebo que houve uma vontade de trabalhar sensorialmente os materiais, de dominar a luz e de qualificar as experiências do quotidiano. Um tema deste edifício é a casa que é uma cidade. Existe uma ideia de labirinto, uma analogia ao próprio carácter serpenteante daquela zona da cidade.

ABR: Que referências de arquitetos, ideias, projetos de arquitetura tinha na época em que projetou estes espaços?

PP: Tinha um gosto pela obra do arquiteto Pierre Chareau, todavia não existe uma relação direta. Na Maison de Verre, Chareau utilizou também o contraplacado e a ardósia, ainda que o projeto seja completamente diferente.

ABR: No caso da Maison de Verre são os materiais que chamam mais à atenção?

PP: Sim, e o espaço. Pois, possui um pé direito alto que origina um grande espaço central. Em relação a outras obras, nomeadamente, do arquiteto Siza não há nenhuma que consiga afirmar que se relaciona com este projeto. Poderá pensar-se que o arquiteto Peter Zumthor e o Edifício dos Banhos Termais de Vals foi uma referência, no entanto, não o conhecia nessa altura, e o projeto do edifício de Banhos foi conhecido mais tarde. Foi uma referência *a posteriori*. Outro edifício é o pequeno museu La Congiunta, do arquiteto Peter Mãrkli; mas também neste caso não conhecia essa obra, e creio que também será posterior.

Conhecia a obra de Siza ao pormenor. Uma das obras que mais gosto é a Piscina das Marés, construída em betão. Na altura, também tinha visitado a Cooperativa de Lordelo de Ouro, também do mesmo material. Quando estudava deslocava-me para a Escola de Belas-Artes pela Avenida dos Combatentes, para passar junto da casa projetada pelo arquiteto Siza que existe nessa avenida. A casa é muito pequenina, para o que se pensa hoje em dia que é uma casa, um quarto, uma sala. É como se fosse um casaco que se veste por ter tudo moldado à dimensão do corpo. O interior é todo rebocado, tem uma claraboia e caixilhos de madeira, por exemplo. Por sua vez, o exterior é como um cubo de betão cego. É criada uma oposição entre um exterior bruto e o interior

sofisticado, que me agradava.

ABR: O arquiteto Peter Zumthor tem uma obra intitulada *A Feeling of History*.

PP: Sim, são entrevistas conduzidas por uma historiadora norueguesa. É muito interessante esse livro. Gosto, particularmente, das fotografias da obra do arquiteto Pikionis. Interessa-me bastante a obra desse arquiteto, porém só o percebi em Atenas. Nas primeiras vezes que visitei a cidade, não há muitos anos, fiquei fascinado com os pavimentos do caminho de Filopapo e com a igreja Aghios Loumbardiaris.

Mais tarde, tomei contato com o espólio de desenhos do Pikionis. Para desenhar essa igreja tinha realizado um inventário de todas as pedras, sendo o projeto uma assemblagem. Em relação ao pavimento, Pikionis utilizou as teorias de Constantinos Doxiadis, para fazer algumas composições como, por exemplo, a plataforma junto ao monumento de Filopapo. As pedras utilizadas nos pavimentos têm origens diversas; a demolição de construções neoclássicas existentes no centro de Atenas, para criar edifícios de quatro pisos, com o objetivo de densificar a área central da cidade. Os elementos construtivos, tais como pilastras, varandas, guarnições de portas, em mármore, foram recolhidas para um armazém da Câmara; são esses materiais que Pikionis utiliza no seus pavimentos, respondendo à solicitação do Ministro do Turismo, de criação dos novos acessos à Acrópole, em meados da década de 1950. Durante a realização desta obra houve o envolvimento dos alunos da Escola de Arquitetura na qual lecionava. Aprecio também outras obras deste arquiteto, como é o caso, de um parque infantil em Filoteia.

Nesse livro do arquiteto Zumthor foram selecionadas as fotografias de Hélène Binet, que tinham sido realizadas para o catálogo da exposição do Pikionis na Architectural Association em Londres. A exposição chamou-se *A Sentimental Topography* e foi organizada pelo arquiteto Peter Smithson. Consegui adquirir dois exemplares deste catálogo numa livraria em Atenas, há uns anos. No catálogo existe um texto do Pikionis, que tem o nome da exposição, desenhos de projetos e textos de outros arquitetos.

A obra de Pikionis incorpora Memória e História. Existe uma igreja no centro de Atenas edificada com pedras de várias épocas, um exemplo da tradição de reutilização de materiais. Quando havia uma conquista traziam-se materiais, *spolia*, como quando se conquistou Istambul trouxeram-se cavalos para Veneza, uma circulação de objetos. Também estava presente a ideia da reciclagem de materiais para novos usos, um processo que parecia fazer os materiais ganharem memória. Era possível reutilizar os

materiais porque eram resistentes. Com os materiais atuais seria mais difícil fazê-lo. Por isso, neste processo existe uma noção de sustentabilidade ambiental, na medida em que reutilizando as mesmas pedras, deixa de ser necessários cortar novas. O que poderá oferecer uma durabilidade maior, até pelo seu significado cultural.

ABR: Em *A Feeling of History*, Zumthor refere "I want to create buildings that speak about the time of their place and talk to people. So I have to do something to make memory speak. Art can do that: the art of building, just as much as writing, painting, or music." Concorda que é através da arte da construção que os edifícios comunicam o seu significado?

PP: Sim. Esta não é uma obra funcionalista, contudo, considero importante o sentido do uso do projeto. Não consigo desenhar sem um propósito, que também pode ser enriquecido. Riegl, um teórico austríaco do princípio do século XX, pensou sobre os monumentos e tem um termo que é o valor de uso. Quando ele o utiliza poderá estar relacionado com o que outros filósofos pensavam como o valor de troca ou utilitário, contrariamente, ao valor artístico ou histórico. Porém, associo as palavras valor e uso a um uso qualificado.

ABR: Ou seja, não é simplesmente lavar a roupa.

PP: Sim, isso mesmo.

ABR: De seguida, Zumthor acrescenta "memory is now, a kind of happening at this very moment" e ainda um pouco mais à frente afirma "landscapes and places store memories; they save traces of lives long gone."

PP: Aconselho a ler um texto chamado *História como Recordação Destruidora* escrito por George Teyssot, arquiteto e crítico francês de que sou amigo. A teoria de Theodor Reik, no início dos anos 20/30, refere que "a memória tem a função de proteger as impressões recebidas; a recordação, pelo contrário, prende-se com a sua desagregação; a memória é essencialmente conservadora, a recordação é destruidora". Também Damásio diz algo semelhante: que não temos memória das coisas em si, mas apenas dos trajetos das sinapses mentais que a constituem; quer isso dizer que quando recordamos estamos a refazer o caminho dessas sinapses, e assim 'reconstruir' uma imagem.

ABR: Zumtor afirma “landscapes and places store memories; they save traces of lives long gone.”

PP: Sim, eles guardam marcas do passado. Essa afirmação vai ao encontro da nossa ideia no projeto do lavadouro de descobrir vestígios de outra época, o lado arqueológico. Em relação à questão das marcas, Walter Benjamin, filósofo alemão, referia que as cidades ficavam moldadas pelas vidas das pessoas que nelas habitavam. Tratava-se do efeito de muitos anos de vida no mesmo sítio que englobava as pessoas, os seus hábitos, o seu quotidiano. São marcas que se vão acumulando e construindo os lugares.

No início dos anos 80, na primeira conferência que assisti do arquiteto Siza também identifiquei este tema no seu discurso por descrever os projetos através de fragmentos que eram fundamentais para a obra. Sentia-se as marcas do terreno como elementos de construção da narrativa projetual, como por exemplo, uma árvore, um muro, uma escada, um tanque, uma rocha, uma clareira. Sendo uma ideia que se relaciona com a questão: um projeto que está no sítio, como Siza refere. Podemos imaginar o projeto da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto como uma relação entre a casa antiga e o jardim, depois, com o pavilhão Carlos Ramos que cria uma tensão e, ainda, as plataformas do terreno onde se constrói a faculdade. É um projeto que pode ser explicado como uma interpretação destes traços, dessas marcas. Ao interpretar seleciona-se, e ao selecionar-se está já a construir-se o projeto de arquitetura. Desta forma, penso que estas marcas são interpretações atuais sobre um legado que inclui as pessoas que habitaram os locais anteriormente. No caso do equipamento que projetámos, há um lado imaginário porque não sabíamos se existiria alguma deposição arqueológica ou não.

ABR: Fora do mundo da arquitetura e das artes, o que o pode ter inspirado na criação do espaço dos lavadouros e dos balneários?

PP: Na altura, tinha vontade de tirar uma fotografia dos lavadouros com um cavalo. A luz, a água, os reflexos e um cavalo. Assisti a vários filmes de Tarkovsky, como *Andrei Rublev*, *Stalker*, *Sacrifício*, *Nostalgia*, *Solaris*, cujas imagens podem me ter inspirado. Nos seus filmes há sempre uma forte presença da memória. Somos muito influenciados pelas imagens do que vemos, pelo que lemos, pelo que pensamos.

ABR: Há pouco, como referiu, também tentou pensar estes espaços como espaços

mais ‘sacralizados’.

PP: Sim, era a ideia de ‘sacralizar’ o quotidiano.

ABR: Também pode estar relacionado, não?

PP: Sim, tinha a ver com isso.

ABR: De alguma forma a figura das lavadeiras o inspirou?

PP: Não. Pensei no diálogo das mulheres no espaço de lavar a roupa. Mas, pensei sobretudo nesse processo de qualificar a experiência do quotidiano.

ABR: A população esteve envolvida no desenvolvimento deste projeto, nomeadamente, as mulheres, principais utilizadoras deste equipamento?

PP: Não, foi um programa trabalhado em atelier.

No entanto, identifico a possibilidade de existirem outras referências neste projeto. Conhecia o lavadouro do arquiteto José Gigante e esquissos feitos pelo Siza de uns lavadouros no contexto do SAAL de São Vitor. Mas não existem referências diretas.
Em termos de participação, não existiu. Por sua vez, projetei uma capela para Figueiredo em Braga onde estabeleci uma relação muito direta com a população.

ABR: Que papel teve este equipamento na comunidade para o qual foi construído e na cidade onde se insere?

PP: É difícil avaliar o seu papel. Penso que no início foi bastante utilizado. As pessoas gostaram do equipamento e, particularmente, dos duches. Pouco tempo depois as pessoas queriam lavar nas máquinas. Então, foi ampliada a área de máquinas de lavar. Atualmente, mesmo a zona das máquinas não é utilizada. Já pensei na hipótese de transformar este espaço numa piscina, para nadar. As pessoas que viviam na Ribeira também se alteraram com o tempo. Quando o equipamento foi construído havia muitas habitações sem infraestruturas suficientes para banhos ou para lavagem de roupa e por isso, fazia sentido a sua existência. Agora, para além dos turistas, há paredes

meias um lar para idosos; a piscina seria um excelente equipamento para exercício físico desse lar; por exemplo, hidroginástica – para além de poder ter uma componente educativa, de ensino de natação aos mais novos. O equipamento poderia congregar idades diferentes.

ABR: O que lhe deu mais gozo neste projeto e, em contrapartida, qual a maior adversidade que enfrentou?

PP: Não existiu nenhuma grande adversidade. O momento de maior gozo foi quando o Presidente da Câmara solicitou a alteração do projeto e iniciámos o desenho da estrutura existente. A alteração do programa e do acesso permitiu alterar a estrutura espacial, sendo o momento em que ganhou forma; possivelmente, o momento mais feliz do projeto. Também me deu gozo a construção.

ABR: Atualmente, acha que o edifício que projetou está datado ou não, mantém-se atual?

PP: Penso ser intemporal pela secura dos materiais e da estrutura espacial. Todavia, acho que está inevitavelmente associado ao momento em que as pessoas não tinham máquina de lavar em casa, que dificilmente se repetirá. Não penso que, por isso, seja datado. Agora com a pandemia covid volta a ser atual a temática higienista do século XIX e inícios do século XX, uma temática abordada no livro que escrevi A Cabana do Higienista. As novas circunstâncias, completamente imprevistas, podem voltar a chamar a atenção para atos coletivos de higiene pública, como ocorre com os lavadouros coletivos.

ABR: Fará então sentido continuar a existir esta função?

PP: Penso ser muito difícil. No entanto, também nunca pensaria que a covid tivesse as consequências atuais, devido ao grau de sofisticação da medicina.

Passado poucos anos, quando os lavadouros e os balneários deixaram de ser utilizados, João Fernandes, crítico de arte e ex-diretor do Museu de Serralves, organizou para a vereadora da cultura do Porto da época, Manuela Melo, bienais de arte pública, tendo imaginado realizar eventos neste edifício. Paulo Cunha e Silva, também vereador da Cultura da Câmara do Porto, promoveu um programa chamado *Um Objeto e os*

seus Discursos, onde incluiu este equipamento. Neste evento falei sobre o projeto e um fadista da zona cantou; o espaço reverberou com a sua voz.

ABR: Foi o único acontecimento do género no lavadouro?

PP: Que tenha conhecimento, sim.

ABR: Se fosse possível fazer alterações ou adaptações no edifício o que faria? A piscina?

PP: A questão da piscina surge porque atividades como a hidroginástica, não precisam de muita água, nem de um espaço muito fundo. Pensei que as pessoas com alguma idade que moram nesta zona poderiam fazer exercício físico neste espaço, redesenhado para esta atividade. Os balneários e vestiários para servir apoio, já existem. Não é uma ideia séria, porque nunca a estudei a fundo. Porém, não me agrada o equipamento não ter uso. O melhor modo de conservar a arquitetura é ser utilizada. Acho preferível que se altere o sentido inicial para continuar a ser utilizado, do que manter o seu sentido inicial, não ter utilização, e apenas existir até ser demolido.

FACULDADE DE ARQUITECTURA
U.PORTO

Declaração de Consentimento Informado

Eu, Paulo Providência,

autorizo a inclusão e tratamento da entrevista, transcrição e vídeo, sobre o projeto do Lavadouro e Balneários de S. Nicolau no Porto, realizada a 18 de setembro de 2020 pela aluna Ana Beatriz Coelho Ruivo, na sua dissertação para conclusão do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura sob orientação da Professora Ana Alves Costa.

Assinatura do entrevistado:
(data e BI)

[illegible]
C/B I 9442395
11 de janeiro de 2023

Assinatura da aluna:
(data e BI)

Ana Beatriz Coelho Ruivo
BI: 13804175
7 de setembro de 2022

ENTREVISTA 03

com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez: Projeto do Lavadouro da Afurada, Vila Nova de Gaia

8 de outubro de 2020, Porto

Ana Beatriz Ruivo

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Entrevista 03
com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez:
Projeto do Lavadouro e Balneários da Afurada, Porto
8 de outubro de 2020, Porto
Ana Beatriz Ruivo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Professora Doutora Ana Alves Costa

ABR: Ana Beatriz Ruivo
AAC: Alexandre Alves Costa
SF: Sergio Fernandez
ABAC: Ana Brandão Alves Costa

ABR: Em primeiro lugar, gostaria de perguntar em que contexto foi desenvolvido o Plano de Pormenor da Afurada no qual se integra o projeto do lavadouro da Afurada?

AAC: O Plano da Afurada foi-nos entregue pelo Programa POLIS, tendo como principal função reordenar a freguesia, e, em particular, o que diz respeito ao espaço público.

Ao desenvolvê-lo foi necessário também verificar se do ponto de vista do usufruto público havia falta de outros elementos. Por exemplo, verificámos que o embarcadouro dos barcos para atravessar o Rio Douro precisava de ser corrigido. Também verificámos que era preciso uma igreja cá em baixo porque a população encontra-se dividida em duas religiões que se contestam, projeto que foi entregue ao arquiteto Siza. Era necessário recuperar o mercado, assim como fazer alguma reforma no porto de pesca. O porto era bastante desabrigado, sendo preciso criar uma situação mais abrigada para os barcos. No porto fluvial era necessário também fazer aprestos. Aprestos são construções que os pescadores têm. Cada traineira tem o seu apresto onde guardam as redes, o material, e onde os pescadores estão normalmente. Passam muito tempo nos aprestos a arranjar materiais, a coser as redes, etc. Havia muitos aprestos no lado poente do aglomerado, bastante longe do porto, suficientemente afastados, o que os torna incómodos. Eram todos feitos em autoconstrução. Por acaso, eram muito bonitos, pintados com cores muito berrantes e os nomes da traineira escritos pelos pescadores na fachada. A POLIS não aceitou que fossem preservados, tiveram que ser demolidos e foram construídos novos aprestos.

Como eramos autores do plano, raramente fomos autores de projetos. Em alguns casos indicávamos os autores ou noutros, por outras vias, ficávamos autores nós. Por exemplo, foi preciso conceber um museu da Afurada num conjunto de aprestos antigos que nós queríamos classificar. O nosso papel era só classificar. Mas como esses aprestos pertenciam à APDL, a APDL acabou por nos contratar.

SF: A APDL é a Administração…

AAC: A Administração dos Portos do Douro, Leixões que tem uma gestão de toda a marginal. Portanto, foi a APDL que nos encarregou de fazer esses edifícios. Por exemplo, os aprestos que existem foram projetados por outro arquiteto. A capela que nós propusemos fazer foi entregue ao Siza, tal como outros equipamentos por nós propostos foram entregues a outros arquitetos.

Em determinado momento, com o desenho que fizemos para o plano geral verificámos que havia um ribeirinho que passava ali, que estava um pouco poluído. Na Afurada

existiam dois lavadouros, um na Afurada de baixo e outro na Afurada de cima que ainda existe e funciona. Este lavadouro de baixo funcionava muito mal porque estava em péssimas condições de conservação. O lavadouro é da maior importância para a população da Afurada porque é o lugar de encontro das mulheres. É o lugar das mulheres por excelência. Então, nós propusemos alterar a localização do lavadouro, depois de reprogramada e resenhada a zona portuária. Propusemos fazer um lavadouro novo na eventualidade de aproveitar a proximidade com os novos aprestos, o aldeamento e a água do ribeiro que, entretanto, achávamos que ia ficar pura.

Pode dizer-se que aqui há dois mundos que não se tocam praticamente. O mundo do homens que são os aprestos e as traineiras. Os homens o resto do tempo não estão num sítio, nem noutro, estão a dormir. E, o das mulheres. Os homens têm também a taberna. Portanto, há três sítios masculinos onde, praticamente, as mulheres não põem os pés. E, também, não se veem homens nos lavadouros, são rapidamente escorraçados. Portanto, nós propusemos fazer um lavadouro novo que a POLIS achou que fazia parte muito direta do equipamento que era necessário à zona, encarregando-nos de fazer o projeto.

ABR: Quais foram as principais preocupações ao intervir neste território?

AAC: Neste território? As nossas preocupações neste ou noutro qualquer são…

SF: Era isso que eu ia dizer, são semelhantes a qualquer território.

AAC: São semelhantes a qualquer território. Não há territórios, praticamente, que não estejam humanizados. E, portanto, para nós tanto faz que tenham casas como tenham couves. É praticamente a mesma coisa. A nossa intenção era abordar as questões do ponto de vista programático. A posição na POLIS é o tratamento do espaço público, o equipamento necessário para esse espaço público e, eventualmente, o redesenho do espaço público. A nossa preocupação foi que esse redesenho do espaço público e esse reequipamento ou reconstrução total de um equipamento estivesse de acordo com a forma de viver das pessoas na Afurada. É muitíssimo importante percebermos que a Afurada não é um sítio como outro qualquer.

Do ponto de vista da teoria geral qualquer sítio precisa de ser estudado para que a intervenção tenha que ver com a preservação dos valores que interessam preservar e a eliminação dos valores que interessam eliminar. Uma das coisas que nós verificámos com a nossa vivência, passámos a ir para lá quase todos os dias, é que a rua é

fundamental para aquelas pessoas. Aquelas pessoas não vivem só dentro de casa. As casas são muito pequenas e as horas de lazer, de convívio ou de trabalho manual são feitas na rua.

SF: Até as refeições, muitas vezes.

AAC: Até muitas vezes as refeições no verão são feitas na rua com móveis próprios. E isso, para nós, foi um tema absolutamente central. Isto é o que dá um sentido muito forte de comunidade àquelas pessoas. Portanto, digamos que a construção destes equipamentos: lavadouro para as mulheres, apresto para os homens, igreja para todos, mercado para todos também, eram absolutamente centrais para isso. Também era fundamental a preservação de uma certa memória, que na Afurada é muito importante sobretudo, da pesca do bacalhau porque eles iam quase todos à pesca do bacalhau.

SF: Foram.

AAC: A memória da pesca do bacalhau é uma coisa que ainda está muito viva nas pessoas. Muitos deles, ainda foram à pesca do bacalhau. Na altura, era uma coisa fortíssima que marcou toda a gente porque os homens iam sempre e estavam fora quase seis meses.

SF: E era muito violento e perigoso.

AAC: Eram situações violentas e perigosas. Além do mais, depois veio a pressão do Estado português, quem fosse para a pesca do bacalhau ficava livre da tropa. Quando começou a guerra colonial foi uma saída para as pessoas que não queriam ir para a guerra. Apesar de tudo, preferiam o bacalhau a ir matar pessoas para a selva. Portanto, houve muita gente que teve essa experiência. E, muita gente conta coisas da pesca do bacalhau: o barco de prisão, o tratamento, a forma como eles trabalhavam. E, para além disso, havia objetos que eram preciso também preservar de alguma maneira. Portanto, a ideia de um museu do sítio apareceu quase no início e, também, acabámos por ser nós a fazer o projeto. A intenção era de alguma maneira reforçar as qualidades que nós encontrámos no sítio.

SF: A identidade. A identificação das pessoas com o sítio onde viviam. Nós queríamos evidentemente modificar, melhorar, mas manter o carácter identitário que aquele espaço tem para aquela gente toda.

AAC: É uma comunidade muito coesa. Aliás, basta ver o S. Pedro. Para mim é de terror

porque vivo mesmo em frente e é uma barulheira insuportável. Mas, a verdade é que o S. Pedro é uma coisa absolutamente fundamental no sentido de reforçar este sentido de comunidade que as pessoas têm. Evidentemente que não tenho a certeza se as coisas que neste momento estão pensadas para lá, ou se vão fazer lá, vão no mesmo sentido. Por exemplo, o novo porto de barcos de recreio é uma estrutura que para a população interessa muito pouco. A não ser a possibilidade de algum desenvolvimento de restauração, que não interessa porque as pessoas que vão comer à Afurada vão aos restaurantes tradicionais comer peixe grelhado. É natural que um crescimento da envolvente da Afurada venha a prejudicar de alguma maneira este sentido de comunidade que nós quisemos tentar manter até isso se verificar. O lavadouro aparece um bocadinho como um símbolo disto.

ABR: Relativamente ao lavadouro, como surgiu a oportunidade de realizar este projeto?

SF: Na requalificação do espaço público um dos problemas que tínhamos era o lavadouro existente. Era uma coisa em betão, muito degradada, meia a cair. Mas o pior é que estava situado à ilharga de uma rua na marginal que já tinha importância e passou a ter mais com a reformulação deste espaço público. E, portanto, os automóveis passavam resvés às senhoras que estavam lá a lavar, estavam muito expostas. Além do mais, estava completamente aberto a norte e em perigo de cair.

O ribeiro passava numa zona verde que propusemos manter porque não era um terreno privado e propusemos também despoluir o ribeiro. Pensou-se, na altura, que o lavadouro novo deveria ficar perto do sítio em que estava o lavadouro antigo. Este estava em frente ao sítio em que está agora o novo. Porque, por um lado, era um sítio onde tradicionalmente as pessoas se juntavam. E, porque, por outro, auferia de condições muitíssimo melhores para fazer o secadouro, ficando muito ligado aos novos aprestos e ao novo centro cívico, se assim se lhe posso chamar, que era um novo mercado que não é o que lá está.

AAC: Que era este. Seria este.

SF: Que não é o que lá está. Quer dizer, o mercado que nós propusemos é naquela pracinha que está muito desvirtuada. Não tem nada a ver com o que nós propusemos. Mas enfim, era naquele sítio. Portanto, congregar aí tudo. E, como o Alexandre disse, o lavadouro era, eu suponho que tenderá a ser cada vez menos, um centro vital especialmente ligado às mulheres. Eu suponho que com máquinas de lavar a tendência é para isto desaparecer.

AAC: Muitas lavam para fora.

SF: Pois, é que as mulheres não só lavavam a roupa delas. Lavavam fundamentalmente roupa por encomenda, roupa, tapetes, cobertores, etc. Isso era uma fonte de provento importante. E, digamos, era uma espécie de centro de convívio permanente. O noticiário da Afurada processava-se no lavadouro.

AAC: O centro da má língua.

SF: Da má língua, tudo isso que é fundamental. Eu não sei se no momento ainda há a mesma mentalidade. Eu não creio que tenha e se tiver tende a desaparecer. Na conceção do lavadouro esses fatores foram importantes. Quer dizer, a ideia de congregar, as mulheres sentirem-se todas juntas. Por um lado, que não houvesse despesas adicionais porque a água vinha do rio e da chuva. De facto, não vem do rio porque nunca se fez tal ligação, nem se fez a purificação do rio. E, por outro lado, prever, e eu acho que é inevitável, que mais dia, menos dia, ele deixe de ter utilidade enquanto objeto funcional. Mas, pode ter utilidade enquanto local de referência, de centro. Essa coisa de juntar a água, de passar a água etc. e de fazer uma espécie de pracinha interna onde as pessoas se possam juntar e conviver.

AAC: As água pluviais são recolhidas no centro. Tem mais um caracter…

SF: Conheces? Ele está vagamente alterado.

AAC: Queríamos que aquilo fosse um bocado entre o útil e o monumento. De certa maneira, é mais um monumento que a gente pensa que vai ser.

SF: Mais dia, menos dia, vai ficar apenas um monumento.

AAC: Mas, apesar de tudo, as mulheres interessaram-se imenso pela construção.

SF: O lavadouro preexistente era uma cobertura completamente aberta para a estrada. Como eu digo, as senhoras estavam debruçadas sobre os tanques e com o rabo, salvo seja, a roçar nos automóveis. Este [o novo lavadouro] começou por ser completamente aberto. Depois pediram-nos, e nós estivemos de acordo, em que se fechassem alguns destes vãos com vidro porque o facto de localizar entradas de ar acabou por fazer algumas correntes de ar. Mas, que as pessoas sentiam como mais fortes não era verdade. Elas estavam muito mais frias no outro. Foi essa alteração que se fez. De qualquer modo, aquilo é uma espécie de monumento de facto. É uma fonte bonita, em que pode

não se lavar lá nada, mas continua a ser um espaço bonito e de referência, central.

AAC: Eu devo dizer que é natural que isso venha a acontecer, mas na altura da construção do lavadouro as senhoras interessavam-se imenso.

SF: Imenso, aliás ainda hoje.

AAC: Havia as altas e as baixas. As altas achavam que o sítio de esfregar a roupa estava muito baixo. Vieram as baixinhas achavam que estava muito alto, enfim.

SF: Houve imensas discussões em que nós participámos também.

AAC: Houve imensas discussões. Eu de vez em quando passo lá. Da última vez em que passei lá disse assim: vocês sabem que eu sou um dos que sou responsável pela construção. Vocês estão contentes ou apetece afogar-me?. E disseram: Ai, estamos super contentes, estamos super contentes." Agora, não sei se…

SF: Se foi por simpatia. Foi por simpatia.

AAC: Se foi esta senhora que estava simpática ou se, por acaso, isso corresponde à verdade.

SF: Aliás há fotografias disso. No dia da inauguração foi lá o Presidente da Câmara e foi assim uma coisa…

AAC: O Presidente da Câmara e mais uma data de individualidades. Nem sei porque vieram tantas.

SF: Sim, n individualidades. Então, as senhoras prepararam-se todas para os receber no lavadouro. E, prepararam-se do seguinte modo, que é engraçado porque mostra realmente a alegria, a coragem e o atrevimento, levaram só peças interiores de mulher.

AAC: Só cuecas e sutiãs.

SF: E, então, quando entraram desataram numa coisa assim…

AAC: Não, depois atiraram água para cima das autoridades.

SF: Uma coisa… deu-lhes um ataque de euforia e molharam as individualidades todas,

chapinharam-nos todos completamente. E tudo com sutiãs e calcinhas. Tudo por ali fora.

AAC: Que elas puseram a exibir para mostrar ao Presidente da Câmara.

SF: Teve imensa graça. Por outro lado, mostrou a satisfação com que encaravam isso na altura.

AAC: Nós é que ficámos contentes.

SF: Nós ficámos satisfeitíssimos, claro.

ABR: De alguma forma o lavadouro antigo influenciou o desenho do novo lavadouro?

SF: Não, só em questões funcionais. A questão da água circular. Os tanques têm uma intercomunicação, etc. que se reverteu aqui. Mas, são coisas meramente funcionais.

AAC: Por exemplo, era preciso ter sítios para pôr estes baldes com a roupa suja. Era preciso que os pios não fossem todos do mesmo tamanho porque elas tanto lavam roupa interior como lavam cobertores e lençóis. Portanto, elas escolhem. Por isso, é que temos, aqui, duas dimensões. Uma dimensão maior que são estes que estão aqui no canto e estes quadrados mais pequenos. Elas escolhem conforme a roupa que têm. Foi necessário também prateleiras para poder colocar as coisas. No lavadouro antigo elas punham estes baldes com a roupa suja e as pessoas já não passavam. Portanto, foi interessante e útil fazer estes armários onde elas pousavam isto tudo. E a circulação manteve-se. Portanto, aprendemos o que era lavar.

ABR: De que forma foram definidos o local e o modo de implantação deste novo edifício?

SF: O local fomos nós que decidimos. Embora, isto foi muito dialogado com a população, não só o lavadouro como tudo o resto. Tínhamos umas reuniões com toda a gente. Portanto, fomos nós que propusemos essa localização porque realmente auferíamos a tal água vinha de cima, estava perto disto, perto daquilo, perto daqueloutro. E, foi aceitei. Digamos, nós propusemos, mas não decidimos sem termos o acordo das pessoas.

AAC: Havia outra coisa importante que é: elas estendem a roupa nuns estendais espe-

ciais que têm uns paus ao alto. Nós podíamos ter posto uns estendais pré-fabricados que dessem jeito, mas elas faziam questão em que se mantivesse este sistema dos três paus e as cordas. Por isso, nós pensávamos num pavimento que fosse…

SF: Que não é o que está lá.

AAC: Que não é o que está lá. Que fosse um pavimento onde estes paus tivessem um maior…

SF: Como se fazia, espetavam.

AAC: Que pudessem ser espetados. Portanto, tinha que ser um pavimento permeável e não o cimento que lá puseram depois. Por acaso sei quem foi, mas não interessa. Não fomos nós que propusemos esse pavimento. Nós queríamos que isto fosse rodeado, do lado onde ia haver roupa a secar, de sítios onde elas pudessem…

SF: O mesmo sistema.

AAC: Exatamente o que lá existe. Achámos muita piada porque nós pensávamos que elas preferiam ter uns estendais modernos.

SF: Não queriam.

AAC: Disseram que nem pensar. Não queriam de maneira nenhuma, [diziam]: estamos muito bem como estamos. E, até durante a obra elas continuaram sempre a pôr a roupa a secar. Pronto, e esta fotografia é quase um…

SF: É um documento.

AAC: Um documento. É um pouco a fotografia de síntese da relação disto com o resto. Esta mostra um pouco o espaço interior que é muito geometrializado, planta central. A abertura central recebe a água da chuva, a intercomunicação. Portanto, as entradas também fazem a cruz com a planta central. O sistema aproxima-se da composição de um monumento.

SF: É. Confere a este espaço um carácter de monumento.

AAC: É quase sagrado.

ABR: Que relação pretenderam criar entre o lavadouro, o sítio e a comunidade? Já foi um pouco explicada…

SF: Já. Foi isso, quer dizer, o lavadouro é uma resposta direta a uma necessidade do quotidiano. E, mais do que uma necessidade funcional, de ter que lavar roupa, é de fomentar a sociabilização daquelas senhoras.

AAC: É uma centralidade este novo lavadouro. E, é engraçado que era de tal maneira sentida a falta de um lavadouro que quando este lavadouro foi construído ainda não tínhamos entregado o Plano. Só entregámos muito depois. Portanto, isto foi uma obra que foi feita antes do próprio Plano, mas já com um anteplano entregue. Mas não com as peças todas. Não fomos contratados a posteriori. Fez parte do processo. Portanto, isso foi muito bom. Foi muito positivo ter feito parte do processo porque estávamos muito integrados e muito envolvidos na zona. Portanto, fazer isto deu-nos sempre muito prazer.

ABR: No local do lavadouro existia alguma preexistência?

SF: Não, existia só essa zona extensa de terra batida.

AAC: Exato.

SF: Onde se fazia o secadouro.

AAC: Que eu creio que é um aterro. Não tenho a certeza. Agora já não lembro, mas…

SF: Isso é tudo um aterro. Isso é tudo um aterro, mas não é de agora.

AAC: Não, isto é tudo um aterro. Agora transformaram isto em parque de estacionamento. Mas o lavadouro está aqui. Estás a ver aqui à volta do lavadouro tem um tratamento especial quer dizer que isto era…

SF: Não era pavimentado.

AAC: Não era pavimentado.

SF: Não era impermeabilizado.

AAC: Nós indicámos também no plano a implantação da capela, eu já não me lembro onde era, e um jardim infantil que estava ali. Eles alteraram isto tudo. A capela foi entregue ao Siza e é bonito vocês verem esse projeto. Não vai ser feito ao que parece.

ABR: Em relação à planta centralizada dizia que também tem uma relação com o sagrado. Porque é que optaram por essa planta?

SF: Fundamentalmente por razões de imagem simbólica. Quer dizer, se fizéssemos ali um corredor, ou não sei quê, provavelmente, não daria essa noção de gente à volta de. E, depois, também a facilidade de transformar isso numa coisa que não fosse funcional porque eu não acredito que daqui a 20 anos…

AAC: Ele tinha que ser um objeto. Tinha de ter uma certa objetualidade. Isto é, tinha que ser solto. Não devia estar dependente da localização. Embora a localização tenha sido feita de acordo com o que depois fosse feito em cada caso. Podiam-se construir trinta lavadouros destes e arranjar uma localização própria para cada um. Mas, o facto de ter planta central e de ter este caracter igual em toda a volta confere-lhe um carácter de centralidade. Era o que nós queríamos que mantivesse e, fundamentalmente, fosse um monumento às mulheres da Afurada.

ABR: Eu disse sagrado, não era tão o sagrado. Era o simbólico, não é?

SF: É, muito.

ABR: Que importância assumem os elementos luz e água no espaço interior?

SF: Aqui são fundamentais porque há o barulho da água constante que é fundamental e há o reflexo da água na cobertura que é invertida para recolher a água das chuvas. É clara, é branca e reflete a água e os seus movimentos quando lavam ou mesmo quando não lavam, até com o próprio vento. A nós pareceu-nos que era um trunfo arquitetónico aproveitar esses elementos. Reflete a luz, pela grande abertura que tem no centro entra a luz por ali fora, a luz e a chuva. E reflete, a água reflete aquela luz toda, mas reflete-a sempre cintilante. Não é uma coisa constante e isso funciona bem.

ABR: Com que princípio foi pensado o sistema estrutural/construtivo deste espaço?

AAC: Tinha que ser barato.

SF: Sim. Pronto, tinha que ser uma coisa relativamente simples.

AAC: Nós não queríamos fazer barato. Queríamos fazer caro. Queríamos fazer isto em pedra…

SF: E fez-se.

AAC: Em dimensões normais e não revestimento. E, portanto, a nossa tentativa foi dar uma certa nobreza ao espaço.

SF: Sim, mas a estrutura é uma estrutura relativamente simples porque isto é tudo simétrico e tem vãos relativamente pequenos. Portanto, é uma estrutura de betão normalíssima, não tem nada de especial.

AAC: Depois os tanques são em granito.

SF: Os tanques são em granito e depois estes vãos entre pilares são fechados com paredes de tijolo e azulejo.

AAC: E caixilharia de betão e de ferro.

ABR: Ao longo da realização do projeto que condicionantes lhes foram impostas?

SF: Eu diria que nenhumas. A não ser que fosse muito caro. Não me lembro de nos imporem…

AAC: Não, as mulheres sempre que estavam connosco diziam coisas.

SF: Não, as condicionantes. Sim, isso sim.

AAC: [Diziam:] Veja lá se não sei quê. Veja lá se não sei quê.

SF: Sim, se a água fica...

AAC: Mas, elas também já gozavam connosco.

SF: Isso sim. Condicionantes desse género sim, opiniões. [Diziam:] veja lá se não é muito alto. Veja lá se me cai o sabonete e depois não encontro.

AAC: [Diziam:] a minha cunhada tem 1,4 metro. Como é que ela vai chegar?

SF: Mas, coisas desse género. Agora, condicionantes, por exemplo, relativamente à POLIS ou à Câmara ou à APDL não tivemos. Foi aprovado sem problemas nenhuns.

AAC: Não, foi totalmente livre.

ABAC: Não se queixavam do frio?

SF: Depois queixaram-se.

AAC: Não, por isso é que nós fechámos.

SF: Por isso é que se fechou. Não era para ser fechado. Nós achávamos muito mais bonito, e era, não ser fechado porque era aquela estrutura sozinha.

AAC: Mas, eu acho que fica bem também.

SF: Fica, mas…

AAC: Elas não se queixam agora do frio. É uma coisa que eu pergunto sempre. Quer dizer quando está muito vento…

SF: Até porque não tinha lógica nenhuma. O frio que elas sofriam no outro lavadouro era dez vezes maior. Mas quando mudaram acharam que este era mais frio. Mas, não era verdade.

AAC: No outro dia, uma senhora que lá estava disse-me: olhe, o que é que vocês foram fazer, era bem melhor o antigo.
Isto é para gozar comigo, só pode ser, porque o antigo estava completamente podre.

SF: Sim, estava mesmo a ameaçar cair.

AAC: Portanto, a gente é que já vai conhecendo a forma de humor daquelas pessoas. [Diziam:] o que estes gajos fizeram, era muito melhor o antigo.

ABR: De alguma forma tentaram aproximar-se ou obedecer a uma tipologia de lavadouros?

SF: Não, não.

AAC: Não fizemos nenhum estudo sobre lavadouros. Não é assim muito complicado também. Não é um programa assim muito difícil.

SF: Quer dizer a única coisa, o único dado que tínhamos era o lavadouro existente. E tinha uns tanques…

AAC: E saber como é que se lava a roupa.

SF: Pois, como é que se lavava. Os tanques intercomunicantes, não sei quê. Pronto, a água no sabão, a água sem sabão, etc.

AAC: Ah, pois, isso é importante. Passar pelo sabão, passar por água limpa.

SF: Isso foi fruto de observação noutros lavadouros.

AAC: E elas explicavam.

SF: Elas explicavam como é que era, como é que não era. Mas, de resto não fizemos prospeção nenhuma. Se calhar devíamos ter feito, sim. Era capaz de ter ficado melhor, mas não fizemos.

ABR: Também não utilizaram como referência nenhum projeto com um programa semelhante?

SF: Não.

ABR: De algum modo a experiência do *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* influenciou o projeto do lavadouro?

SF: Não me parece, não.

AAC: Nunca pensámos em tal coisa. Nós pensamos sempre na arquitetura popular

nunca como modelo para nada.

SF: Sim, mas há uma coisa que é subjacente que é o *Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal*, principalmente aos nossos antecessores arquitetos modernos, obrigou-nos a refletir mais sobre o conhecimento profundo das vivências das pessoas. E, aí, eu diria que, se calhar, o modo como nós agimos aqui na Afurada não sei se teria sido o mesmo se não tivéssemos trabalhado nos anos 40 e tal ou 50, se calhar não. Porque ninguém se preocupava em perguntar a este e àquele. Não diria ninguém, mas, enfim, acho que o Inquérito nos aproximou mais das pessoas.

AAC: Os problemas de escala, por exemplo, são muito importantes. E isso é uma aprendizagem que se pode fazer na arquitetura regional ou noutro sítio qualquer.

SF: Como no Inquérito. Agora eu diria que não me lembrei do Inquérito, eu e o Alexandre não nos lembrámos do Inquérito uma única vez.

AAC: Mas lembrámo-nos por exemplo dos batistérios romanos. É uma referência muito mais direta do que qualquer elemento que a gente tenha visto na arquitetura regional. Os batistérios romanos como sabes são pias onde as pessoas estão à volta.

SF: Sim, têm solução semelhante, digamos.

AAC: Não é como agora, uma conchinha em cima da cabeça, era um mergulho mesmo. Os batistérios romanos têm o carácter simultaneamente de ser monumento e de ser funcional. E, têm também este caracter de centralidade que isto tem, uma cruz grega pura, exatamente como os batistérios são. Portanto, eu dira se há referência aqui alguma, a mais intuitiva, provavelmente, essa é. Depois, há, talvez, mais bom senso que outra coisa. Se é que isto tem algum senso. Não sou eu que tenho de dizer.

SF: Nós, nós achamos [que tem algum senso].

ABR: Que temas, no campo da arquitetura, consideram os mais importantes para explicar este projeto?

AAC: Eu, para mim já disse, é o batistério. O batistério é um tema fundamental.

SF: Sim.

AAC: Porque é a mesma coisa do ponto de vista funcional. É lavar o corpo, lavar a alma. É a mesma coisa. O batistério é fundamental.

SF: Eu não sei se alguma vez pensei nos batistérios para fazer isto. Não me lembro.

AAC: Pois nós não pensámos, sabemos.

SF: Pois, se calhar é isso.

AAC: Já os conhecemos e utilizamos sem saber.

SF: Sim, se calhar, é isso.

AAC: Eu acho que a referência dos balneários é fundamental. Eu tenho a certeza absoluta que essa referência existe em nós. Como existe em nós qualquer edifício de planta central, como São Frutuoso de Montélios, por aí fora, que são plantas centrais e que têm este caracter objetual, monumental, simétrico que lhe confere esta autonomia. São edifícios que depois podemos encontrar na arquitetura renascentista a mesma coisa, os tempietos, essas coisas desse tipo. São coisas que nós temos assumidas, interiorizadas, digamos, que não precisamos de estar sempre a falar deles, nem falamos porque é um bocadinho ridículo. Mas, de facto, temo-las interiorizadas. Por isso, é que é importante saber História da Arquitetura e estudar História da Arquitetura. É para termos esse saber interiorizado.

SF: E manusear quando for preciso.

AAC: E não ser apenas cultura geral. Ser apropriado como instrumento de projeto. Isso é que é importante, é que nos ajude a projetar.

ABR: Então, um dos temas poderia ser então a questão da planta centralizada?

SF: Sim, da planta central.

AAC: A questão da planta central é uma questão fundamental. Se isto fosse um retângulo estava orientado.

SF: Pois é.

AAC: E estava orientado para onde? Percebes? Portanto, o facto de ter a planta central permite grande flexibilidade e permite uma multiplicação de significados. Se ela fosse retangular, tivesse uma cabeceira e uma entrada como têm as igrejas, era difícil tirá-las dali e pô-las noutro sítio. Portanto, não têm este carácter objetual. Estão mais relacionadas com o sítio. Isto pode ter outro sítio qualquer. Podia ter sido construído noutro sítio. Não é especialmente o lavadouro da Afurada, não. É um lavadouro.

ABAC: A questão simbólica não pode ser também um tema do projeto?

AAC: É. Foi sempre um tema de projeto.

SF: Foi, foi. Isso foi sempre um tema. Essa foi sempre consciente.

AAC: Desde o princípio. Portanto, isso arrasta tudo. A questão do monumento, a homenagem às mulheres, e por aí fora. Depois a nossa própria intuição põe cá fora as referências.

SF: Não foi fazer, por exemplo, um grupo de sanitários. Foi fazer uma coisa onde as mulheres se encontram, onde as mulheres convivem, onde as mulheres são gente, mesmo.

AAC: Eu acho importante chamar à atenção que as referências eruditas a maior parte das vezes são automáticas.

SF: Sim, estão…

ABR: Na época em que projetaram o lavadouro que referências de arquitetos, ideias e projetos?

AAC: É tudo o que nós dissemos até agora, mas há um arquiteto que é importante no meio disto, que eu acho que é uma coisa que a gente tem interiorizada e que nunca estamos a pensar, que é o Louis Khan.

ABR: Pois era aí que eu queria…

SF: Era aí que tu querias chegar.

AAC: Ai é? Querias chegar aí? Pronto, há uma certa inteligência da tua parte. Mas não quer dizer que a gente tenha falado nele alguma vez. Falávamos nele algumas vezes porque eramos amigos do Raul Hestnes que estava sempre a falar do Louis Khan. Mas fora isso não era uma coisa direta. Já tivemos obras mais próximas do Louis Khan que esta. Embora, provavelmente as referências clássicas sejam idênticas.

SF: Sim.

ABAC: Por exemplo, não há uma relação entre esta planta e a planta das escolas pré--primárias de Moledo do Minho?

SF: Pois há, essa é que é mesmo diretamente.

AAC: Essa é a que eu disse que tinha uma referência mais diretamente ligada ao Louis Khan. As escolas pré-primárias de Moledo do Minho.

SF: Estão aí, estão aqui.

AAC: Estão, estão aqui. Que estão muito adulteradas. São também três quadrados. É claro que não têm o mesmo carácter porque estão relacionadas entre si e têm funções diferentes.

ABAC: Mas, tem muito a ver.
AAC: Tem a ver.

ABAC: Noutro contexto, com outro material

SF: Com outra função, etc., mas tem.

AAC: Portanto se há uma referência é na nossa própria obra. O que já não é mau.

ABR: Fora do mundo da arquitetura e das artes, o que o pode ter inspirado na criação destes espaços?

SF: Não sei.

ABAC: A Amália?

AAC: No meu caso a Amália, claro. A Sophia de Mello Breyner…

ABAC: *Povo que lavas no rio*.

AAC: As mulheres da minha vida: a Amália Rodrigues, a Sofia de Mello Breyner, a Maria de Sousa, a Maria de Lurdes Pintassilgo, são as mulheres da minha vida. Mas, em termos de referências não tiveram nada a ver com isto.

SF: Não.

AAC: São referências da nossa cultura. [Não pensei:] agora deixa-me pensar na Sophia para ver se tenho uma ideia para resolver este lavadouro.

SF: Não.

AAC: Essas referências são sempre indiretas.

SF: Estão, estão pois. Ou estão…

AAC: De natureza mais intuitiva. É muito bom tê-las porque quanto mais referências tu tiveres, mais rico é o teu trabalho, mas referências sem tu dares por ela. Depois, quando te aparece uma pessoa curiosa como tu, a gente tem que puxar pela cabeça e tem que inventar umas referências eruditas. E, se calhar, até tomar consciência pela primeira vez de algumas coisas. Depois, ter que as explicar. É por isso que explicar projetos é uma coisa muito boa, é ótimo, que não é só descrevê-los, explicar o conceito, etc. É muito importante para nós explicar um projeto porque ficamos a saber coisas que são inventadas naquele momento.

ABR: O que deu mais gozo neste projeto e, em contrapartida, qual a maior adversidade que enfrentaram?

AAC: Adversidade? Por acaso, foi um projeto feliz, acho eu.

SF: Foi, não temos assim nenhum…

AAC: Correu tudo bem.

SF: Correu.

AAC: Quer dizer, a população não nos apedrejou. As pessoas da Afurada estavam contentes. Não tivemos grandes oposições em termos de forma, nem de preço. Foi um projeto pacífico que é uma coisa que quase que já não existe.

SF: Deu-nos gozo. Gozo que nós sentimos naquelas senhoras, designadamente nesse dia da inauguração e não só.

AAC: Foi um prazer muito grande.

SF: Deu-nos prazer sentir que as pessoas se identificavam com aquilo e que acharam que aquilo realmente era uma resposta positiva à necessidade que elas tinham.

AAC: Eu acho engraçado porque o prazer em fazer projetos não tem que ver com a dimensão, nem com essas coisas.

SF: Não tem nada a ver com isso.

AAC: Eu acho que tivemos o mesmo prazer que teve o mesmo tipo que fez a Catedral de Chartres e é um lavadouro apenas. Há outros edifícios bem maiores ou mais pequenos em que é menos interessante a nossa relação. Com isto tivemos uma relação muito afetiva. Isso é outra questão, também, que é a afetividade que também tem que ver com a cultura, erudita até, creio que a nossa sensibilidade.

ABR: Houve um grande envolvimento da população também durante a construção deste projeto, nomeadamente das mulheres?

AAC: Ah sim, houve.

SF: Houve, houve.

AAC: Andavam sempre a passear lá no meio da obra.

SF: Não foi uma questão de massas, mas foi uma questão das senhoras com quem contactámos para saber, não foi a população inteira. Mas as mulheres realmente estiveram lá, as mulheres que utilizavam o lavadouro.

AAC: Com os homens eram mais simples porque à noite nas tabernas eles iam lá sempre. E, por isso, era muito fácil ter uma conversa com os homens em conjunto. Com

as mulheres em conjunto fomos tendo só enquanto havia o lavadouro antigo. Depois, elas iam lá passear. Mas foram sempre simpatiquíssimas connosco. Foi um projeto que correu muito bem.

ABR: Que papel teve este equipamento na comunidade em que foi construído e na cidade onde se insere?

AAC: Na cidade do Porto não tem nenhuma importância.

SF: Não, acho que não.

AAC: Vive-se perfeitamente sem.

ABAC: Aquilo não é Porto, é Gaia. É Vila Nova de Gaia

SF: Mesmo Gaia vive perfeitamente sem o lavadouro, até porque como eu digo é uma atividade que eu acho que nem sei se já é completamente marginal. Se não é vai ser.

AAC: Mas, isso não é.

SF: Vai ser porque até no outro dia estivemos lá e estava gente a lavar roupa. Mas…

AAC: Está sempre.

SF: Mas, tende a desaparecer, a perder a importância.

AAC: Há pessoas que não lavam a roupa em máquinas de lavar e há roupa difícil de lavar nas máquinas de lavar, tapetes grandes e cobertores.

ABAC: Sim.

SF: E é uma fonte de receita para muitas pessoas.

AAC: Elas fazem o trabalho para fora.

ABR: Atualmente, acham que o edifício que projetaram está datado ou não, mantém-se atual?

AAC: Ah, nós queremos que seja eterno.

SF: Nem mais, nem menos, eterno.

AAC: Não queremos fazer um edifício datado. Tão eterno como um batistério romano.

SF: Eterno, é uma ambição.

AAC: A nossa ambição foi essa.

SF: Não é pouco.

AAC: Quando se faz um monumento não é para ele ser derrubado num ano seguinte.

ABR: Mas quanto à função, diriam que é uma função que…

SF: Supomos. A lógica é essa. A organização da vida quotidiana e até da capacidade económica das pessoas… Há 20 ou 30 anos uma mulher de um pescador não poderia ter, de certeza absoluta, uma máquina de lavar em casa até porque não tinha dinheiro para isso.

AAC: E, claro, podemos ser acusados de machismo por estarmos a valorizar a diferença que existe entre a cultura feminina e a cultura masculina na Afurada. Mas é uma coisa tão evidente e que faz parte das pessoas. E, as pessoas não me parecem que estejam muito infelizes com isso. Por vezes, às vezes, se calhar, a situação de machismo e do feminismo não têm grande sentido. Eu não sei se aqui tem. Por exemplo, quando os homens estão a arranjar as traineiras para sair à noite as mulheres vêm separadamente para cada traineira trazer-lhes a refeição. É a única vez, que nós sabemos por inquéritos feitos com copos nos bares da Afurada, que as mulheres se aproximam das traineiras. E, nunca vi um homem aproximar-se do lavadouro realmente. A não ser os trolhas.

SF: Mas eu acho que vai desaparecer, essa coisa. O lavadouro vai ficar ali como um espaço comunitário e pronto.

AAC: E esta separação entre homens e mulheres…

SF: Também desaparece.

AAC: É uma separação produtiva. Tem uma natureza funcional. De facto, as mulheres não vão à pesca. Enquanto as mulheres não forem para o alto mar e os homens não lavarem a roupa as coisas continuam iguais.

SF: Não sei.

AAC: Não, as mulheres têm que ser, têm que ir… porque é que as mulheres não vão para o alto mar?

SF: Têm mais que fazer, coitadas, em casa.

AAC: São as mulheres que têm que explicar isso.

SF: Porque têm mais que fazer em casa.

AAC: Já que defendem que somos todos iguais.
ABAC: Ficam a tomar conta dos filhos.

SF: Filhos e as comidas.

AAC: A tomar conta dos filhos, exatamente. Porque é que não ficam os homens a tomar conta dos filhos? Portanto, há tudo isto. Digamos, que o lavadouro de alguma maneira é o símbolo desta situação que a gente não gosta especialmente. Para nós não gostamos, achamos graça aos outros. Mas estamos de acordo do ponto de vista ideológico.

FACULDADE DE ARQUITECTURA
U.PORTO

Declaração de Consentimento Informado

Eu, ALEXANDRE VEIRA PINTO ALVES COSTA,

autorizo a inclusão e tratamento da entrevista, transcrição e vídeo, sobre o projeto do Lavadouro da Afurada, realizada a 8 de outubro de 2020 pela aluna Ana Beatriz Coelho Ruivo, na sua dissertação para conclusão do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura sob orientação da Professora Ana Alves Costa.

Assinatura do entrevistado:
(data e BI)

CC 08998715
de 17/11/2029

Assinatura da aluna:
(data e BI)

Ana Beatriz Coelho Ruivo
BI: 13804175
7 de setembro de 2022

FACULDADE DE ARQUITECTURA
U.PORTO

Declaração de Consentimento Informado

Eu, SERGIO LEOPOLDO FERNANDEZ SANTOS,

autorizo a inclusão e tratamento da entrevista, transcrição e vídeo, sobre o projeto do Lavadouro da Afurada, realizada a 8 de outubro de 2020 pela aluna Ana Beatriz Coelho Ruivo, na sua dissertação para conclusão do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura sob orientação da Professora Ana Alves Costa.

Assinatura do entrevistado:
(data e BI)

C.C. 10251186
15 de Setembro de 2022

Assinatura da aluna:
(data e BI)

Ana Beatriz Coelho Ruivo
BI: 13804175
7 de setembro de 2022

anexo

Lavadeiras no Rio Leça, Matosinhos (1901-1950)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/ALV/000167
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1206381

Lavadeiras no rio, Rio Tâmega (1955-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/010970
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1460567&type=PCD

Wrapped Coast, *One Million Square Feet* 1968-1969, Little Bay, Sydney, Australia (1969)
Instalação artística
1969 Christo and Jeanne-Claude Foundation and J. Paul Getty Trust, Shunk-Kender
https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-coast/

Torre dos Clérigos, Porto (1930)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, PT-CMP-AM/COL/PST/D.PST:1197
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/48890/?q=lavadeira

Inundações, Lisboa (1945)
Arquivo Municipal de Lisboa, Judah Benoliel, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/003566
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=214932&type=PCD

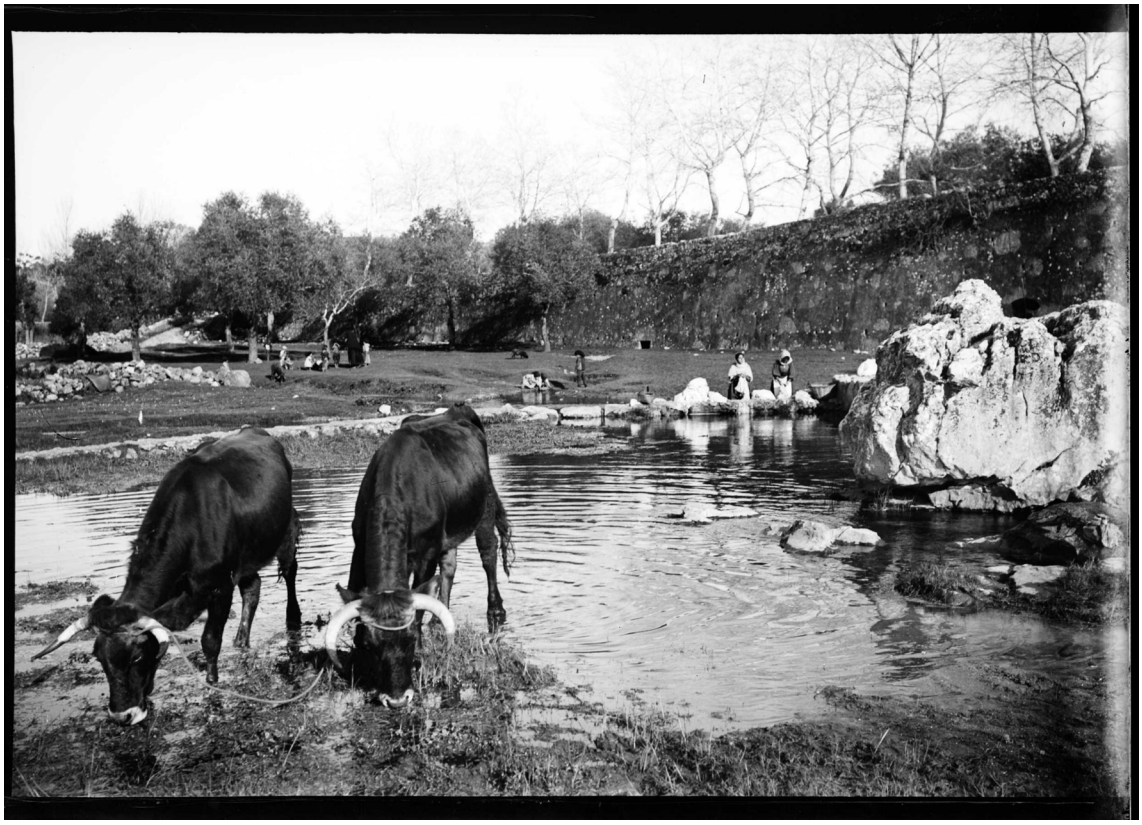
Lavadeiras, Rio Tâmega (1910-1949)
Arquivo Municipal de Lisboa, Alberto Carlos Lima, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/001133
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=218249&type=PCD

Lavadeiras no Rio Vouga, Angeja (século XX)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/AMB/0005/000840
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=40697

Lavadeiras e crianças tomando banho no Rio Vizela, Vizela (1908)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/APR/001-001/003836
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=64263

Lavadeiras e crianças à beira do rio, Coimbra (1910-1926)
Arquivo Municipal de Lisboa, Arthur Bensabat Benarus, PT/AMLSB/ABB/001023
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1584084&type=PCD

Costumes [do Baixo Vouga: Lavadeiras e Pescadores na beira-rio em Angeja], Aveiro (1900-1919)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/AMB/0002/000380
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=40237



Paisagem campestre com gado bovino e lavadeiras no rio, (1940-1975)
Centro Português de Fotografia, PT/CPF/AP/0008/000174
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1222045

Lavadeiras, Braga (1955-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/011557
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1462028&type=PCD

Pocariça - Igreja Matriz e Lavadeiras, Cantanhede (s.d.)
Espólio Fotográfico Português, #FDM02006
http://www.espoliofotograficoportugues.pt/Default.aspx?ID=10&ProductID=PROD2130006

As Lavadeiras de Caneças, Revista I Vaudeville *A Ramboia*, Guedes de Freitas, Luíz da Silva, Xavier de Magalhães, Sassetti & C.ª Editores, pp. 1-4, (1928)
Música
F. Guedes de Freitas
https://www.museudofado.pt/colecao/partitura/as-lavadeiras-de-canecas-revista-vaudeville-a-ramboia-guedes-de-freitas-luiz-da-silva-xavier-de-magalhaes-sassetti-ca-editores-sd

A caixa mágica e outros contos para crianças, (s.d.)
Ilustração
Laura Costa
Cortesia de Ana Alves Costa

Lavadeira, (1870-1893)
Pintura
Museu Grão Vasco, António Silva Porto, 2258
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=207887

As Lavadeiras. Tapada da Ajuda, (1879-1880)
Pintura
Casa-Museu Dr.Anastácio Gonçalves, António Silva Porto, CMAG 879
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=244196

Mulher e crianças lavam a roupa, (século XX)
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/000979
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=220743&type=PCD

Lavadeira no rio, (1910-1947)
Arquivo Municipal de Lisboa, Paulo Guedes, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/000363
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=226751&type=PCD

Lavadeiras, Braga (1955-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/011553
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1462027&type=PCD

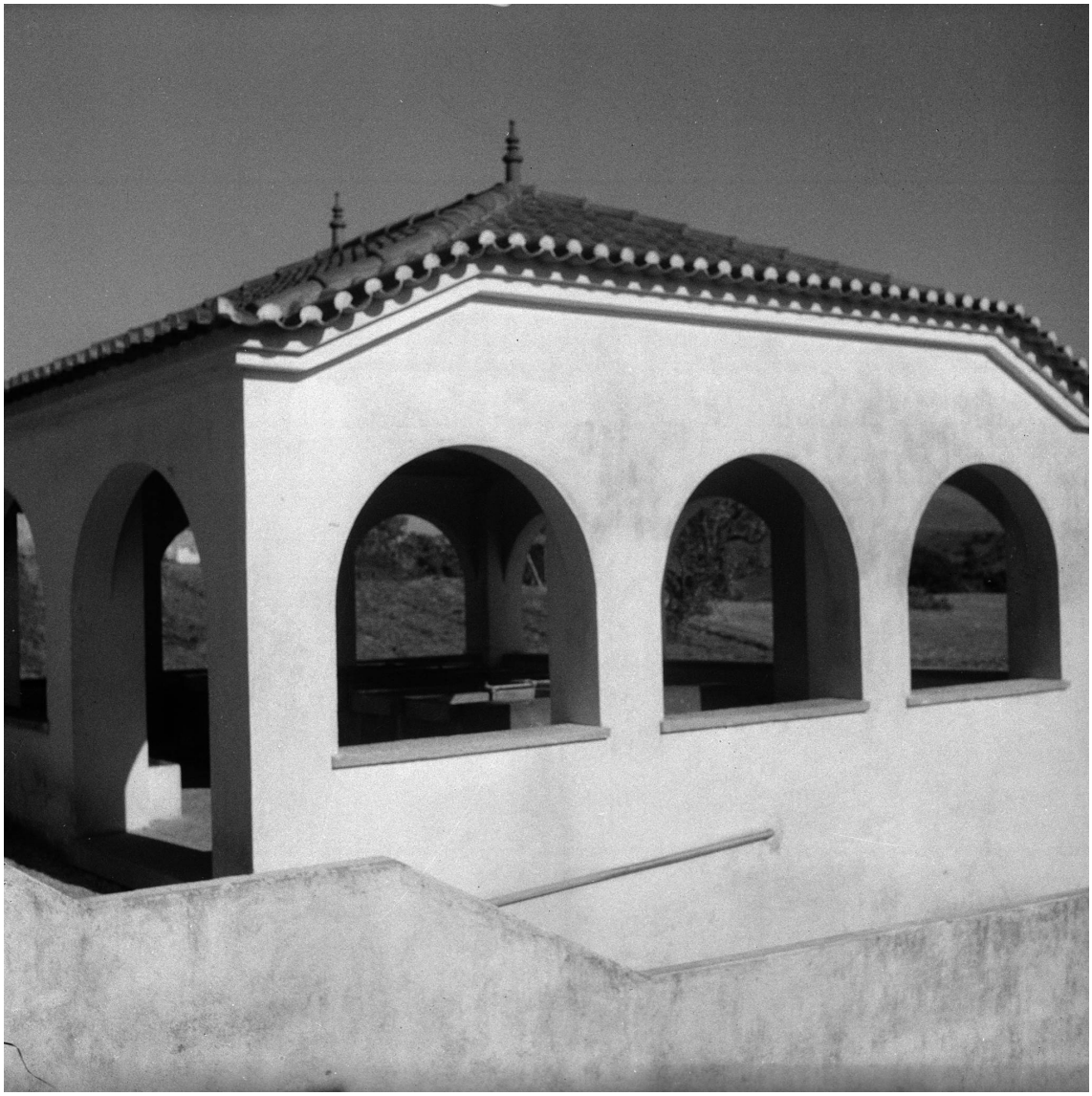
Lavadeiras, São Domingos de Rana, Cascais (1904)
Arquivo Municipal de Lisboa, Casa Fotográgica Garcia Nunes, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/000102
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1562151&type=PCD

Lavadeiras no chafariz, Ericeira, Mafra (1910-1947)
Arquivo Municipal de Lisboa, Paulo Guedes, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/000367
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=226752&type=PCD

Chafariz das Terras junto da conduta das Águas Livres, Cova da Moura, Lisboa (1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Inácio Bastos, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AIB/002622
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=277335&type=PCD

Grupo de lavadeiras, Lisboa (1900)
Arquivo Municipal de Lisboa, Alberto Carlos Lima, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/001553
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=209034&type=PCD

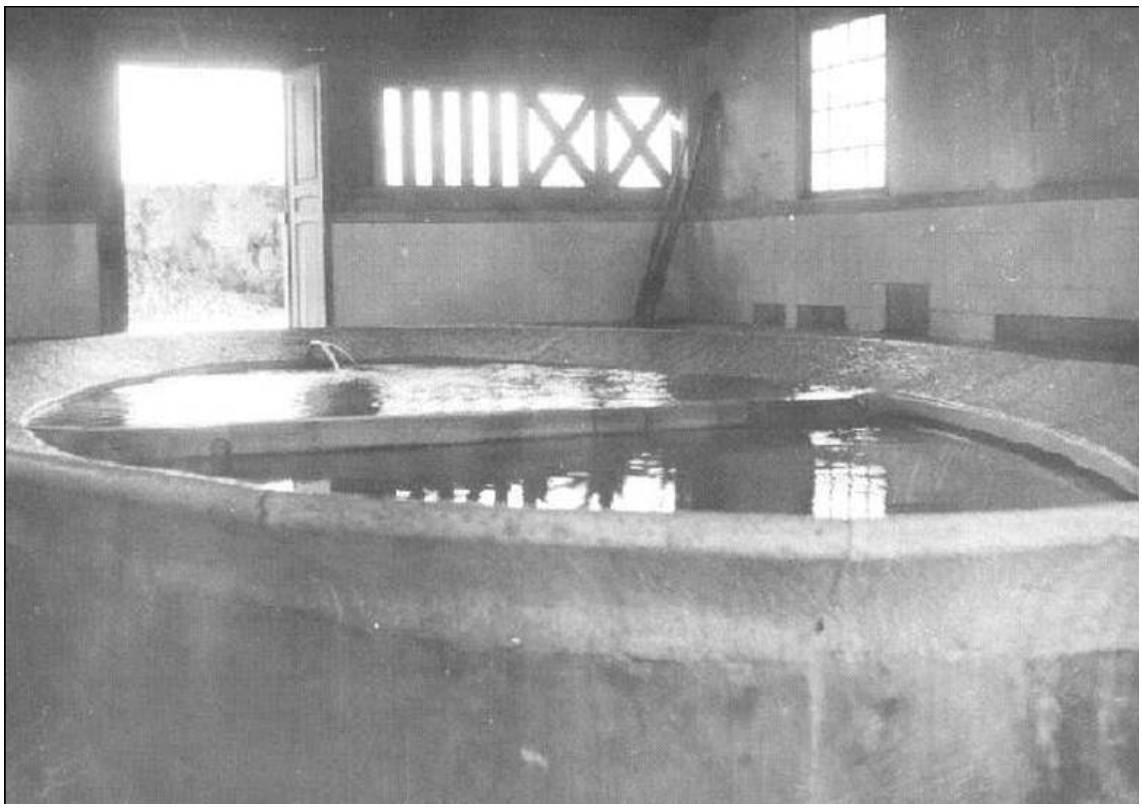
Lavadeiras no lavadouro público do rio das Fontaínhas, Caneças, Odivelas, Lisboa (1910-1947)
Arquivo Municipal de Lisboa, Paulo Guedes, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/000365
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=226753&type=PCD



Lavadouro, Pinheiro de Loures, Loures (s.d.)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur João Goulart, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/003730
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=242625&type=PCD

Lavadouro público, Lisboa (1961)
Arquivo Municipal de Lisboa, Armando Maia Serôdio, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/004230
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=242903&type=PCD

Lavadouro em Alfama, Lisboa (s.d.)
Arquivo Municipal de Lisboa, Vasco Gouveia de Figueiredo, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/000414
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=259091&type=PCD



Lavadouro do Alto Pina, Lisboa (s.d.)
Arquivo Municipal de Lisboa, Vasco Gouveia de Figueiredo, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/000419
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=259096&type=PCD

Lavadouro municipal, Évora (s.d.)
https://www.facebook.com/147474379224972/photos/a.147479979224412/389960441643030/?type=3&-theater

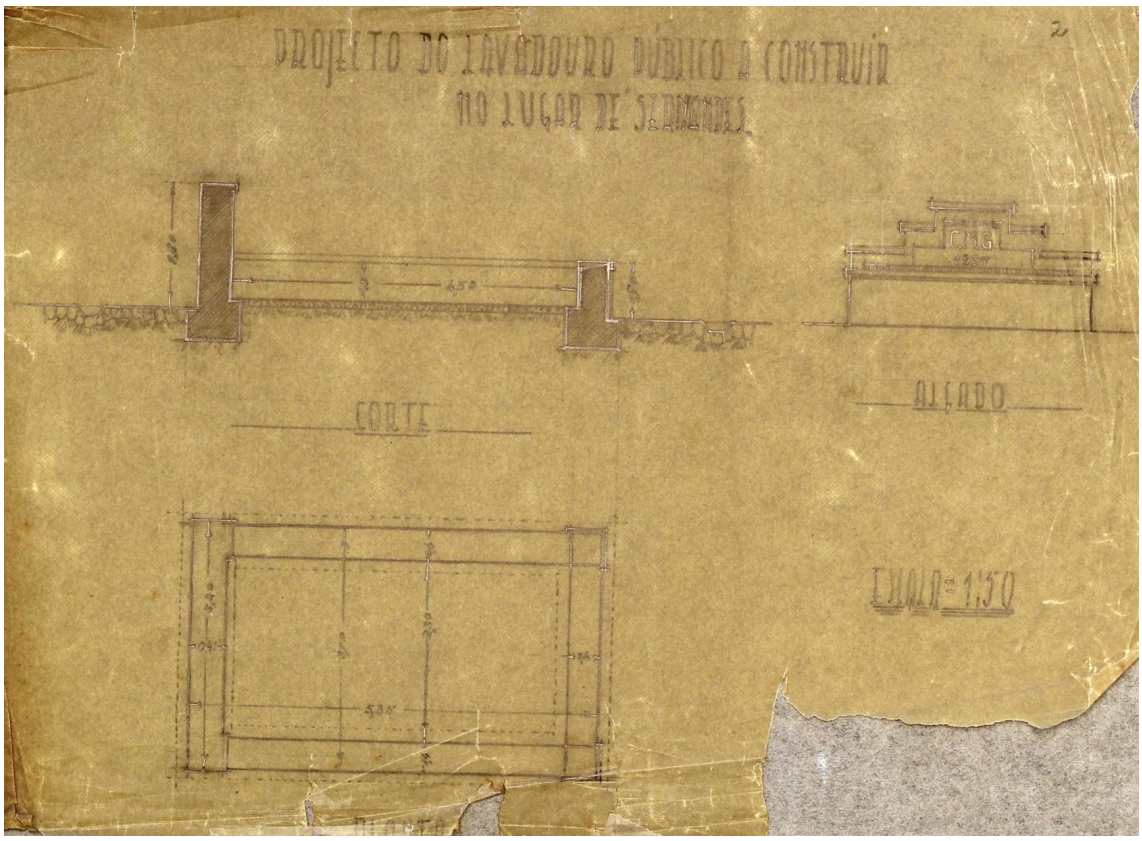
Lavadeiras, Porto (1950-1960)
Arquivo Municipal de Lisboa, Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/008223
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1028113&type=PCD

Lavadeiras de Mafamude, Vila Nova de Gaia (1914)
Página da Revista Ilustração Portuguesa, 2ª série, nº 434, 15 de Junho de 1914, p. 751
Hemeroteca Digital - ContentE v.1.6 - 2014-10-27T14:22:21, Eduardo Paulo
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1914/N434/N434_item1/P17.html

Ponte Dona Maria Pia, Porto (1910)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/806
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/47964/?q=Ponte+Dona+Maria+Pia

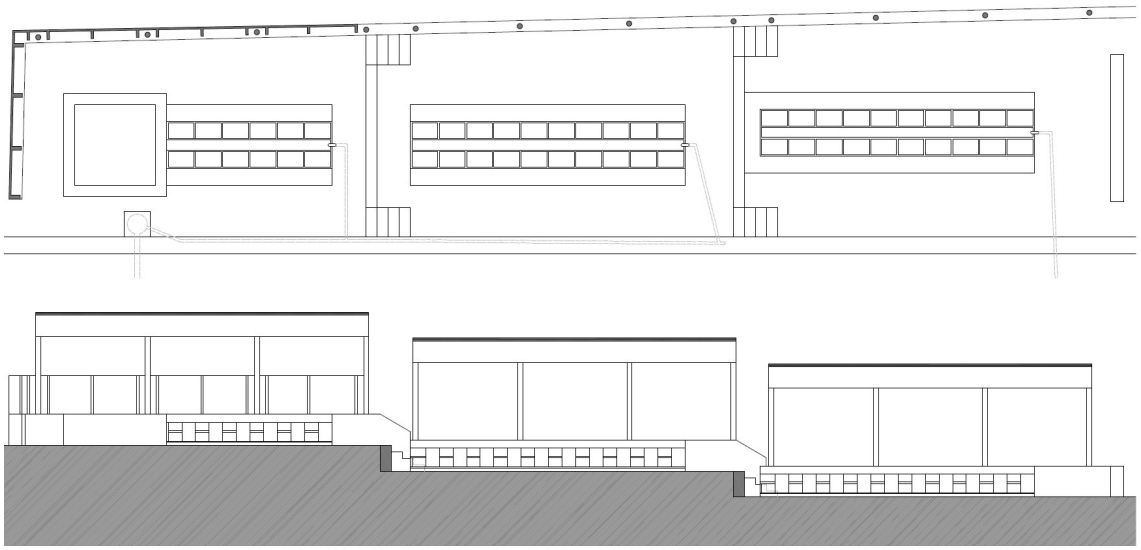
Costumes portugueses: Pego Negro: Campanhã: lavadeiras, Porto (1910)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/997
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/48476/?q=lavadeiras

Porto: lavadeira na Afurada, Vila Nova de Gaia (1910)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/2014
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/51562/?q=lavadeira



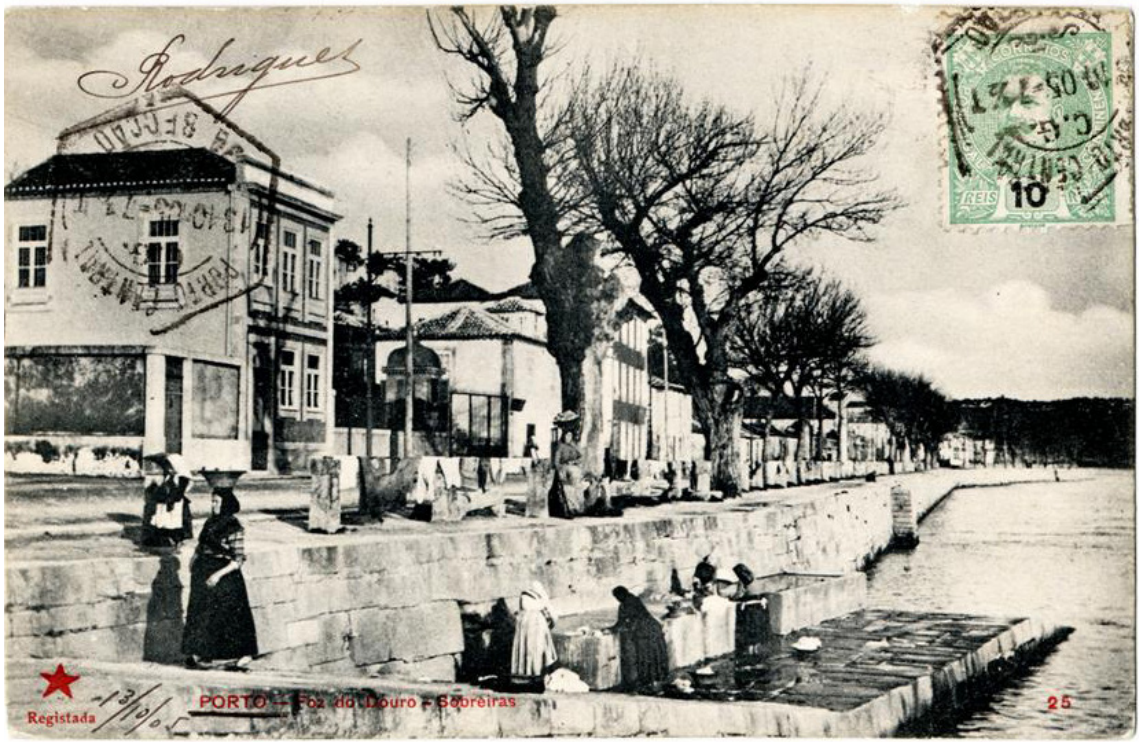
Obra municipal de lavadouro público do Lugar de Sernandes, Vila Nova de Gaia (1937)
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, F/09/III/4 - Cx. 33
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/18701/?q=Lavadouro+no+lugar+de+Sernandes+1937

Inauguração do tanque/lavadouro de Casais na freguesia de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (1936)
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, 297251
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/297251/?q=Inaugura%C3%A7%C3%A3o+-do+tanque%2Flavadouro+de+Casais+na+freguesia+de+Gulpilhares



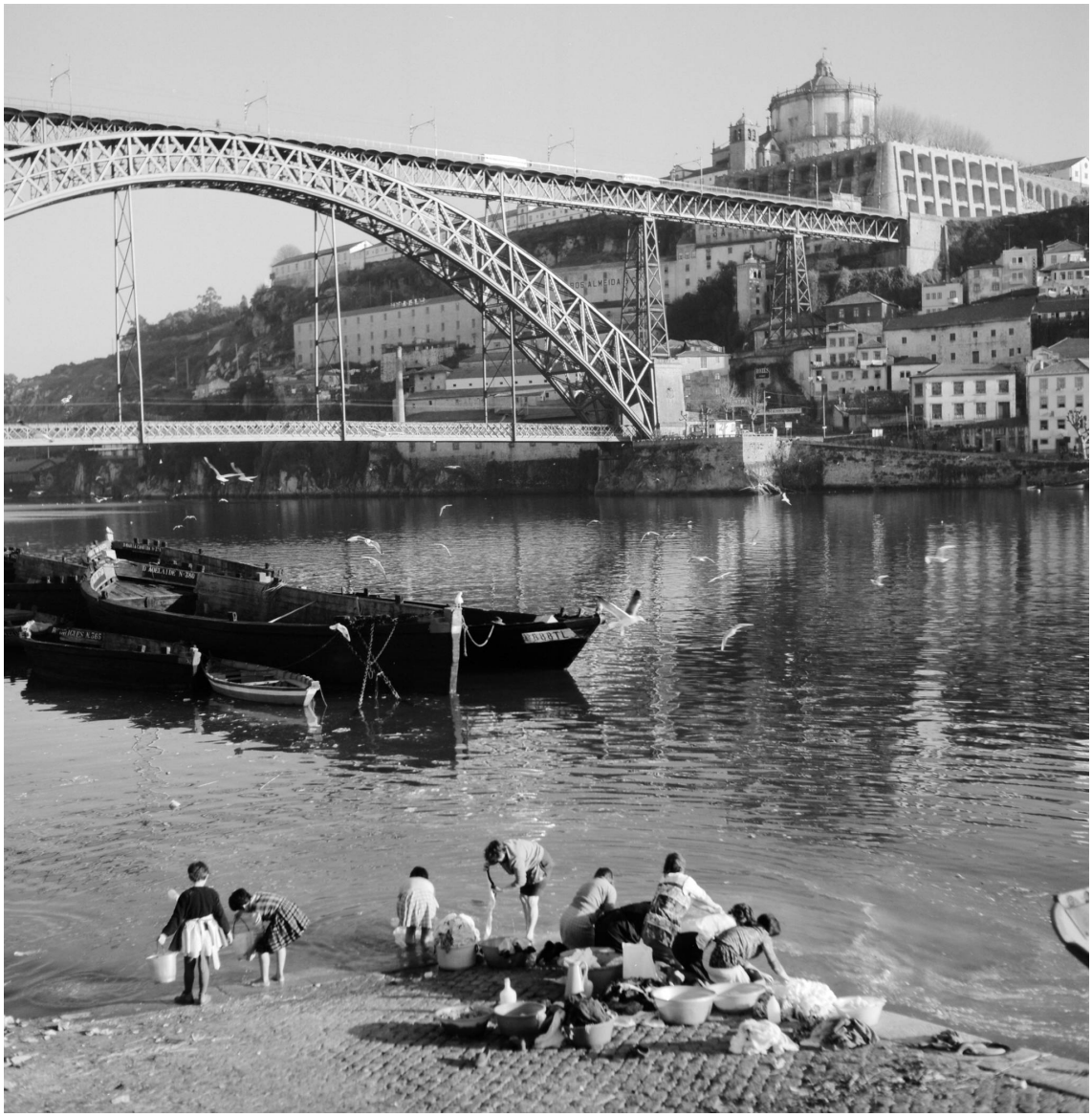
Lavadouro das Fontaínhas planta/corte
ANDRÉ, Stefanie Braz - Higiene e Desenvolvimento Urbano - O Porto na Transição entre os Séculos XIX e XX. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014, p. 95-96

Bairro Operário de Lordelo do Ouro, Porto (1947-1948)
Arquivo Municipal do Porto, F-NV/CMP/6/42
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/560349/?q=lavadouro+lordelo+ouro

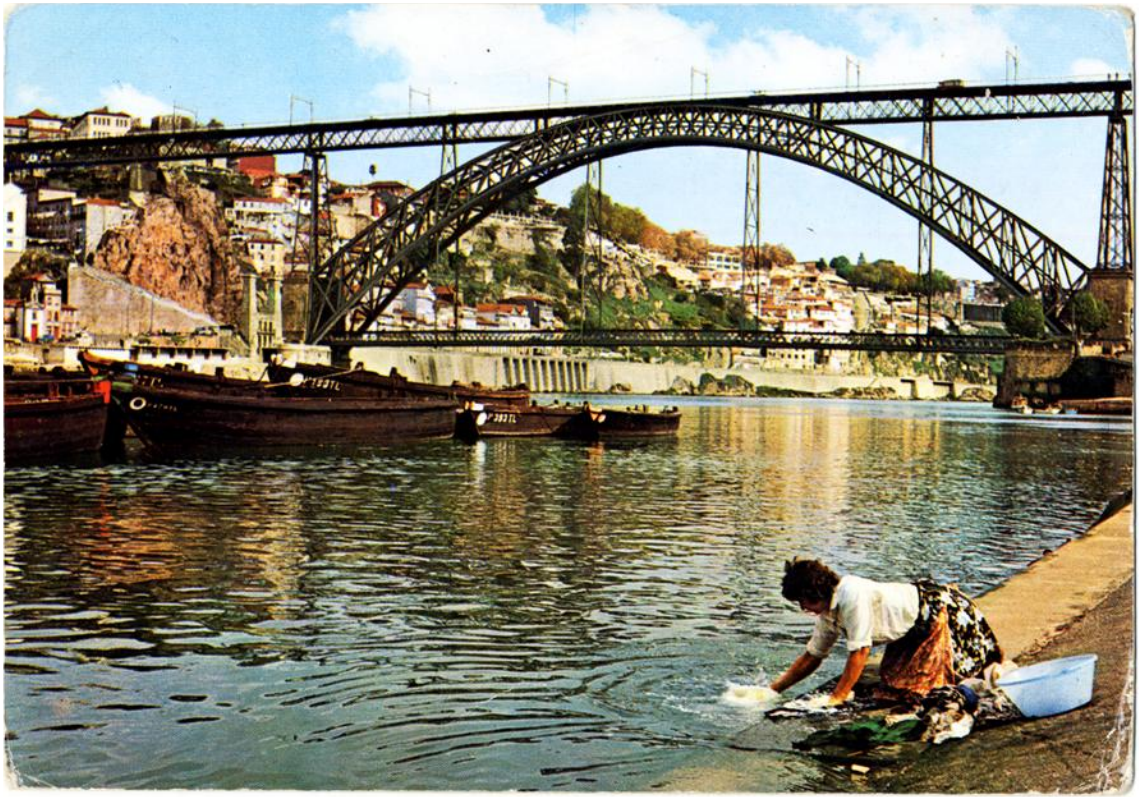


Porto: Foz do Douro: Sobreiras, (1905)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/1097
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/48680/?q=Lavadouro+1905

Porto: Lavadeiras nas margens do Rio Douro, Porto (1955-1992)
Centro Português de Fotografia
https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=10226



Lavadeiras na Ribeira, Porto (1950-1970)
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/ART/008396
https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1028290&type=PCD



Ponte Dom Luís e Rio Douro, Vila Nova de Gaia (1970-1979)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/2197
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/52422/?q=lavadeira

Margens do Rio Douro: lavadeiras no Cais da Ribeira, Porto (1964)
Arquivo Municipal do Porto, F-NP/CMP/4/1837
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/275984/?q=lavadeiras

Porto: Portugal: lavadeiras no Rio Douro, Porto (197-?)
Bilhete postal
Arquivo Municipal do Porto, D-PST/3335
https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/464031/?q=lavadeiras

Tanques comunitários do Freixo, Porto
Paulo Providência
Cortesia de Paulo Providência

Tanques comunitários do Freixo, Porto
Paulo Providência
Cortesia de Paulo Providência

Lavadouro das Fontaínhas, Porto
Paulo Providência
Cortesia de Paulo Providência

Lavadouro das Fontaínhas, Porto
Paulo Providência
Cortesia de Paulo Providência

BALNEARIOS E LAVADOUROS

(Brigada S.A.A.L. da zona da Sé)

PORTO

JOSÉ MANUEL GIGANTE

FOTOGRAFIA
José Gigante

PROJECTO
1974/75

CONSTRUÇÃO
1981

Os balneários e lavadouros construídos integravam-se no projecto de um conjunto de equipamentos colectivos distribuídos ao longo de um terreno, com cerca de 20 metros de desnível, situado entre a Rua dos Mercadores e Rua de Santana.

Pensados na articulação com um novo percurso público que, estabelecendo uma ligação mais directa entre as partes alta e baixa do bairro se cruzaria, a uma cota intermédia, com um outro percurso transversal traçado no seguimento da antiga Viela do Colégio (a revitalizar), o volume dos balneários e lavadouros permanece, no seu discurso interrompido, como único sinal construído do trabalho da Brigada SAAL da zona da Sé. Um sinal insignificante face à dimensão do processo então desenvolvido e completamente ignorado nas ulteriores intervenções na zona.

0 volume formado pelos balneários e lavadouros surge num local e a uma cota que o desligam das fiadas contínuas de casas que marginam as ruas de Santana e dos Mercadores.

À sua volta, o elemento predominante é a pedra, nos muros de suporte dos socalcos e nas empenas dos edifícios vizinhos em cujas traseiras se erguem pequenos volumes sobrelevados.

A composição da nova construção surge da combinação destas referências, traduzida na justaposição de dois elementos: a base de forma regular e compacta onde, na cor e densidade do betão aparente, se ensaia uma aproximação às superfícies de pedra envolventes; e a cobertura em telhado que, apoiada nesta base, dela se destaca sobre uma estrutura de ferro e madeira, definindo um espaço tradicionalmente semi-público, e visualmente articulado com o percurso público.
Dois elementos complementares, unidos e dimensionados pela escala do lugar.

A aposta numa continuidade relativamente à paisagem urbana envolvente não significa nesta obra a negação de uma clara expressão dos materiais que utiliza.
Porque não é na imitação e no "pastiche" - como visão redutora do processo arquitectónico - que reside a solução para essa continuidade.

À coerência construtiva e legibilidade estrutural dos edifícios do velho burgo deverá sim corresponder uma concepção na qual a sensibilidade ao "cenário" urbano envolvente não signifique um desprezo pela organicidade intrínseca a cada unidade arquitectónica, considerada em si própria e na relação com o meio em que se insere.
Uma continuidade que não é só da figura, mas sobretudo do próprio processo de pensar e construir a arquitectura.

A T E L I E R 1 5
a r q u i t e c t u r a , l d a

ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO DO LAVADOURO PÚBLICO DO CENTRO CÍVICO DA AFURADA

Memória Descritiva

Implantação

As razões para a proposta de implantação do Lavadouro Público do Centro Cívico da Afurada foram justificadas na Memória Descritiva do Plano de Pormenor da Afurada – Estudo Prévio, já entregue, e reproduzidas no texto metodológico referente à consulta para a elaboração do projecto de execução para aquele equipamento.
A razão da implantação do lavadouro e estendal anexo no lugar indicado no desenho prendeu-se com razões de ordem histórica, funcional e simbólica. A colocação do lavadouro numa cota baixa permite com facilidade a utilização da água do ribeiro (esperemos que, entretanto, despoluído), a partir de um pequeno açude que, além do mais, pode ser um elemento enriquecedor no arranjo paisagístico do parque lúdico e desportivo. Propomos, ainda, a manutenção do estendal no local tradicional, como espécie de mediador entre a vida urbana e a paisagem, para além das vantagens evidentes de boa insolação, noutro lugar mais interior menos favorável.
O lavadouro que, nessa função, se admite venha a ter uma durabilidade limitada no tempo, implantado a eixo de uma passagem para o Centro Cívico, no enfiamento da fachada do proposto edifício cultural de natureza religiosa, ganhará a dimensão simbólica de monumento, espécie de homenagem a uma vivência, feminina e tão intensa, do passado.

A ideia do projecto

A opção por uma planta central, desde muito cedo assumida, tem a ver com alguns aspectos de natureza simbólica e também funcional. Por um lado os edifícios de planta central, neste caso quadrada, sobretudo quando não são marcados por uma entrada única, não determinam uma orientação que os prenda a qualquer contexto e ganham uma grande autonomia formal que os aproxima do conceito de monumento. A desmultiplicação das entradas ajuda, ainda, à ausência de relações preferenciais com a envolvente, acentuando-lhe uma pertença colectiva e não sectorial. Por outro lado, a referida centralidade, confere ao seu uso um carácter de concentração colectiva num ponto único, conferindo-lhe qualidades espaciais que favorecem a conviviabilidade. A cobertura de quatro águas "invertidas", que se abre sobre um tanque central, assim intensamente iluminado e receptor de todas as águas limpas, acentua-lhe os significados pretendidos.
Caso venha a verificar-se necessário um eventual resguardo, será possível encerrar o lavadouro construindo-se, para isso, portas envidraçadas de modo a não prejudicar a transparência pretendida. A sua pormenorização e estimativa de custo são entregues como anexo.
A construção, de um só piso, terá uma forma quadrada, com 14 m de lado. O pavimento será em lajeado de granito. Os tanques, quatro para lavar e quatro para enxaguar, serão construídos em alvenaria de granito. Exceptuando os vértices do quadrado e as quatro aberturas correspondentes às suas meridianas, os pilares de suporte da cobertura são unidos por paredes de alvenaria de tijolo, que, não atingindo a cobertura, deixam amplas aberturas de iluminação. O seu interior, formando prateleiras, será revestido com azulejo. Todos os restantes paramentos verticais, pilares e paredes, serão forrados com placagem de granito. A cobertura, na sua face interna, será de betão descofrado pintado. Por razões de durabilidade e especialmente porque o lavadouro será um objecto arquitectónico de referência com muita presença quando visto das cotas superiores, situação que caracteriza a morfologia da Afurada, a cobertura será revestida com camarinha de zinco.

Sociedade por Quotas · Capital Social: 5.700 € · Matric. na Cons. do Registo Comercial do Porto nº 1031 · Contribuinte nº 502 953 411
atelier15@netc.pt · Sede: Rua João Baptista Lavanha, 33 - 2º esq. 4150-412 Porto · Escritório: Rua 15 de Novembro, 61 4100-421 Porto · telef.: 226052010 · fax: 226052019

A T E L I E R 15
a r q u i t e c t u r a , l d a

Todo o sistema de abastecimento dos tanques - para o qual se prevêm 4 tipos: águas pluviais, furo a concretizar, aproveitamento da água da ribeira de Santarém (quando despoluída) e, como recurso, água do abastecimento público - é feito através da entrada e recepção de água no tanque central, criando assim uma espécie de fonte, que distribui a água pelos tanques periféricos destinados à lavagem propriamente dita.
Acrescente-se ainda, que se admite ser provável, por diversos factores e por alteração dos costumes, que a utilização do lavadouro possa reduzir-se ao longo dos anos, chegando mesmo a ficar inactivo na sua função principal. Se esta hipótese se vier a concretizar é sugerido que este lavadouro seja modificado no que for necessário, de forma a constituir-se como referência histórica. Julgamos que com as infraestruturas de abastecimento e drenagem de água, que vão ser entretanto construídas na envolvente deste equipamento, não haverá no futuro, se tal se justificar, qualquer dificuldade em proceder, então, a uma reformulação dos respectivos circuitos.

Porto, Dezembro de 2002

Sociedade por Quotas · Capital Social: 5.700 € · Matric. na Cons. do Registo Comercial do Porto nº 1031 · Contribuinte nº 502 953 411
atelier15@netc.pt · Sede: Rua João Baptista Lavanha, 33 - 2º esq. 4150-412 Porto · Escritório: Rua 15 de Novembro, 61 4100-421 Porto · telef.: 226052010 · fax: 226052019

De pedras a lavadouros

Evolução no contexto português

Ana Beatriz Coelho Ruivo

FACULDADE DE ARQUITETURA